



**PROFHISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

---

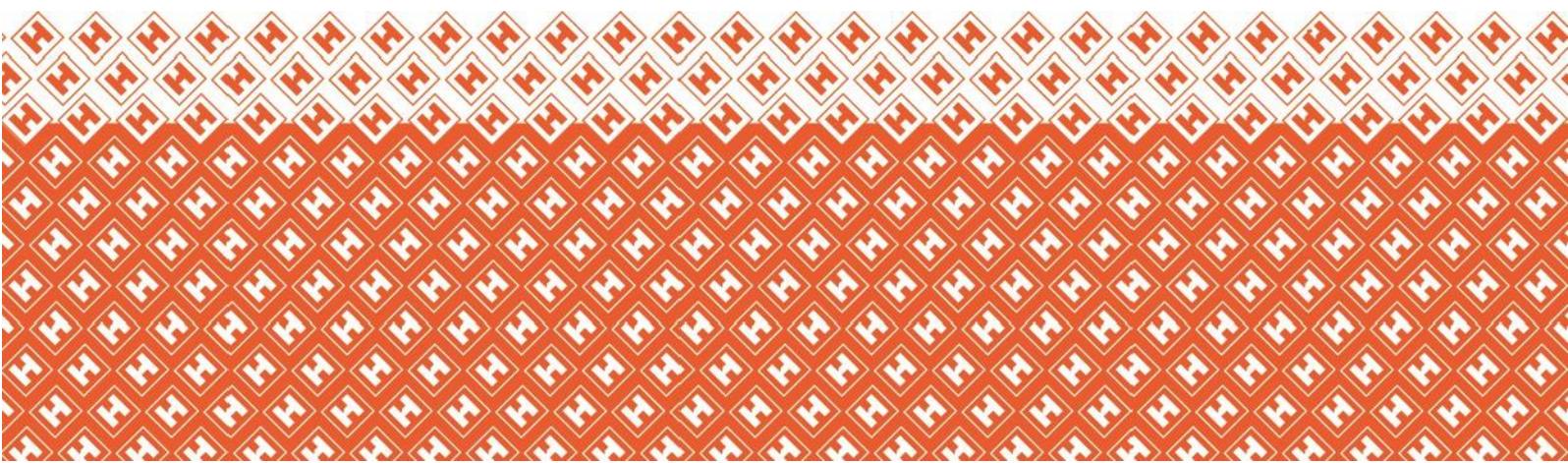
JOSUÉ MAGALHÃES FERREIRA

# O Museu da Imagem e do Som de Iguatu–MIS: museu e memória na Educação Básica



Universidade Regional do Cariri–URCA

Outubro/2021



Josué Magalhães Ferreira

**O Museu da Imagem e do Som de Iguatu-MIS: museu e memória na Educação  
Básica**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória da Universidade Regional do Cariri com parte da obtenção do título de mestre.

Área de concentração: História/Ensino de História

Orientadora: Profa. Dra. Paula Cristiane de Lyra Santos.

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri –  
URCABibliotecária: Ana Paula Saraiva de Sousa CRB 3/1000

Ferreira, Josué Magalhães.  
F383m o Museu da Imagem e do Som de Iguatu-MIS: museu e  
memória na educação básica/ Josué Magalhães Ferreira. –  
Crato-CE, 2021.  
155p.

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado  
Profissional em Ensino de História – ProfHistória da  
Universidade Regional do Cariri – URCA  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Paula Cristiane de Lyra Santos.

1. Ensino de história, 2. Museu da Imagem e do Som de  
Iguatu, 3. Patrimônio material, 4. Memória; I. Título.

CDD: 069.5

Josué Magalhães Ferreira  
O Museu da Imagem e do Som de Iguatu-MIS: museu e memória na Educação  
Básica

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de  
História-PROFHISTÓRIA da Universidade Regional do Cariri-URCA para obtenção do  
título de Mestre em História em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Paula Cristiane de Lyra Santos (Orientadora)

---

Prof. Dr. Cícero Joaquim dos Santos (membro interno)

---

Prof. Dr. José Italo Bezerra Viana (membro externo)

Ao meu pai, Antônio Alves Ferreira, e à  
minha falecida mãe, Maria de Sales  
Ferreira, e aos meus irmãos.

De modo especial, à minha mulher, Aletta  
Maria Pereira de Sousa, e ao meu querido  
e amado filho, Isaac Pereira Ferreira.

À toda a comunidade educacional do meu  
querido estado do Ceará e do Brasil.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Regional do Cariri (URCA), pela oportunidade de participar do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) e desenvolver esta pesquisa.

Aos professores do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri, por terem lutado pela implementação do PROFHISTÓRIA.

Aos colegas e amigos do PROFHISTÓRIA-URCA, por estarem sempre nos incentivando a nunca desistir da jornada no curso e na sala de aula, por instigarem os debates em sala e no cotidiano, especialmente aos colegas Maria Vanessa, Antônio Pereira, pelas caronas voltando, e ao meu amigo Wanderson Diogo Andrade da Silva, este por me ajudar as muitas vezes que lhe recorri ao seu socorro.

Agradeço aos meus amigos de luta, professores da rede estadual e municipal, que me ajudaram no processo de colher dados para a pesquisa: meu amigo Rivânio Raimundo de Sousa, o amigo Anderson Olinda de Albuquerque, o amigo Francisco das Chagas Magalhães Silva e Neto, o amigo George do Amaral Pereira, minha amiga Iasmim Carmo Rodrigues, minha amiga Shirley Henrique Santiago, e todos os amigos professores de História que enfrentam a jornada de levar aos nossos alunos da rede pública de educação esperanças de dias melhores e uma formação digna.

Agradeço à minha orientadora, professora Dra. Paula Cristiane de Lyra Santos. O meu profundo agradecimento pelo apoio, compreensão, sinceridade e por trazer ótimas reflexões à pesquisa.

A todos os professores do PROFHISTÓRIA, que lecionaram no curso durante nossa jornada: professora Dra. Ana Izabel Cortez, professora Dra. Sônia Menezes, professora Dra. Rosilene Melo, professor Dr. Egberto Melo, professor Dr. Darlan Reis, professor Dr. Titus Riedl, este, além das suas aulas, na hora do intervalo, acontecia outra aula com bons sabores e as conversas sempre muito enriquecedoras.

À minha falecida mãe, Maria de Sales Ferreira, por me trazer à vida, e ao meu querido pai, Antônio Alves Ferreira, por me ensinar a lutar por dias melhores, buscando sempre me incentivar e mostrar o caminho certo na jornada da vida.

Aos meus irmãos Maria Assunção Magalhães Ferreira, Zacarias Magalhães Ferreira, Raimundo Nonato Ferreira Magalhães, Rozilda Magalhães

Ferreira, Rita Magalhães Ferreira, Antônia Magalhães Ferreira, Francisco Marcelo Magalhães Ferreira, José Magalhães Ferreira e Adriana Magalhães Ferreira.

Aos meus sobrinhos Natália, Everson, Felipe, Antônio Elias, Tadeu, Elizeu, a linda Júlia e Natanael, e a todos meus queridos primos. Quero lembrar de todos os meus amigos que me incentivaram a não parar na luta dos estudos.

À família da minha companheira Aletta Maria, sua mãe, Maria Aldeian, seu pai, Juvenal Pereira, suas tias Maria Aniran e Maria, a irmã de Aleta, Kamilla, seu irmão Ítalo, sua amiga Lúcia e seu filho Gabriel, obrigado a todos.

Ao meu querido filho, Isaac Pereira Ferreira, minha fonte inesgotável de inspiração, meu suporte, minha vontade de vencer os obstáculos, meu consolo, meu porto seguro e meu querer acordar todo dia.

À minha querida mulher, Aletta Maria Pereira de Sousa, por me acompanhar nessa jornada, me incentivando e me ajudando nos momentos difíceis, buscando sempre me aconselhar, me mostrando que, com fé em Deus, venceremos todos os obstáculos. Obrigado por me oferecer seu amor a esse humilde homem; sem você a luta seria complicada, você me sustenta na busca por dias melhores.

Por fim, quero agradecer imensamente ao nosso senhor Jesus Cristo e a Deus pai todo poderoso, pela infinita bondade divina de nos conceder a vida, o amor, a esperança, a sabedoria, o poder do raciocínio, o pão nosso de cada dia e mostrar os caminhos do bem, da verdade, da ternura da solidariedade e da certeza de dias melhores.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 1997).

O museu de maravilhas requer obras fascinantes, obras-primas famosas ou singularidades notáveis que são oferecidas à administração ou ao espanto do espectador: ele é o lugar de revelações mais ou menos aguardadas ou previsíveis, que devem fazer surgir diversas significações. Essa tradição evoca os gabinetes de curiosidades encarregados de mostrar o mundo a seus visitantes. O museu, cujo princípio se apoia em estabelecer ressonâncias, expõe ao contrário objetos ou obras que dão testemunho de referências compartilhadas. A coleção remete a um corpus erudito que induz a uma iniciação, a conhecimentos suscetíveis de serem ampliados, segundo os princípios de uma museologia surgida no decorrer das décadas 1920-1930, mas cujas diretrizes remontam aos museus didáticos do século XIX, os quais chegavam inclusive a utilizar reproduções de artefatos exteriores e suas coleções. (POULOT, 2013).

## RESUMO

Procuro apresentar a dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) o Museu da Imagem e do Som de Iguatu (MIS-IGUATU), na busca de compreender o espaço do museu, seu acervo, sua estrutura física, seus objetos, suas lembranças e memória e sua história como instituição pertencente à cidade de Iguatu e sua comunidade. No intuito de compreender aquele espaço museológico e sua função social, utilizei o próprio museu como inspiração para a pesquisa e estudo, fotografando peças de seu acervo, o livro de assinatura de visitas, um livro que contém o projeto de lei municipal nº 009/89, que criou o museu de Iguatu. Apoiado em um questionário aplicado aos professores da rede de ensino público de Iguatu. Faço uma análise das visitas realizadas pelos professores ao museu e problematizo os dados coletados com o propósito de entender o museu e sua importância para a cidade. No final montei um produto final com termos de uso comum na museologia e tem como propósito, auxiliar professores e alunos que queiram fazer estudos, curiosidades ou pesquisas na área de museus.

Palavras-chave: Ensino de História; Museu da Imagem e do Som de Iguatu; Patrimônio material; Memória.

## ABSTRACT

I seek to present the dissertation of the Professional Master's Degree in History Teaching (PROFHISTORY) the Museum of Image and Sound of Iguatu (MIS-IGUATU), in an attempt to understand the museum's space, its collection, its physical structure, its objects, its memories and memory and its history as an institution belonging to the city of Iguatu and its community. In order to understand that museum space and its social function, I used the museum itself as an inspiration for research and study, photographing pieces from its collection, the visitor's signature book, a book containing the municipal bill No. 009/89 , who created the Iguatu Museum. Supported by a questionnaire applied to teachers in the public education network in Iguatu. I analyze the visits made by teachers to the museum and discuss the data collected in order to understand the museum and its importance to the city. In the end I put together a final product with terms of common use in museology and its purpose is to help teachers and students who want to do studies, curiosities or research in the area of museums.

Keywords: History Teaching; Museum of Image and Sound of Iguatu; material heritage; Memory.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Prédio da Praça XV do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.....	25
Figura 2 –	Sede Lapa do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro..	26
Figura 3 –	Fachada do Museu da Imagem e do Som do Paraná.....	34
Figura 4 –	Entrada do Museu da Imagem e do Som de São Paulo.....	38
Figura 5 –	Cópia da carta de Princípios e Finalidades do MIS de São Paulo (1970).....	40
Figura 6 –	Fachada da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, onde se localizada o Museu da Imagem e do Som do Ceará...	44
Figura 7 –	Prédio atual do Museu da Imagem e do Som do Ceará.....	45
Figura 8 –	Maquete digital do kit didático de fotografia do MIS-CE, elaborado por Francisco Aragão.....	49
Figura 9 –	Maquete digital do kit didático de fotografia do MIS-CE, elaborado por Francisco Aragão.....	51
Figura 10 –	Fachada do MIS de Iguatu.....	53
Figura 11 –	Exposição das fotografias de ex-prefeitos de Iguatu-CE.....	61
Figura 12 –	Projetores de antigos cinemas da cidade expostos no MIS Iguatu.....	64
Figura 13 –	Ilustrações de blocos carnavalescos expostas no MIS Iguatu...	68
Figura 14 –	Calculadora mecânica.....	72
Figura 15 –	Relógio de parede.....	72
Figura 16 –	Flauta de Humberto Teixeira.....	72
Figura 17 –	Cédulas antigas expostas no MIS de Iguatu.....	77
Figura 18 –	Moedas antigas expostas no MIS-Iguatu.....	77
Figura 19 –	Vista da entrada do Museu histórico do Ceará.....	118
Figura 20 –	Fachada do Prédio do Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nunes.....	119
Figura 21 –	Imagem da frente do Museu da Imagem e do Som da cidade de Iguatu.....	120
Figura 22 –	Imagem representativa de patrimônio material – Vista do Centro Histórico de Outro Preto (MG).....	128
Figura 23 –	Passistas de frevo dançam em Olinda com suas sombrinhas...	129

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRACCINE	Associação Brasileira de Críticos de Cinema
CERES	Centro de Referência Cultural
CD	<i>Compact disc</i>
CNM	Cadastro Nacional de Museus
DVD	<i>Digital Versatile Disc</i>
EEEP	Escola Estadual de Educação Profissional
EEMTI	Escola de Ensino Médio em Tempo Integral
EM	Estatuto de Museus
FEMURJ	Fundação Estadual de Museus do Rio de Janeiro
FHC	Fernando Henrique Cardoso
FUNARJ	Fundação de Artes do Rio de Janeiro
ICOM	Conselho Internacional de Museus
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MAC	Museu de Arte Contemporânea do Ceará
MAUC	Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
MHAC	Museu Histórico e Antropológico do Ceará
MIS	Museu da Imagem e do Som
MIS-PR	Museu da Imagem e do Som do Paraná
MIS-SP	Museu da Imagem e do Som de São Paulo
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PROFHISTÓRIA	Mestrado Profissional em Ensino de História
RJ	Rio de Janeiro
RS	Rio Grande do Sul
SECULT	Secretaria da Cultura do Estado do Ceará
SESC	Serviço Social do Comércio
SP	São Paulo
STM	Sistema Brasileiro de Museus
UBC	União Brasileira de Compositores
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNIRIO	Universidade do Rio de Janeiro
URCA	Universidade Regional do Cariri
TV	Televisão
VHS	<i>Video Home System</i>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>MUSEUS DA IMAGEM E DO SOM NO BRASIL: A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE MEMÓRIA DA CULTURA.....</b>	<b>21</b>
<b>2.1</b>	<b>Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (1965).....</b>	<b>25</b>
<b>2.2</b>	<b>Museu da Imagem e do Som do Paraná (1969).....</b>	<b>34</b>
<b>2.3</b>	<b>Museu da Imagem e do Som Paulista (1970).....</b>	<b>37</b>
<b>2.4</b>	<b>Museu da Imagem e do Som do Ceará (1980).....</b>	<b>45</b>
<b>3</b>	<b>O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO MIS DE IGUATU E SUAS ESPECIFICIDADES ENQUANTO EQUIPAMENTO MUSEAL.....</b>	<b>54</b>
<b>3.1</b>	<b>Acervo e memória no Museu da Imagem e do Som de Iguatu....</b>	<b>59</b>
<b>4</b>	<b>COLETA E ANÁLISE DE DADOS REFERENTES AO QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>89</b>
<b>5</b>	<b>TERMOS PARA USO NO ENSINO DE HISTÓRIA QUANDO RELACIONADO A MUSEUS.....</b>	<b>118</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>139</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>142</b>
	<b>ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA DA URCA.....</b>	<b>145</b>
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES.....</b>	<b>148</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A escolha de trabalhar o Museu da Imagem e do Som (MIS) de Iguatu/CE, como tema da dissertação de mestrado, junto ao Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), surgiu nas discussões e debates na disciplina de Teoria da História, ofertada no referido Mestrado Profissional. Um texto que foi debatido na disciplina Teoria da História, disciplina ministrada pelas professoras Dra. Sônia Menezes da Silva, e Dra. Rosilene Alves de Melo, despertou a curiosidade de entender como o referido museu é apropriado pela sociedade de Iguatu.

Localizando-se geograficamente, Iguatu é um município brasileiro, localizado na região centro-sul do estado do Ceará, configura-se como principal pólo econômico da região centro-sul. É cortada pelo Rio Jaguaribe, possui clima semiárido e uma das suas características principais são as inúmeras lagoas, como lagoa da Bastiana, lagoa do Baú, Lagoa do Barra alto e lagoa da telha, nome pelo qual era chamada antiga vila. Há o açude Trussu, este é a principal fonte hídrica que abastece a cidade no período de estiagem, junto ao Rio Jaguaribe, de onde se retira boa parte da água utilizada nas irrigações de frutíferas, verduras e leguminosas.

Nesse trabalho, procurando objetivar um texto que possa contribuir com a comunidade iguatuense, busco, com este estudo, compreender como o MIS Francisco Alcântara Nogueira, de Iguatu, é apropriado pela sociedade de Iguatu em diversas experiências sociais, mas, principalmente, por professores quando se faz uso do equipamento com seus alunos do nível de ensino médio dessa cidade e região. Objetiva-se compreender o museu como um espaço para a produção do conhecimento histórico, principalmente como recurso para a Educação Básica, identificando o seu uso na comunidade escolar, problematizando conceitos como História e Memória.

Procuro mapear o espaço do museu e seus personagens, quais são as principais figuras ilustres da cidade, quem mantém o museu funcionando em relação a parte financeira, seus principais colaboradores em relação aos objetos do acervo. E, por fim, produzir um capítulo final, onde serão conceituados alguns termos de conhecimentos museológicos, históricos e sobre memória para auxiliar professores, alunos e comunidade em geral, que queiram fazer uso didático em pesquisas sobre o

assunto, e isso possa contribuir pedagogicamente aos interesses ligados a questão museal e da produção historiográfica ligada a este campo de estudos.

Assim, alguns textos das disciplinas no curso do PROFHISTÓRIA tiveram uma importância fundamental para o desenvolvimento da dissertação e da escola pelo assunto debatido sobre o museu, como o texto da historiadora Luciana Quillet Heymann, intitulado *De “arquivo pessoal” a “patrimônio nacional”: reflexões acerca da produção de “legados”*. Nesse artigo, a autora explora a produção da memória como estudo das ciências sociais a partir de alguns teóricos, como Paul Ricoeur, Pierre Nora, Halbwachs e Pollak.

É interessante notar que o debate acontece buscando relacionar memória e História, e tem uma grande importância para discussões do papel das fontes. Como nos lembra a autora:

Por via de regra, essa discussão recai sobre temas como a relação do historiador com as fontes, a seleção e a crítica de fontes, as diversas tipologias de fontes, ou mesmo os sentidos conferidos a estas, como sugerido nos debates sobre a passagem de documento a monumento, apenas para citar alguns. (HEYMANN, 2005, p. 1).

Desse modo, podemos notar que o texto de Heymann (2005), acima citado, nos leva ao mundo das fontes, matéria prima do historiador na sua produção do conhecimento histórico. Assim, foi possível relacionar esse texto com o MIS da cidade de Iguatu, já que o referido museu pode ser entendido como um equipamento que, dependendo do uso que seja dado pelos usuários do mesmo, pode vir a contribuir como um local de produção de versões sobre a história local.

Ganha corpo nesse texto o debate sobre as fontes como dimensão social, já que são registros transformados em fontes históricas, onde os arquivos privados são de uma consulta mais direta e, em sua maioria, relatam uma trajetória de uma personagem considerada relevante pelos criadores do equipamento. Assim, Heymann (2005) defende um ponto de vista em que o arquivo pessoal, ou privado, deve ser visto como objeto sociológico e histórico, permitindo revelar ideários políticos, projetos pessoais e processos sociais neles investidos.

O estudo propõe uma linha de pensamento em que relaciona os arquivos pessoais dentro de uma visão sociológica dos processos de construção da memória histórica, onde os acervos pessoais são convertidos em patrimônio nacional. Nessa perspectiva, procuro relacionar o MIS de Iguatu com essa ideia de Memória e História

no referido município do museu. Aqui, estou falando da produção de “legados”, sejam eles políticos, ideológicos ou mesmo de um legado local relacionado à memória e história da cidade.

O texto passa a ter uma significação muito interessante em relação à memória e História quando trata da análise empírica de duas instituições de memória: a Fundação Darcy Ribeiro e o Instituto Fenando Henrique Cardoso. Segundo Heymann (2005, p. 8):

A escolha dessas instituições deveu-se a uma reflexão sobre possíveis paralelos entre os personagens, cujas trajetórias tiveram início na vida acadêmica, mas cujos legados estão fundamentalmente associados à atuação política, tanto do ponto de vista de uma identidade auto-proclamada quanto de reconhecimento social.

Logo, vemos que há, também, outras afinidades entre esses dois personagens que a autora escolheu para falar sobre as respectivas instituições: ambos serem sociólogos e têm suas vidas acadêmicas com uma produção de uma literatura voltada para a sociologia, podendo destacar que suas instituições foram criadas pelos próprios indivíduos. Desse modo, tais instituições guardam seus acervos pessoais que se transformaram em espaços de monumentalização, produção da memória e fontes históricas.

Outro texto que chamou atenção na disciplina, e que uso como apoio nesta dissertação, é da historiadora Fernanda Monteiro, *Reflexões epistemológicas dos Arquivos e o do fazer arquivístico enquanto instrumentos de poder*. Procurei relacionar esse texto com o MIS de Iguatu pelo fato de o texto falar da preocupação que o mundo teve na produção da memória na década de 1980, como lembra a autora:

A partir da década de 1980, a memória emerge como uma questão central nas sociedades contemporâneas. Há uma preocupação política e cultural com a volta ao passado no sentido de se tentar preservar e guardar todos os elementos que possam de alguma forma influenciar o presente e o futuro, configurando o que Andreas Hussien identificou, em uma alusão a Koselleck como sendo o deslocamento dos chamados “futuros presentes”, que marcaram as primeiras décadas da modernidade do século XX, para os “passados presentes”, no qual o passado passou a ser muito mais valorizado. (MONTEIRO, 2014, p. 1).

Estudando o MIS, percebi que a sua fundação aconteceu justamente no final da década de 1980, ou seja, é contemporâneo ao recorte temporal identificado pela autora. Logo, achei interessante relacionar o referido texto, que fala da

preocupação da sociedade moderna em guardar e preservar alguns elementos da política, da cultura e da memória, e criei a hipótese de que podemos entender a fundação da referida instituição com uma relação com essa preocupação de se preservar e guardar elementos da cultura política, histórica, social e cultural, local e nacional.

Nada mais emblemático do que um museu para essa tarefa. É claro que o texto remete mais aos arquivos como espaço dessa função, mas a autora nos lembra que esses espaços também estão relacionados ao processo de musealização que acontece no mundo naquele momento. Conforme Monteiro (2014, p. 1):

Huysen analisa a memória como uma obsessão cultural, momento em que o mundo está sendo arquivado e musealizado com o objetivo de se conseguir recordação total, trocando o conceito de processo pela valorização das tradições. E memória passa a ser comercializada por um motivo político, pois há a presentificação do passado.

Desse modo, achei oportuno relacionar esse texto ao MIS de Iguatu, buscando encontrar nesse espaço um local onde há uma preocupação das autoridades, que criaram o museu, como um lugar de preservação de recordações, da histórias e memórias de figuras políticas, culturais e sociais da cidade de Iguatu.

O terceiro texto que me chamou atenção na disciplina de teoria, sobre o assunto museu e memória, foi da autora Aleida Assmann, parte VI, *Memória funcional e memória cumulativa*, que está no livro *Espaços da recordação*. No mesmo, a autora fala sobre os conceitos de Memória e História a partir de três teóricos, dentre os quais está Friedrich Nietzsche que, em sua obra *Da utilidade e do malefício da História para a vida*, debate sobre o conceito de Memória e História. Diz Assmann (2011, p. 143):

Em primeiro lugar cabe mencionar uma vez mais Friedrich Nietzsche, que, em sua obra da juventude “Da utilidade e do malefício da história para a vida”, contrapôs de maneira polêmica a memória benéfica à vida e a história estranha à vida. Em sua terminologia, o que mais corresponde à história é “recordar”, à memória corresponde mais “esquecer”. Ele tomou como ponto de partida a ideia de que “cada pessoa e cada povo”, [...] segundo seus objetivos, suas forças e suas necessidades”, precisa de “um certo conhecimento do passado”. Em virtude das ciências históricas do século XIX, esse “certo conhecimento” havia se transformado em um mar interminável de saber, que ainda aumentava mais e mais.

Esse era um ponto de vista conceitual da história e memória segundo Nietzsche, porém, haviam outros olhares sobre história e memória que vão ser

debatidos em relação a esse autor, conforme podemos notar nessa fala de Assmann em relação a Nietzsche:

Com o sobreposto da história, a memória cultural teria perdido suas funções centrais, intensidade e identidade, isto é, energia impulsionadora e a autoimagem formativa. Para as duas perguntas ela deixa de ter respostas: “Segundo que parâmetros devemos nos orientar?” e “Quem somos”. No fundo, Nietzsche contrapôs dois modelos culturais, que se podem descrever com os conceitos “história” e “memória”. No primeiro caso, que ele considera ameaçador, o presente encontra-se sob o peso do passado; no segundo, que ele vê com nostalgia, é o passado que se encontra sob o peso do presente. (ASSMANN, 2011, p. 144).

Assim, a autora fala sobre o conceito de história e memória segundo Nietzsche. Desse modo, esse assunto me deixou interessado em estudar o museu e seus espaços, já que o MIS de Iguatu é um local onde há um interessante acervo relacionado com objetos de imagens, músicas e cinema.

Assim, aquela instituição me chamou atenção por seu espaço museológico, sua presença na comunidade escolar, sua história na cidade e seu acervo, composto por inúmeras peças que vão de máquinas de datilografia, projetores de cinemas, moedas antigas, recortes de jornais, fotografias, documentos que ilustram história da cidade, objetos fonográficos, audiovisuais, indumentárias, mobiliário, medalhas, instrumentos musicais, e outros objetos que estão relacionados à história de Iguatu. Assim, temos um bom acervo que nos traz peças interessantes, ricas em detalhes e de muita importância para falar da história da cidade, das instituições e das pessoas.

Outra visão Assmann (2011) em relação ao conceito de história e memória foi tirado do texto do sociólogo Maurice Halbwachs, que, segundo a mesma, o autor trilhou caminhos bem diversos para chegar a sua distinção entre história e memória. A autora nos lembra que Halbwachs era sociólogo, e por sua área de atuação estar voltada para uma discussão dentro do campo da Sociologia, isso nos leva a interpretá-lo na sua área. O autor foi buscar compreender a história e a memória nas disputas sociais dos diversos grupos humanos.

Nessa perspectiva, a Assmann (2011) nos remete a buscar entender o conceito de história e memória sobre o olhar de Halbwachs:

Maurice Halbwachs trilhou caminhos bem diversos para chegar a sua distinção entre história e memória. Como sociólogo empírico, não teve intenções de pautadas pela crítica cultural. Seu interesse voltou-se apenas à

pergunta sobre o que mantém as pessoas unidas em grupos. Deparou, assim, com o significado agregador das lembranças em comum, como importante elemento de coesão. Derivou daí a noção da existência de uma “memória de grupo”. Mas as lembranças não se estabilizam somente no grupo. O grupo torna estáveis as lembranças. A investigação de Halbwachs em torno da “memória coletiva” resultou no seguinte: a estabilidade da memória coletiva está vinculada de maneira direta à composição de subsistência do grupo. Se o grupo se dissolve, os indivíduos perdem em sua memória a parte de lembranças que os fazia assegurarem-se e identificarem-se como grupo. (ASSMANN, 2011, p. 144).

Nesse caso, o entendimento sobre o conceito de memória é outro distinto do que pensa Nietzsche, segundo a autora. No entanto, afirma que em relação à história, Halbwachs distinguia rigorosamente memória coletiva e memória da ciência histórica.

O terceiro olhar da autora em relação ao conceito de memória e história parte da obra do historiador Pierre Nora, que vai, de certo modo, falar em uma memória no grupo e, talvez, uma memória do grupo, como nos fala a autora:

Os estudos do historiador francês Pierre Nora demonstraram que por trás da memória coletiva não há alma coletiva nem espírito coletivo algum, mas tão somente a sociedade com seus signos e símbolos. Por meio dos símbolos em comum o indivíduo toma parte de uma memória e de uma identidade tidas em comum. Nora cumpriu na teoria da memória o passo que vai do grupo vinculado na coexistência espaço-temporal, tema estudado por Halbwachs, à comunidade abstrata que se define por meio dos símbolos que abrangem e agregam, em nível espacial e temporal. (ASSMANN, 2011, p. 145).

Desse modo, podemos perceber que a literatura lida, debatida e ofertada pelo PROFHISTÓRIA, me possibilitou tomar as decisões corretas sobre o estudo e o trabalho que proporcionou a dissertação.

Claro que todas as disciplinas do programa me possibilitaram um grande crescimento de aprendizagem, com leituras importantes que geram inúmeras possibilidades de escrever sobre vários temas, porém precisei escolher um que tivesse uma relevância educacional para o PROFHISTÓRIA, e que viesse a contribuir com a comunidade escolar, com a cidade onde então residia, e me fizesse sentir satisfação com o que poderia produzir de trabalho escrito, deixando um legado aos meus alunos, familiares e professores que me acompanharam nessa trajetória. Assim, surgiu o interesse no desenvolvimento por este estudo.

Assim, situo este trabalho dentro do pensamento dessa literatura para iniciar uma pesquisa sobre o Museu da Imagem e do Som da cidade de Iguatu. Contudo, entendo que há outros autores de grande importância dentro desse assunto,

sendo utilizados e ao longo desta dissertação iremos inserir tais autores com o propósito de deixar o trabalho robusto e adequado as exigências do PROFHISTÓRIA.

O presente trabalho está composto de três capítulos e um produto final. No Primeiro capítulo intitulado **Museus da Imagem e do Som no Brasil: a construção de um projeto de memória da cultura**. No segundo capítulo denominado: **o processo de criação do MIS de Iguatu e suas especificidades enquanto equipamento museal**. No terceiro capítulo chamado de: **coleta e análise de dados referentes ao questionário**, exponho os resultados da pesquisa feita através de meios digitais com professores que se tornaram participantes da pesquisa. E por último, o produto da dissertação, neste, há um texto intitulado Inventário de termos para o uso no ensino de História quando relacionado a museus. Aqui conceituo alguns termos de uso comum na museologia, em história, em memória e no ensino.

## **2 MUSEUS DA IMAGEM E DO SOM NO BRASIL: A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE MEMÓRIA DA CULTURA**

Para introduzir a discussão sobre a criação do MIS de Iguatu, e para uma melhor compreensão da importância do mesmo para a cidade, entendendo sua função social, inserindo-o em um universo mais amplo deste gênero de equipamento cultural, discutindo os possíveis papéis que desempenham em suas diversas localidades, sendo realizado um levantamento de outros museus categorizados como tal.

Como forma de conseguir acompanhar o processo de fundação de museus de imagem e do som no Brasil, realizei um levantamento, por meios digitais, destes equipamentos, não sem deixar de levar em conta estudos específicos que foram identificados e já produzidos. Nesse contexto, é interessante notar que ocorre um incremento dos museus da categoria imagem e som, ou audiovisual, no Brasil da década de 60 do século XX até os dias atuais.

Como metodologia de identificação, foi realizado um levantamento no guia dos museus brasileiros de 2011, o guia é um livro que conta com todas as categorias de museus no Brasil, esse guia começou a ser editado em 2011 e nele podemos encontrar as categorias e os tipos de museus que são catalogados pelo guia, é considerado como uma fonte documental, identificando equipamentos dentro da categoria dos museus da imagem e do som, ou que levassem os nomes imagem, som, imagem e do som, como também imagem e audiovisual, já que estes remetem ao mesmo conjunto de produção cultural humana.

Ao todo, numerei 32 instituições museológicas com denominações de museu da Imagem e do Som, ou similar, dentre os quais estão o Museu da História, Imagem e do Som de São Paulo, Centro de Memória Audiovisual de Minas Gerais, Museu da Imagem e da Memória em Taubaté, em São Paulo (SP), Museu de Imagem do Inconsciente no Rio de Janeiro, Centro de Referência Audiovisual em Minas Gerais, Museu da Imagem e da Memória de Congonhas, Associação da Imagem e do Som de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (RS), Casa da Imagem e Memória em São Borja-RS e Museu do Som Regional-RS.

Todos os demais museus são denominados de Museu da Imagem e do Som, cuja pesquisa foi levantada no *site* do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) ([www.museus.gov.br](http://www.museus.gov.br)) do Governo Federal, na aba guia dos museus do ano de 2011.

Certamente, podem haver outras instituições com denominações semelhantes ou correlatas às citadas em outros guias. Um exemplo de um estudo que trata essa categoria de museu foi realizado por Mendonça (2012), em sua tese de doutorado, que numerou 44 instituições Museus da Imagem e do Som, ou nome correlato a essa denominação. Seus estudos mostram que entre 2000 a 2010 o número cresceu bastante, saindo de 10 instituições em 2000 para com 44 em 2010.

Vendo de uma forma mais geral, no ano de 1953 existiam no Brasil cerca de 175 museus em todas as categorias, já em 2010, segundo o IBRAM, esse número era de 2.968. Esse aumento significativo das instituições museológicas é justificado por alguns motivos relevantes nas pesquisas estudadas para esse trabalho, dentre os quais podemos citar o movimento da nova museologia, o entendimento do espaço dos museus como recurso de uso social, a produção do conhecimento voltado nessa área e os novos cursos de museologia que surgiram no Brasil.

Mendonça (2012) mostra em sua tese como aconteceu o aumento dos museus no Brasil desde os anos de 1950. Nesse trabalho, a autora fala do surgimento dos primeiros museus dessa categoria no Rio de Janeiro, Goiás, São Paulo, Paraná e Pará, fazendo um apanhado geral sobre os 44 MIS que existem no Brasil, mas dando ênfase maior ao MIS Rio de Janeiro e o MIS Goiás. Lembra a autora que:

O crescimento no campo museológico brasileiro se deve a uma série de fatores decisivos, dentre eles, o avanço do pensamento da Nova Museologia e do entendimento dos museus como espaços do desenvolvimento político e social; a intensificação da produção acadêmica nessa área de conhecimento; o reconhecimento oficial dos bens imateriais como patrimônio nacional, com a criação de legislação específica-decreto 3.551/2000; a criação da Política Nacional de Museus [PMN], com ações de financiamento, gestão e capacitação na área museológica; e, a criação do Instituto Brasileiro de Museus [IBRAM] como instituição responsável pelo gerenciamento da Política de Museus. (MENDONÇA, 2012, p. 45).

Desse modo, podemos notar o quanto foram importantes essas políticas voltadas para a área da museologia, no tocante ao aumento das instituições museológicas em várias categorias, inclusive audiovisuais, imagem e do som, e outras categorias patrimoniais. Ou seja, no Brasil, apesar de encontrarmos a iniciativa individual na criação de acervos que podem virar museus, estas instituições, de alguma forma, estão associadas a algum interesse ou política pública que a financia total ou parcialmente.

Ao ser criado o MIS de Iguatu, idealizado na década de 1980, apesar de que isto não seja destacado em sua própria idealização, este tipo de equipamento já existia em outras partes do Brasil, como já destacado, ou seja, este modelo local de memória está relacionado a outros museus da imagem e do som no Brasil, para se dizer o mínimo, já que este movimento de criar especificamente estes tipos de acervos poderia também ser identificado em outros lugares do mundo.

Os primeiros museus dentro desta categoria que foram criados no Brasil são o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, fundado em 1965; o Museu da Imagem e do Som da cidade de São Paulo, fundado em 1970; e pela localização geográfica próxima, veremos também com destaque o Museu da Imagem e do Som do Ceará, fundado em 1980, na capital Fortaleza.

O projeto de lei nº 009/89, que criou o Museu Francisco Alcântara Nogueira<sup>2</sup>, denominado Museu da Imagem e do Som de Iguatu ou museu da Imagem e do Som iguatuense, partiu da iniciativa do vereador Antonio Alder Teixeira, aprovado na Câmara Municipal em 18 de abril de 1989, e teve a sanção do Prefeito Hildernando Bezerra, mas a solenidade de inauguração aconteceu somente no dia 15 de abril de 1995, na administração do Prefeito Marcelo Sobreira, estando localizado na Rua 13 de Maio, nº 1130, bairro Prado, na cidade de Iguatu, Ceará.

O prédio faz parte de um anexo, em um prédio maior que compõe o Serviço Social do Comércio (SESC) de Iguatu. Segundo informações de um ex-funcionário do museu, o senhor Francisco Paula, o terreno pertencia à Prefeitura de Iguatu, que foi doado para o empreendimento do Sistema S, nesse caso o SESC, que construiria seu prédio no terreno, e ao lado uma sala para acomodar o MIS de Iguatu.

É interessante notar que a ideia de criação de um MIS na cidade de Iguatu acompanha o desejo identificado de outras autoridades políticas, em várias cidades do Brasil, como foi o caso do governador do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda<sup>3</sup>, que fundou o MIS carioca em 1965, e também o governador de São Paulo, Roberto de

---

<sup>2</sup> Nasceu em Iguatu, 15 de abril de 1918, filho de Alfredo e Maria de Alcântara Nogueira Estudou no Ginásio do Crato, no Colégio Militar do Ceará e no Ginásio São Luis. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (Rio de Janeiro, 1946). Era professor de direito na Universidade Federal do Ceará (UFC), na Faculdade de Filosofia do Ceará (FAFICE), foi membro da associação brasileira de filosofia jurídica, era procurador da previdência social, participava do campo político, era escritor e estudioso da história e da geografia do Ceará e de Iguatu.

<sup>3</sup> Carlos Frederico Werneck de Lacerda foi um jornalista e político brasileiro. Foi membro da União Democrática Nacional, vereador, deputado federal e governador do estado da Guanabara. Foi fundador e proprietário do jornal Tribuna da Imprensa, assim como criador da editora Nova Fronteira.

Abreu Sodré, que, incentivado pelo cineasta Rudá de Andrade<sup>4</sup>, fundou o MIS paulista no ano de 1970.

Não devemos esquecer que os museus aqui descritos, apesar de serem identificados como MIS, possuem características diferentes e foram criados em momentos distintos: o MIS carioca em meados da década de sessenta, 1965; o MIS do Paraná inaugurado em 1969; o MIS paulista inaugurado no início da década de 1970; o MIS de Fortaleza em 1980; e o MIS de Iguatu oficialmente em 1989.

No entanto, há muito em comum entre essas instituições, pois foram criadas com o objetivo de deixar um legado à sociedade em suas respectivas cidades. Uma herança especializada na produção cultural, especificamente ligados à música, à fotografia, ao cinema. Um acervo da produção cultural voltado, segundo a concepção dos fundadores, ao enriquecimento da nação, dos estados e dos municípios, bem como sinônimo de valorização das artes.

Como aqui já indicado, outros MIS pelo país possuem uma importância significativa, sendo um local de guarda da memória no estado, na região ou mesmo na cidade onde foram criados. Como são muitos os MIS, ou com nome correlato, não podemos falar de todos com detalhes, mas sendo possível falar em um contexto resumido. Ao todo são 32 instituições no Guia dos Museus Brasileiros de 2011, e 44 instituições conforme levantamento de Mendonça (2012), estando espalhados por quase todas as unidades da federação, sendo poucos os estados que não possuem uma instituição denominada MIS ou um nome equivalente.

Muitos desses Museus da Imagem e do Som possuem acervos voltados para a preservação do patrimônio cultural, de imagens e sons de grupos, pessoas, instituições, manifestações culturais e histórias de artistas que deixaram gravados nos suportes de vídeos, discos de vinil, *compact disc* (CD), fitas cassete e outros formatos variados que passam a fazer parte dos acervos museológicos dessa categoria.

Identificando esses museus no Brasil por região, temos a seguinte distribuição: Região Nordeste: 1 em Alagoas, na capital Maceió; 4 no Ceará, sendo 1 em Fortaleza e 3 no interior; 1 em Pernambuco, na capital Recife; 1 no Piauí, na capital Teresina; 1 no Maranhão, na capital São Luís; e 1 na Paraíba, na capital João Pessoa. Nos demais estados não há registros de MISE`S. Na Região Norte temos: 1 no

---

<sup>4</sup> Rudá Poronominare Galvão de Andrade foi um cineasta, escritor e professor, filho de Oswald de Andrade e Patrícia Galvão.

Amapá; 1 no Amazonas; 1 no Pará; e 1 em Rondônia. Nos demais estados não há MIS.

Na Região Sul existem 2 MIS no Paraná; 2 no Rio Grande do Sul e 2 em Santa Catarina. Na Região Sudeste temos 1 no Espírito Santo; 6 em Minas Gerais; 2 no Rio de Janeiro e 13 em São Paulo. Na Região Centro-Oeste existe 1 em Goiás; 1 em Mato Grosso e 1 em Mato Grosso do Sul. Nos demais estados não há unidades de museus dessa categoria. Ressaltamos que esse número de MIS é apresentado pela pesquisa de Mendonça (2012).

Daqui em diante, com o propósito de situar a experiência do MIS de Iguatu na categoria em questão, serão apresentados maiores detalhes dos museus da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, Museu da Imagem e do Som de São Paulo, Museu da Imagem e do Som do Ceará e Museu da Imagem e do Som do Paraná, com o objetivo de detalhar, ainda que de forma não aprofundada, um pouco sobre a história dessas instituições, iniciando pelo mais antigo e seguindo a ordem cronológica.

## **2.1 Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (1965)**

Inaugurado em 3 de setembro de 1965, como parte das comemorações do IV centenário da cidade do Rio de Janeiro, o MIS do Rio de Janeiro (RJ) teve localização inicial na praça XV (figura 1), em um prédio que havia sido construído em 1922 para abrigar a exposição comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. Localizado no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro, o prédio é tombado desde 1989.

Figura 1 – Prédio da Praça XV do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro



Fonte: <http://www.mis.rj.gov.br/sedes>.

Em 1990, o MIS passa a ocupar um outro prédio no bairro da Lapa (figura 2), atualmente ocupado por setores administrativos do museu, abrigando parte do acervo disponível à pesquisa.

O MIS do Rio de Janeiro foi uma instituição criada dentro de determinados propósitos políticos, culturais e museológicos. Segundo Mendonça (2012), as negociações iniciaram em 1963, com a participação direta de Carlos Lacerda.

O fato foi noticiado pelos jornais do Rio de Janeiro e também de Portugal, durante uma visita que o governador fez a Lisboa para tratar, dentre outros assuntos, da organização do Museu da imagem e do som. As coleções adquiridas em Lisboa eram constituídas de documentos sobre a formação do Rio de Janeiro sob a guarda do arquivo Ultramarino e de retratos a óleo, gravuras do Rio de Janeiro e de outros estados do Brasil, adquiridos de um colecionador português. No jornal Notícias de Portugal, 191 LACERDA (1963) assim declarou sobre sua viagem (MENDONÇA, 2012, p. 258).

Figura 2 – Sede Lapa do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro



Fonte: <http://www.mis.rj.gov.br/sedes>.

Assim, foi sendo construído o projeto do MIS carioca, dentro de um contexto político muito complicado em que vivia o Brasil. Analisando o momento, podemos perceber que foi um ano depois do golpe militar que pôs fim ao governo de João Goulart. Em 1964, os militares tomaram o poder e ficaram até 1985. A fundação do MIS do Rio de Janeiro foi em 1965, então vivia-se um clima de instabilidade política, porém havia uma promessa de retorno à democracia. Tal proposta agradava muitos políticos que colaboraram com o golpe que impediu Goulart de governar, dentre os quais estava o próprio governador do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda.

Nesse contexto, o MIS serviu como espaço de resistência ao momento político que se vivia no Brasil, onde Horta (*apud* MENDONÇA, 2012, p. 264) relata:

Criado em plena ditadura militar, o Museu da Imagem e do som exerceu papel importante como centro de cultura e resistência cultural. De acordo com a museóloga Maria de Lourdes Pereira Horta, contratada como guia do MIS no período de sua criação, a proposta era audaciosa: O Museu era escancarado para a praça XV (...) não tinha nada a ver com um museu tradicional (...) coisa muito carioca (...) proposta audaciosa para a época.

Assim, podemos perceber que essas instituições possuem importância em relação aos seus objetivos de criação. Em todos os seus argumentos de fundação há um propósito que cada uma dessas instituições possuía. Por exemplo, no discurso de fundação do MIS carioca, o governador Carlos Lacerda apresenta a seguinte mensagem:

Este museu visa documentar em som e imagem esse esforço do homem brasileiro, do homem carioca, dos homens de todas as nações que para aqui vieram convergentes, formar, ampliar, reformar, desenvolver, tornar viva, humana, colorida, variada, multiforme, infinitamente alegre, mas infinitamente sofrida a gloriosa e valorosa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (MESQUITA, 2009 *apud* MENDONÇA, 2012, p. 258).

Desse modo, podemos notar que, dentre os objetivos apresentados pelo governador do Rio de Janeiro naquele momento, havia uma preocupação do projeto museal documentar, em imagem e som, as ações do homem carioca e brasileiro, e em uma noção mais ampla quando fala em nações, ou seja, documentar realizando uma ideia de glorificar as ações do povo carioca. Fica evidente uma intenção de criar um espécime representativo do ser carioca.

Esse momento político está sendo marcado por alguns eventos históricos, como a mudança da capital do Brasil para a região Centro-Oeste. Em 1960, a capital da República, que ficava sediada no Rio de Janeiro, muda-se para Brasília, no planalto central, o que não deixou de impactar na cidade e em seus habitantes, que agora deixavam de residir no centro político do país e passavam a residir em mais uma capital do estado brasileiro.

Outro acontecimento marcante na experiência política desse contexto será o golpe militar. Naquele momento, acontecerá uma ruptura política na ordem vigente, onde o presidente João Goulart<sup>5</sup>, sendo destituído, sai do país e os militares assumem o comando político do Brasil. Vale destacar que o governador do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda, estava envolvido no golpe militar como um dos personagens civis, com uma participação muito significativa, pois fazia uso de uma propaganda anticomunista no jornal *Tribuna da Imprensa*, de sua propriedade.

---

<sup>5</sup> João Belchior Marques de Goulart, foi o 24º presidente do Brasil, foi ministro do trabalho do governo de Getúlio Vargas 1951-1954, conhecido político gaúcho, popularmente era chamado de Jango, se elegeu vice-presidente do Brasil, tornando-se presidente com a renúncia de Jânio Quadros, depois de um governo marcado com as famosas reformas de bases e muita oposição João Goulart sofre um golpe civil-militar em 1964.

Do ponto de vista da criação do MIS do Rio de Janeiro, as intenções do político carioca era de deixar um legado, ou mesmo ato se promover politicamente, como nos lembra Mendonça (2012, p. 259):

O MIS Rio começou sua história pautada, por um lado, pela estratégia política do governador Carlos Lacerda [candidato à presidência do Brasil, nas eleições de 1965], e por outro lado, pela ousadia dos intelectuais cariocas que deram voz a compositores e sambistas populares, fortalecendo o perfil de MUSEU DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, através da atuação decisiva dos integrantes do conselho de música popular brasileira, o primeiro dos sete conselhos criados nos primeiros meses de formação do museu.

Dessa maneira, podemos notar os interesses de buscar documentar as ações da cultura na cidade do Rio de Janeiro, bem como as intenções do político para lançar uma candidatura à presidência, mas em 1965 os militares, que já estavam no poder, não permitiram eleições, baixando os atos institucionais que não permitiam eleições via democrática. No entanto, havia uma intenção do governador em deixar uma marca sua para a posteridade, se não aconteceu pela via política de lançar candidatura, deixou por via cultural, como mostra Mendonça (2012, p. 259):

As intenções de Lacerda eram, dentre outras, dar uma identidade cultural ao Rio de Janeiro que acabara de perder a condição de capital do Brasil para Brasília. Nesse sentido, ele buscava meios institucionais e “lugares de memória” para que se preservasse a memória da cidade-capital nas suas diversas fases.

Assim nascia o MIS carioca, envolto de vários desejos e objetivos, alguns políticos, outros culturais, e alguns de tornar aquele ambiente um espaço da cultura e lazer. Contudo, a maioria desses desejos e objetivos trouxe ganhos patrimoniais, uma vez que proporcionou criar uma instituição tão importante para a cidade do Rio de Janeiro e para o Brasil.

Em relação a constituição do acervo do MIS carioca, ele foi conseguido, em parte, por doações, compra de coleções ou produzida pela equipe diretora. Boa parte de suas coleções e acervos está alocada na sede da Lapa, onde funciona também o setor administrativo do museu. Segundo Mendonça (2012, p. 226-227):

O MIS-RIO não investe em exposições. O espaço expositivo é reduzido nas duas sedes e se resume a vitrolas, reproduções fotográficas e objetos tridimensionais, tais como piano do compositor Ernesto Nazareth e o violão de Jacob do Bandolim instalados na recepção dos prédios da Lapa e da praça XV. É na sede da praça XV onde o MIS RIO realiza a sua ação mais efetiva

ação de comunicação com a comunidade: as gravações mensais do Programa Depoimentos para a Posteridade.

Desse modo, podemos notar que o MIS do Rio de Janeiro ainda precisa de ações com maior poder de disseminar e expandir seus acervos aos visitantes, de modo que possa atrair um público com atrações e exposições que sejam originais e tragam aos visitantes um desejo de voltar outras vezes. Apesar de possuir um dos maiores acervos de músicas, da história do rádio, e da vida urbana da cidade do Rio de Janeiro, não há exposições nem projetos de comunicação que possam servir de lazer aos visitantes.

Por outro lado, ao todo, o Programa Depoimentos para a Posteridade, criado em 1965 e em andamento até hoje, produziu mais de 1000 depoimentos de história oral. Como nos fala Mendonça (2012, p. 235):

As participações mais importantes dos membros dos conselhos se deram nas produções e gravações do Programa Depoimentos para a Posteridade, criado em 1965 e em andamento até hoje. Nos 46 anos de existência do MIS Rio foram gravados mais de 1000 depoimentos de história oral dos mais diferentes saberes e fazeres artísticos e culturais da história e da memória da cidade do Rio de Janeiro.

Já os conselhos foram uma marca do MIS do Rio de Janeiro, pois ao ser criado o museu, os idealizadores resolveram criar sete conselhos que abrangiam vários estilos culturais. Havia o conselho da música popular brasileira, que representava os sambistas cariocas e outros artistas que deram voz à música popular brasileira; o conselho de cinema; o conselho superior de cultura cinematográfica; o conselho de artes plásticas; o conselho de esportes; o conselho de literatura; e o conselho de teatro.

Esses conselhos refletiam o charme do museu nos anos 60, cujo reflexo vinha do *status* que cada conselheiro possuía na sociedade carioca e, conseqüentemente, pelo papel desempenhado por cada um, principalmente durante a Ditadura Militar. A atuação dos conselheiros foi de extrema importância no assessoramento ao diretor do MIS nos anos iniciais do regime militar. O museu é identificado nesse contexto como foco de resistência, conforme Mendonça (2012, p. 268):

Nesse contexto e em outros tantos, a atuação dos setes conselhos-de música popular, de música erudita, de cinema, Rádio, teatro, literatura e artes

plásticas – criados naquele período foi decisiva. Os conselheiros contribuíram no assessoramento à direção do Museu e na defesa contra os excessos do Regime Militar.

Assim, é possível observar o museu como espaço de resistência, e como tal, teve um papel fundamental no momento crítico que o país vivia no contexto da Ditadura Militar (1964-1985), marcado pela repressão e perseguição aos intelectuais, onde esses espaços culturais eram os mais afetados com essas perseguições e repressões.

É interessante notar que o MIS do Rio de Janeiro nasceu com um propósito de interagir com a comunidade. No entanto, de certa forma, se pensarmos do ponto de vista das funções de um museu, em boa parte de sua existência essa interação está comprometida pela ausência de exposições e pelo pouco espaço expositivo no equipamento, pois como já sinalizado, pouco espaço físico e de experiência é dedicado a este tipo de atividade.

A primeira direção do MIS do Rio de Janeiro foi de um dos idealizadores e mentor do mesmo, Maurício Quádrio<sup>6</sup>, e em seguida veio Ricardo Cravo Albin<sup>7</sup>. No seu início, o museu foi vinculado à Fundação Vieira Fazenda, e em 1975 foi incorporado à Fundação Estadual de Museus do Rio de Janeiro (FEMURJ). Em 1979 foi incorporado à Fundação de Artes do Rio de Janeiro (FUNARJ), e em 12 de outubro de 1990 criou-se a Fundação Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro através da lei 1714. Hoje, quando visitamos o site do MIS do Rio de Janeiro, vemos que está sob os cuidados da Secretaria de Cultura e Economia Criativa.

Como uma importante aquisição do MIS do Rio de Janeiro em relação ao seu acervo, podemos citar uma que veio de Lisboa, quando da viagem do Governador Carlos Lacerda a Portugal, ainda durante o projeto de idealização do museu. Durante a viagem, Lacerda procurou associar a criação do museu à fundação da cidade do Rio de Janeiro, em 1565, buscando festejar o quarto centenário da cidade em 1965.

---

<sup>6</sup> “Maurício Quadrio nasceu em 7 de setembro de 1920, em Roma, na Itália. Radialista, crítico musical, produtor de discos e documentarista, foi um dos idealizadores e primeiro diretor do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Começou a colecionar gravações em fitas de áudio quando chegou ao Brasil, em 1950, vindo da Itália”. (O EXPLORADOR, 2012, *online*).

<sup>7</sup> Escritor. Pesquisador de MPB. Jornalista. Historiador. Crítico e radialista. Formado em Direito, Ciências e Letras (Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil 1959/1963). Oficial da Reserva do Exército Brasileiro (CPOR 1960/1961). Formado em línguas pelo Instituto Brasil-Estados Unidos (1958/1963) e pela Aliança Francesa (1958/1964).

As coleções adquiridas em Portugal eram constituídas por documentos sobre a fundação da cidade, como nos mostra Mendonça (2012, p. 261):

As negociações iniciaram em 1963, com a participação direta de Lacerda. O fato foi noticiado pelos jornais do Rio de Janeiro e também de Portugal, durante uma visita que o governador fez a Lisboa para tratar, dentre outros assuntos, da organização do Museu da Imagem e do Som. As coleções adquiridas em Lisboa eram constituídas de documentos sobre a fundação do Rio de Janeiro sob a guarda do Arquivo Ultramarino e de retratos a óleo, gravuras do Rio de Janeiro e de outros estados do Brasil, adquiridos de um colecionador português.

Outro objetivo da criação do MIS do Rio de Janeiro que podemos observar diz respeito ao investimento em obras que remetessem às origens articuladas principalmente com Portugal/Europa, buscando mostrar ao povo carioca parte de suas origens, já que esta não é a única raiz civilizacional da cidade, mas a visão europeizada usada para criar uma áurea, uma glória, poderia vir a trazer benefícios políticos, principalmente para Carlos Lacerda.

No entanto, é notório o destaque vanguardista dessa instituição museológica, onde muitos dos que participaram do projeto inicial não possuíam exatamente interesses políticos, pois eram intelectuais preocupados com a valorização dos patrimônios material e imaterial, como é o caso do produtor e pesquisador musical Mauricio Quádrio, e do músico, historiador, radialista e crítico Ricardo Cravo Albin, que participaram da equipe de formação do museu e estavam dando sua contribuição sem estarem ligados politicamente ao processo político eleitoral.

Dentre as principais aquisições do acervo a nível local, se dá a compra realizada pelo governador Carlos Lacerda, como o Arquivo Almirante. Esse arquivo pertencia ao radialista, compositor, cantor e instrumentalista Henrique Foreis Domingos, conhecido como Almirante. Como relata Mendonça (2012, p. 261-262):

A aquisição do ARQUIVO ALMIRANTE foi um fato histórico e de grande repercussão na cidade do Rio de Janeiro, não só pela riqueza do acervo, como pelo significado político-cultural reconhecido até pelos adversários de Lacerda. A compra foi efetuada pessoalmente pelo governador e o convite para que o Almirante continuasse à frente de sua obra de pesquisa e organização, foram considerados dois grandes atos do governo, pois refletiam a política cultural definida por aquela administração, de investimentos e preservação da memória da música popular e de valorização e de incentivo às ações de pesquisa.

Vendo de forma mais detalhada, vale dizer que o Arquivo Almirante era um arquivo particular que vinha sendo construído pelo seu dono no decorrer de mais de 30 anos. Esse arquivo possuía uma enorme quantidade de documentos, chegando a mais de 100 mil itens, desde partituras musicais, livros, enciclopédias e dicionários, jornais, revistas, guias e muitos outros documentos.

Desse modo, iniciava-se a aquisição do acervo do MIS do Rio de Janeiro, inicialmente conseguida via compra por parte do governo do estado. Além dessas, outras aquisições foram sendo conseguidas ao longo dos anos via compra ou doação.

Como exemplo de outras aquisições que o museu recebeu, podemos citar a da coleção de vozes doada por Maurício Quádrio, que trata-se de uma coleção de gravuras adquirida pelo governador Carlos Lacerda, em Portugal; coleções de fotografias dos fotógrafos Augusto César Malta de Campos e Guilherme Antônio dos Santos; e a discoteca do jornalista e crítico musical Lúcio Rangel.

Assim nascia o MIS do Rio de Janeiro, com um propósito de ser uma instituição para ter reconhecimento na posteridade, bem como para servir de um espaço social, cultural e de grande representatividade para o povo carioca. Como nos lembra Mendonça (2012, p. 215):

No caso do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, além de ter sido o primeiro museu criado com as tipologias de imagens e do som, foi o precursor na produção de acervos, através do Programa Depoimentos para a posteridade, idealizado em 1966 como forma de legitimar a ação do museu no meio cultural do Rio de Janeiro. O programa consistia na gravação de depoimentos de indivíduos ou de grupos representativos da memória da cidade, do estado do Rio de Janeiro e do País.

Esse projeto do MIS do Rio de Janeiro indicado foi desenvolvido coletando vários depoimentos gravados para a posteridade, como o do músico Pixinguinha (Alfredo da Rocha Viana Filho), e do compositor João da Baiana (João Machado Guedes). Essa proposta dos depoimentos para a posteridade foi muito importante para a produção do acervo audiovisual do museu, porém outros projetos também tiveram papel fundamental na produção artística do seu espaço. A inovação também veio com a produção de discos, livros e revistas temáticas. Com a produção de vinis, produções musicais reuniram músicos como Carmem Miranda e Noel Rosa, sendo Vultos Ilustres do Brasil um dos primeiros vinis gravados.

Essa ideia tinha um propósito vanguardista, uma vez que a prática de colher entrevistas e depoimentos das pessoas, músicos, artistas, grupos de artes e

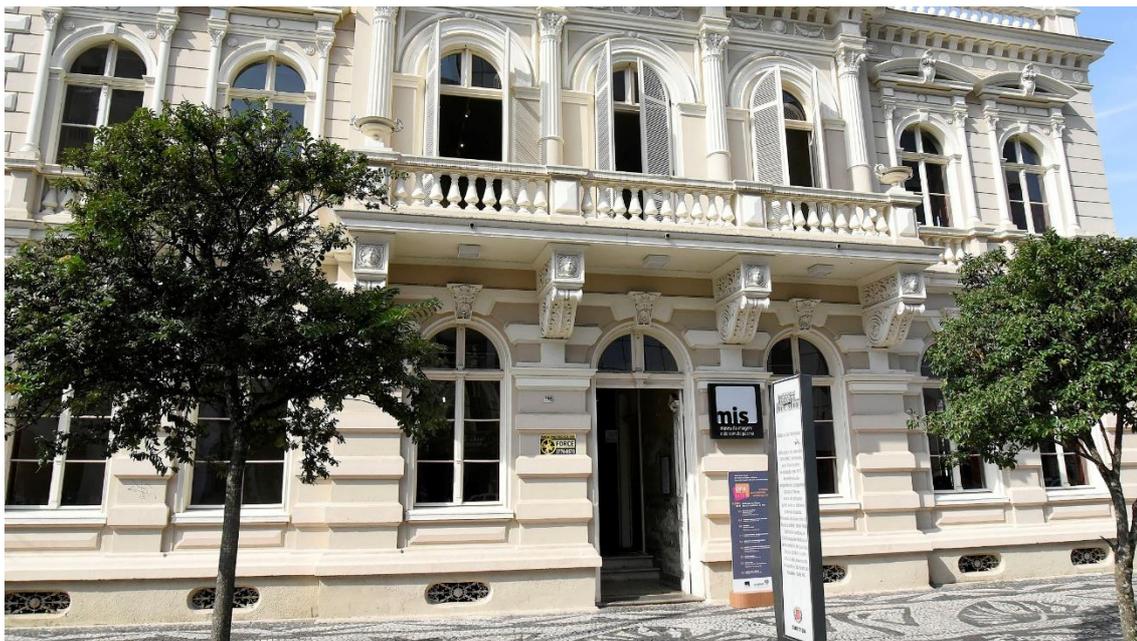
instituições ficou como uma marca registrada no museu, pois até hoje existe a prática da produção de acervos voltados para a posteridade, com uso de depoimentos e entrevistas.

Hoje, é possível fazer uma visita virtual pelo *site* do MIS do Rio de Janeiro (<http://www.mis.rj.gov.br>) como forma de conhecer um pouco do espaço do museu, seu acervo, a história do acervo, suas sedes, a programação, o acervo virtual com suas curiosidades e peças do acervo e exposições e a Rádio-MIS, *web* rádio onde é possível ouvir o histórico do museu pelo boletim RJ e ouvir diversos artistas, como Noel Rosa. Também é possível ter o contado de cada setor com a equipe técnica, através de *e-mail*. Ainda há o endereço em formato de ilustração de um mapa, o fale conosco e a sala de imprensa com o número do telefone.

## **2.2 Museu da Imagem e do Som do Paraná (1969)**

Criado através da portaria 682/1969, o Museu da Imagem e do Som do Paraná (MIS-PR) foi o segundo a ser criado no Brasil nessa categoria, atrás apenas do MIS do Rio de Janeiro, em 1965. Seu espaço, onde foi sediado, era um edifício construído em 1890, hoje patrimônio histórico cultural tombado pelo estado desde 1977. Esse museu possui em acervo com mais de um milhão de itens, entre discos de vinil, fotografias, depoimentos, fitas de áudio, fitas cassete, documentos e filmes em *Video Home System* (VHS) e *Digital Versatile Disc* (DVD). Há outros equipamentos, como rádios, radiolas, câmeras fotográficas, moviolas e projetores, além de uma biblioteca com itens como livros, periódicos sobre cinema, fotografias e memória.

Figura 3 – Fachada do Museu da Imagem e do Som do Paraná



Fonte: <http://www.mis.pr.gov.br/Galeria-de-Imagens/50-anos-do-MIS-PR#&gid=1&pid=1>

Sua finalidade, como instituição museológica, é voltada para o resgate, preservação e divulgação da memória audiovisual do estado do Paraná, do Brasil e do mundo. Seu acervo conta com diversos áudios que podem ser ouvidos ao se acessar o *site* da instituição, a exemplo da música *Luar do Sertão*, na voz de Stelinha Egg. Há filmes e documentários sobre a história e uma coleção da Associação Cultural Bamerindus, da qual faz parte o projeto memória viva do Paraná, que traz depoimentos de personalidades, artistas, políticos e intelectuais. Esses depoimentos foram realizados entre 1986 a 1994.

Esse equipamento museológico foi fundado no contexto da década de 1960, e é um dos primeiros nessa categoria, como dito acima, ficando atrás apenas do MIS do Rio de Janeiro. Como já indicado também, a década de 60 do século XX é um momento em que se está buscando valorizar um novo patrimônio voltado para a memória, cultura e reflexões de valorização da identidade nacional, onde o Estado estava levantando essa bandeira, uma vez que o momento político e social era propício para esse tipo de instituição. São espaços de memória com o propósito de preservação da cultura material e imaterial, como nos lembra Mendonça (2012, p. 159):

Dentre os novos patrimônios, estava incluído o patrimônio imaterial e os espaços onde eles pudessem ser musealizados. No contexto dessas reflexões das décadas de 1970/1980 e no rastro do pioneiro MIS Rio, foram criados 14 Museus da Imagem e do Som: além dos Mises do Rio, São Paulo, Paraná e Pará, são dos anos 1970 e 1980, o MIS Campinas, de 1975; o

Museu da Comunicação Social de Porto Alegre, de 1974, o MIS Juiz de Fora, 1976; o MIS Ribeirão Preto, 1978; o MIS Ceará, 1980; MIS Alagoas, 1981; o Museu Histórico, Documental, Fotográfico e do Som de Pará de Minas, de 1984; o MIS Cruz, de 1987; o MIS Goiás e o MIS Cascavel, 1988 e o MIS Iguatu, de 1989.

Desse modo, podemos perceber que no momento da fundação dessas instituições museológicas, estas apresentavam basicamente os mesmos objetivos: a preservação do patrimônio material e imaterial, a memória e cultura do país, estados e municípios, tendo como discurso o uso desses espaços para produção, manutenção e preservação desses patrimônios.

Conforme apresentado no Cadastro Nacional dos Museus (*apud* CARDOSO, 2014, p. 76-68), o MIS-PR foi fundado com o propósito, dentre suas funções e obrigações como instituição museológicas, de:

Registrar em multimeios visuais, sonoros e audiovisuais, dos acontecimentos ligados, preferencialmente, à história e à cultura paranaense. Reunir e manter acervo que se notabilize pelo valor histórico e/ou artístico-cultural: Difundir a cultura histórica, técnica, científica e artística, visando o aprimoramento cultural e educacional de toda a população paranaense; incentivo e apoio à produção artística nas áreas de vídeo, cinema, fotografia, audiovisuais e outros registros de Imagem e Som, conhecidos ou que venham a ser criados.

Como se pode notar, essa missão declarada é sempre voltada para a produção, preservação, difusão e conservação de um acervo pertinente tanto para a cultura material, quanto imaterial. Assim, essas instituições museológicas possuem uma tarefa de cuidar de bens da cultural histórica, política e social de sua cidade, estados e país. Todos os museus com essa definição de Imagem e Som ou similares levam essa missão de serem guardiões do patrimônio cultural, material e imaterial.

Nesse período de pandemia da Covid-19, o MIS-PR reabriu recentemente suas portas para uma exposição, reeditando duas exposições chamadas de Ilha da Imaginação e Coleção Paraná Turismo: fotografias. Trata-se de uma ação que atende a um decreto do governador do estado, e com protocolos de recomendações de higiene e saúde. Logo que se abre o endereço do MIS-PR na *internet*, aparece uma mensagem noticiando que o museu está aberto ao público, com dias da semana e horários bem definidos. É um museu com um acervo muito interessante e com peças de todas as áreas da definição imagem e som.

No endereço do museu há algumas informações interessantes ao visitante virtual, como algumas fotos de objetos sonoros, a biblioteca, o setor educativo do

museu que fala sobre promover a integração social com educação patrimonial com visitas, oficinas e capacitação dos profissionais. Outras informações dizem respeito as doações que o MIS-PR recebe, sendo tudo bem organizado, quem vai doar e o que vai doar, não recebendo objetos que não estejam dentro do assunto que trata da temática do museu nem objetos danificados.

Exige-se que estejam funcionando e em bom estado de conservação, fazendo-se uma ficha do objeto e suas características, bem como um contrato de doação entre quem está doando e o museu que está recebendo. Há informações sobre cada setor e seu contato de número de telefone, endereço de *site* e o endereço físico do prédio onde está localizado, na rua Barão do Rio Branco, nº 395, Centro de Curitiba, no estado do Paraná.

Assim, podemos notar que esse espaço museológico foi o segundo museu nessa categoria a ser fundado no Brasil. Seu espaço de funcionamento, desde o início até o momento atual, passou por vários locais e endereços, mas é um espaço muito valorizado no contexto museológico, pois depois que ganhou sua sede definitiva no atual endereço, rua Barão do Rio Branco, tem se tornado um equipamento no roteiro turístico e de lazer para a sociedade paranaense.

### **2.3 Museu da Imagem e do Som Paulista (1970)**

Inaugurado no dia 29 de maio de 1970, o Museu da Imagem e do Som de São Paulo estava vinculado à Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. A ideia de fundar o museu veio com o jornalista Luís Ernesto Kawall<sup>8</sup>, em 1969, influenciado pela repercussão que o MIS do Rio de Janeiro estava tendo na imprensa. Kawall, então assessor de imprensa do governador do estado de São Paulo, Roberto de Abreu Sodré, formulou a ideia e apresentou ao governador. O projeto era criar um museu semelhante ao museu carioca, com o mesmo mote. Como lembra Mendonça (2012, p. 239):

À ideia de Kawall, juntou-se o interesse de um grupo de intelectuais-Paulo Emílio Salles Gomes, Francisco Luiz de Almeida Salles e Rudá de Andrade-que já trabalhava desde de 1954, pela preservação dos acervos

---

<sup>8</sup> Luis Ernesto Kawall é jornalista, formado pela primeira turma de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero. Atuou como jornalista nos grandes veículos de imprensa do país e também para empresas como a Sharp. Viajou todo o país, o que lhe permitiu conhecer a cultura e artes de norte a sul do Brasil. Foi em sua formatura que conheceu Carlos Lacerda, que quando governador, fez insistentes convites para que Luis Ernesto trabalhasse com ele. Nessa ocasião, participa da fundação do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. (MUSEU DO FUTEBOL, 2020, *online*).

cinematográficos e pela consolidação da Cinemateca de São Paulo. Eles foram também os responsáveis pela criação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Desse modo, começava a fundação do MIS-SP, com ideias bem pensadas, mas dentro de um contexto político bastante complicado, uma vez que o país estava comandado pelos militares. Apesar de toda a efervescência cultural dos anos 1960-1970, nesse momento de muitos acontecimentos na política e na cultura do Brasil, essas instituições museológicas vinham numa boa hora.

Um problema no início do projeto museológico de São Paulo foi a indefinição do local que o museu iria funcionar. Foi um obstáculo, pois não havia um local definido de forma planejada. Inaugurado em 1970, começou funcionando em duas salas do prédio do Conselho Estadual de Cultura, e depois que os acervos foram chegando através de doações ou compra, o espaço das salas foi ficando pequeno, sendo realizada a transferência para uma sede improvisada no Palácio Campos Elísios, onde havia sido a antiga sede do governo paulista.

Na sequência, o museu precisou ir para a Alameda Nothman, no centro da cidade. Mais uma vez ocorreram dificuldades relativas ao tamanho do espaço, havendo a necessidade de outra mudança, dessa vez para a Avenida Paulista, na Secretaria de Cultura. Posteriormente, existiu outra mudança para a região de Itaim, zona oeste da cidade, sendo finalmente estabelecido no endereço da Avenida Jardim Europa, distrito de Pinheiros, onde permanece até hoje (figura 4).

Quanto à gestão política do estado de São Paulo, no momento da criação do museu, os governadores eram indicados de forma indireta. O MIS paulista ocorre no comando do governador Roberto de Abreu Sodré, político da Arena, sigla partidária alinhada ao governo militar, cujo governador foi um dos idealizadores dessa instituição museológica.

Figura 4 – Entrada do Museu da Imagem e do Som de São Paulo



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu\\_da\\_Imagem\\_e\\_do\\_Som\\_\(S%C3%A3o\\_Paulo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_da_Imagem_e_do_Som_(S%C3%A3o_Paulo))

Esse Museu nasceu com uma proposta bem interessante, pois partia de uma ideia voltada para uma situação cultural diversa, seguindo a tendência museológica mais avançada que havia na época. Essa era a proposta elaborada pelos intelectuais fundadores que pretendiam ter um projeto diferente do MIS do Rio de Janeiro, pois o projeto do MIS de São Paulo buscava o registro antropológico, sociológico, artístico e cultural da memória da cidade de São Paulo, pautado em sua carta de princípios.

Os intelectuais e artistas que ajudaram a fundar o MIS de São Paulo tiveram uma importância fundamental no processo de sua formação, como podemos notar nos escritos de Lenzi (2018, p. 12-13):

Rudá de Andrade, além de ser o diretor que permaneceu por mais tempo no MIS, foi um dos idealizadores e criadores. Ao lado de Francisco de Almeida Salles e de Paulo Emílio Sales Gomes, entre outros colaboradores, ele elaborou um plano museológico para a instituição, detalhado na carta de princípios e finalidades. Segundo o documento, elaborado em 1970, o Museu deveria seguir a tendências museológicas “mais avançadas” e ter “como matéria prima a comunicação de massa apoiada em recursos de imagem e som” a carta expressa as diretrizes do Museu da Imagem e do Som de São Paulo e está fundamentada na proposta de formação de um acervo documental constituído, principalmente, por reproduções e registros audiovisuais e de manifestações culturais e artísticas, folclóricas e eruditas, de contextos e personagens ainda desconhecidos. O objetivo dos envolvidos

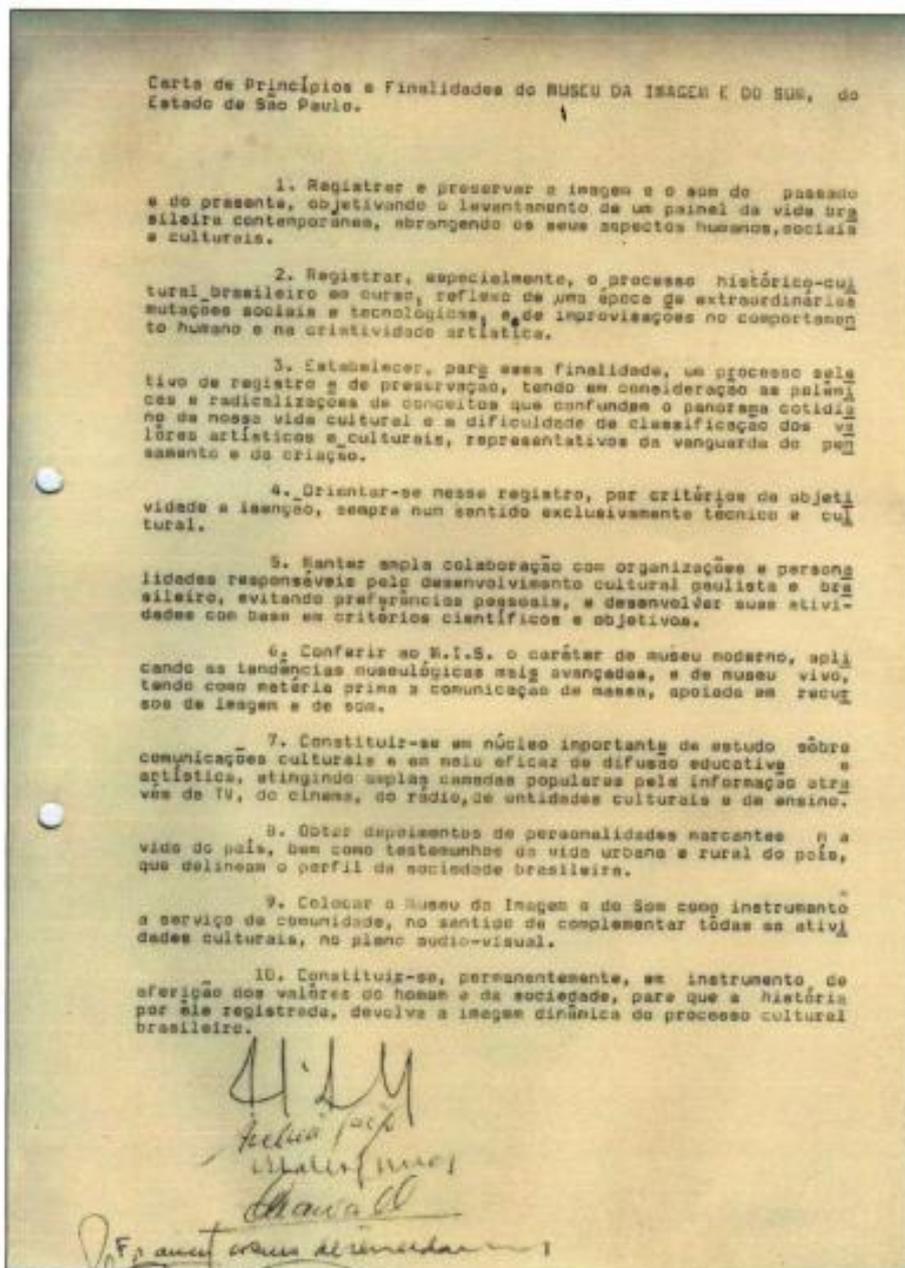
na criação do museu, era construir um painel da vida brasileira contemporânea, abrangendo “seus aspectos humanos, sociais e culturais” e preservar o patrimônio imaterial de São Paulo e do Brasil. Para isso, o MIS deveria funcionar como um centro produtor de conteúdo, a partir da gravação de depoimentos e do desenvolvimento e apoio a pesquisas sobre distintos temas e em diferentes locais do país.

Por esse texto podemos notar um olhar diferente sobre os propósitos e objetivos dessa instituição, com maior riqueza de detalhes sobre sua fundação e como deveria funcionar o museu. O MIS de São Paulo estava orientado intelectualmente por um projeto pautado na *Carta de princípios e finalidades, do Museu da Imagem e do Som do Estado de São Paulo* (figura 5). As diretrizes da carta de princípios o tornava diferente em relação ao MIS carioca, cujos dez princípios são:

1. Registrar e preservar a Imagem e o Som do passado e do presente, objetivando o levantamento de um painel da vida brasileira contemporânea, abrangendo seus aspectos humanos, sociais e culturais.
2. Registrar, especialmente, o processo histórico-cultural brasileiro em curso, reflexo de uma época de extraordinárias mutações sociais e tecnológicas e de improvisações no comportamento humano e na criatividade artística.
3. Registrar e preservar a Imagem e o Som do passado e do presente, objetivando o levantamento de um painel da vida brasileira contemporânea, abrangendo seus aspectos humanos, sociais e culturais.
4. Registrar, especialmente, o processo histórico-cultural brasileiro em curso, reflexo de uma época de extraordinárias mutações sociais e tecnológicas e de improvisações no comportamento humano e na criatividade artística.
5. Estabelecer para essa finalidade, um processo seletivo de registro e de preservação, tendo em consideração as polêmicas e radicalizações de conceitos que confundem o panorama cotidiano da nossa vida cultural e a dificuldade de classificação dos valores artísticos e culturais, representativos da vanguarda do pensamento e da criação.
6. Orientar-se nesse registro, por critérios de objetividade e isenção, sempre num sentido exclusivamente técnico e cultural.
7. Manter ampla colaboração com organizações e personalidades responsáveis pelo desenvolvimento cultural paulista e brasileiro, evitando preferência pessoais, e desenvolver suas atividades com base em critérios científicos e objetivos.
8. Conferir ao M.I.S o caráter de museu moderno, aplicando as tendências museológicas mais avançadas, e de um museu vivo, tendo como matéria prima a comunicação de massa, apoiada em recursos de Imagem e Som.
9. Constituir-se em núcleo importante de estudo sobre comunicações culturais e em meio eficaz de difusão educativa e artístico, atingindo amplas camadas populares pela informação através da TV, do Cinema, Do Rádio, de entidades culturais e de ensino.
10. Obter depoimentos de personalidades marcantes na vida do país, bem como testemunhos da vida urbana e rural do país, que delineiam o perfil da sociedade brasileira.
11. Coloca o museu da Imagem e do Som como instrumento a serviço da comunidade, no sentido de complementar todas as atividades culturais, no plano audio-visual.
12. Constituir-se, permanentemente, em instrumento, de afeição dos valores do homem e da sociedade, para que a história por eles registrada,

devolva a imagem dinâmica do progresso cultural brasileiro (MENDONÇA, 2012, p. 240).

Figura 5 – Cópia da carta de Princípios e Finalidades do MIS de São Paulo (1970)



Fonte: Lenzi (2018, p. 45).

Por essa carta de princípios é possível notar muitos pontos importantes referentes à formação intelectual do museu, e como seriam suas obrigações e objetivos culturais, sociais e educativos.

Entre os principais articuladores para se criar o MIS de São Paulo estavam os já citados governador Sodré e o cineasta Rudá de Andrade, filho do intelectual e escritor Oswald de Andrade e de Patrícia Galvão (Pagu). Ainda tiveram participação

os senhores Francisco de Almeida Sales, Paulo Emilio Sales Gomes, o jornalista Luís Ernesto Kawall e o escritor e músico Ricardo Cravo Albin.

No contexto de fundação do MIS paulista, o Brasil vivia o auge da repressão política dos militares no poder. É interessante notar que esse contexto político poderia afetar a fundação de uma instituição museológica que, geralmente, possui a função política muito marcante para as pessoas, mas naquele momento isso não preocupava o governo, pois o político que estava assinando o decreto de fundação era um aliado do governo federal e não se sabia que tal museu levaria a essas conjecturas de oposição.

Vale ressaltar que o projeto de criação do MIS de São Paulo foi muito ambicioso. Rudá de Andrade era cineasta, e como tal queria uma instituição voltada para a produção, preservação e difusão do cinema. Como nos lembra Lenzi (2018, p. 12):

Antes da criação do Museu da imagem e do som, Rudá de Andrade, Almeida Sales e Paulo Emílio levaram anos empenhados na busca por um local de abrigo e conservação do acervo cinematográfico da Cinemateca brasileira e viram no novo museu uma possibilidade de solução desta questão. O MIS, foi idealizado por eles a partir de um ambicioso projeto voltado não apenas à preservação das novas mídias e ao seu uso para o registro da História e das manifestações socioculturais do país. Seu intuito era construir um núcleo de estudo sobre comunicações culturais e um meio de difusão de caráter educativo e artístico, que atingisse amplas camadas populares.

Desse modo, percebemos o quanto o projeto do MIS de São Paulo foi interessante, pois partia de uma ideia ampla, onde houve um grande interesse de ampliar os propósitos e objetivos da instituição. Enquanto muitas dessas instituições nasceram com o propósito de produzir, preservar e difundir imagens, sons e documentos, o MIS de São Paulo tinha, além desses objetivos, a finalidade de incorporar o acervo da cinemateca brasileira ao museu, apesar de não constar na sua carta de princípios, sendo esse projeto debatido com a comissão formada para discutir a fundação do museu. Como lembra Lenzi (2018, p. 24):

Pouco tempo depois, no início de dezembro, o estado de São Paulo publica outra matéria na qual afirma que o futuro museu iria absorver a Fundação Cinemateca Brasileira, dessa forma, esclarecia o jornal, além de iniciar suas atividades contando com um grande acervo cinematográfico, o MIS salvaria a antiga instituição, que estava em uma situação econômica precária. De acordo com o veículo, no dia anterior havia sido organizada uma reunião no palácio dos bandeirantes na qual estavam presentes Francisco de Almeida Sales e Luiz Ernesto Kawall, representando a comissão encarregada de

estudar a criação de um MIS em São Paulo, além de Ricardo Cravo Albin e Paulo Emílio Sales Gomes, da Fundação Cinemateca Brasileira. Durante o encontro, havia sido sugerida a absorção da Cinemateca pelo Museu da Imagem e do Som e a inclusão de Paulo Emílio, do jornalista e poeta Odílio Costa Filho e do professor de Cinema da Universidade de São Paulo Rudá de Andrade na comissão de organização da entidade, segundo o estado de São Paulo, ambas as sugestões foram aprovadas por Sodré.

Para a comissão de criação do MIS de São Paulo, seria interessante incorporar a Fundação Cinemateca Brasileira ao museu, pois diminuiria os problemas que enfrentava naquele momento. Para os representantes do projeto, era uma maneira de tirar a instituição da crise econômica que vivia, ao mesmo tempo que levava seu acervo que iria ajudar na constituição do museu. No entanto, esse projeto de incorporar a Fundação Cinemateca Brasileira ao MIS de São Paulo não se realizou.

Os motivos desse projeto não acontecer estão ligados aos problemas econômicos que a Fundação enfrentava. O espaço do MIS, nos seus primeiros anos, foi incerto, uma vez que em cinco anos mudou-se cinco vezes de lugar, além da falta de pessoal para trabalhar, problemas como carência de incentivos e desprezo ao cinema no país, apesar de naquele momento o Brasil ter uma certa produção cinematográfica. Cabe ressaltar que, apesar do projeto de incorporação não ter acontecido, o grupo de apoio à Cinemateca, por parte dos profissionais do museu, se tornou realidade e foi de extrema importância para a instituição.

A estrutura montada do MIS contava com uma Diretoria Executiva e o Conselho de Orientação do Museu, composto por sete membros, onde cada membro era responsável por uma entidade (área de atuação, por exemplo, música, cinema, televisão, produção de conteúdo jornalístico). O decreto 52.525, que oficializou a posse de cada membro, foi assinado por Roberto Sodré e determinava o mandato de cada membro por cinco anos.

Como no caso do Rio de Janeiro, uma das ações mais importantes do funcionamento inicial do MIS de São Paulo foi a produção de material através de entrevistas com personalidades nacionais e estrangeiras, com o intuito de produzir material para a posteridade, preservando essas entrevistas para as futuras gerações e da constituição do seu acervo e patrimônio através de doações, como nos lembra Lenzi (2018, p. 39):

O patrimônio do Museu seria constituído pelos bens moveis e imóveis doados ou adquiridos no exercício de suas atividades. O Museu da Imagem e do Som poderia receber doações com ou sem encargo. Os bens e direitos do Museu

da Imagem e do Som deverão ser usados exclusivamente para a realização de seus objetivos.

Havia, ainda, o artigo 10 do decreto 52.525, que autorizava o museu a receber da fundação Cinemateca Brasileira todo o seu acervo do patrimônio fílmico, sonoro e audiovisual, além de outros documentos como livros, revistas e produção de filmes, pesquisas e publicações, mas esse acervo da Cinemateca nunca chegou a ser depositado no Museu, como indicado anteriormente.

Em relação à atual gestão do MIS de São Paulo, até 2006 o gerenciamento era feito pela Secretaria de Cultura do Estado, e em 2007 foi transferido o gerenciamento para a Associação dos Amigos do Paço da Arte, que é uma organização cultural sem fins lucrativos. Em 2008 foi reaberto com uma nova proposta de ser conceitualmente uma instituição com infraestrutura, com equipe e equipamentos de primeira, com tecnologia de ponta, para dialogar com a arte no Século XXI. Hoje, existe uma programação mensal de *shows*, mostras, festivais de cinema e vídeo, exposição de fotografias e artes gráficas.

No período da pandemia da covid-19, o espaço ficou fechado por recomendações das autoridades governamentais. Há um convite para a visita ao *site* do museu, com algumas exposições, como a exposição *Leonardo da Vinci - 500 anos de um gênio*, no modo de visitação digital, de maneira fácil e com acesso rápido. Essa exposição já havia sido realizada na forma presencial, porém com o fechamento da instituição, o MIS voltou de forma digital.

Apesar de ser um museu na maior cidade da América Latina, há problemas enfrentados pelo grupo que faz a sua gestão. Atrair o público para o museu não tem sido fácil, pois um ano depois da sua reinauguração, em 2008, jornais como *Folha de São Paulo* noticiavam que após um ano de reinauguração, o museu sofria com a ausência de público. A baixa frequência de público no MIS-SP foi noticiada pelo jornalista Maurício Sticer, na *Folha de São Paulo* em 2009. As causas para essa pouca frequência no museu, muitas vezes estão no acesso ao local, o público que não se interessa por visitar um espaço museológico, as exposições que nem sempre possuem uma boa explicação do que se expõe, e a falta de mídia propagando esses eventos. Segundo Mendonça (2012), o que se constata no MIS de São Paulo é que a riqueza dos acervos não está bem representada.

## 2.4 Museu da Imagem e do Som do Ceará (1980)

Outro museu criado dentro da categoria de MIS, já no ano de 1980, foi o Museu da Imagem e do Som do Ceará, fundado e vinculado à Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Sua localização inicial foi no subsolo do prédio da Biblioteca Pública Menezes Pimentel, na Avenida Presidente Castelo Branco, número 255, no Centro de Fortaleza, capital do Estado. Em 2021, a biblioteca Menezes Pimentel, passou por uma reestruturação no seu espaço interno, em sua fachada e com novos títulos, em agosto de 2021, a biblioteca foi reinaugurada com o nome de BECE, biblioteca do estado do Ceará. Na figura 6 pode-se visualizar o primeiro prédio onde foi instalado o equipamento.

Figura 6 - Fachada da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, onde se localiza o Museu da Imagem e do Som do Ceará



Fonte: <https://www.renatoroseno.com.br/noticias/acervo-intocavel-biblioteca-publica-governador-menezes-pimentel-esta-fechada-ha-exatamente-um-ano>

Em 1996, o MIS Ceará passa por uma reestruturação e é transferido para o atual endereço, localizado na Avenida Barão de Studart, nº 410, bairro Aldeota, Fortaleza. A casa que hoje abriga o MIS Ceará foi projetada pelo arquiteto José Barros Maia (Mainha). Essa casa foi construída no início da década de 1960, projetada para ser a residência oficial e sede do governador do estado, função que durou até 1971,

quando se transformou em sede do Museu Antropológico do Ceará, que ficou na mesma até 1990. Já em 1996, recebe o Museu da Imagem e do Som do Ceará (figura 7).

Figura 7 – Prédio atual do Museu da Imagem e do Som do Ceará



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu\\_da\\_Imagem\\_e\\_do\\_Som\\_do\\_Cear%C3%A1](https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_da_Imagem_e_do_Som_do_Cear%C3%A1)

O museu, em tempos de normalidade, possui uma média de visitantes relativamente boa. Claro que nesse atual momento há uma pandemia e o espaço do museu está fechado para visitas presenciais. No entanto, quando haviam visitas presenciais, ocorria um número relativamente positivo diariamente, como é descrito por Cândido (2008, p. 3-4):

O Museu da Imagem e do Som do Ceará atualmente tem uma média de visitas de 570 pessoas. Recebe visitas agendadas apenas no dia 18 de cada mês quando tem uma programação especial em homenagem ao Dia Internacional dos Museus chamada de MISTuras culturais. Com este projeto teremos a base para a futura criação de um serviço educativo no Museu e, até lá poderemos atingir aos educandos vinculados a cada um dos mediadores que capacitamos. Com uma capacitação mensal (num sábado pela manhã) para até 30 mediadores/multiplicadores poderemos atingir a um público médio de 360 pessoas nos cursos e, mesmo que apenas metade

deles tenha contato com cerca de 30 educandos ou use o kit com apenas um de seus grupos, uma ação anual para 5.400 pessoas.

Esse trabalho de qualificar os mediadores/multiplicadores era do projeto dos kits didáticos que o museu trabalha. Partindo desse trabalho, analisando o número de pessoas que visitam o museu e com o número que os multiplicadores podem alcançar, percebemos que há um bom alcance do MIS Ceará em relação tanto ao uso do espaço do museu pela população em geral, quanto pela comunidade escolar. Lembrando que, em se tratando de um espaço museológico, esse número pode ser maior, desde que haja uma programação e um trabalho de orientação dos visitantes, bem como é necessário que o público também tenha interesse em visitar, conhecer e aprender sobre o espaço do museu.

Como a maioria dos museus da época, esse museu foi pensado como um instrumento de utilização para a preservação de bens materiais e imateriais e com o propósito de servir como ferramenta museológica para atender a área de imagem e som da cidade de Fortaleza e do estado do Ceará. Tem como função, desde a sua fundação, a preservação, difusão e pesquisa da memória audiovisual do estado.

Hoje, o acervo do MIS Ceará é estimado em 150 mil peças, entre discos de músicas brasileiras e internacionais, CDs, fitas de áudio, de rolo, cassete e microcassete. Conta também com um acervo de imagens, com fotografias, cópias em papel e digital, com imagens antigas de Fortaleza e de outros municípios cearenses, de personalidades, de festas populares, artista e cordelistas e filmes de diretores cearenses, registros de danças e festas da cultura popular do estado.

Também se destacam os depoimentos de personalidades da história do Ceará, o que parece ser uma das outras especificidades da constituição dos acervos dessas instituições, já que tanto o MIS do Rio de Janeiro, quanto o MIS de São Paulo possuem esta sessão. Cordéis, partituras e muitos outros objetos que contam e narram a história do Ceará fazem parte deste amplo acervo, como já destacado. Esse espaço museológico aparece como um ambiente de aprendizagem e estudos sobre a cultura do estado, de Fortaleza e das várias formas de expressões artísticas que existem no âmbito do museu. Assim, esse expressivo acervo do MIS Ceará tem um valor de preservação clara dentro do campo da Imagem e do Som.

Até poucas décadas atrás, era comum existir museus como locais de expressividades antiquárias, curiosidades, velharias e espaço do antigo, dos objetos que não possuíam mais uso em sua função, agora servindo de peça decorativa numa

sala ou mesmo em um prédio ligado à secretaria de cultura. Hoje é importante ter um museu como acervo patrimonial, pois assim se pode estudar expressões culturais dentro de uma perspectiva social, econômica, política e humana dos objetos, sem relacionar especificamente ao museu antigo, mas aos novos museus e seus espaços de acervos, peças, projetos sociais.

Os novos museus foram pensados dentro de uma lógica do ensino e aprendizagem, desde os primeiros museus fundados com a terminologia Imagem e Som, e possuem uma função social de muita relevância. Por exemplo, quando analisamos o público nesses espaços museológicos, devemos observar que nem sempre o público que visita esses espaços são turistas ou mesmo pessoas atrás de curiosidades, mas alunos, professores e comunidade escolar, conforme destaca Cândido (2008, p. 5).

A maior parte do público de museus, especialmente do não espontâneo, ou seja, das visitas agendadas, é de escolas, chegando a 90% da demanda. A oferta gira em torno de um leque de possibilidades tais como visitas orientadas ou monitoria, treinamento de professores, cursos, atendimento para públicos especiais (deficientes, terceira idade, programas de inclusão social, etc), e produção de materiais didáticos.

Por esse texto é possível perceber a importância que tem recebido os espaços dos museus para a área do ensino, aprendizagem e função social, sendo sua finalidade gerar experiências de aprendizagem, despertar o interesse nos educandos e educadores, na população visitante, tendo os objetos dos acervos como suportes desse ensino e aprendizagem.

O acervo do MIS Ceará foi sendo formado a partir de doações que a instituição recebeu, como equipamentos e documentos do Centro de Referência Cultural (CERES), além de uma coleção de filmes da TV Educativa. No serviço de informação da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (SECULT), consta a informação que o MIS Ceará:

Tem como função a coleta, registro, organização e difusão da memória audiovisual do Ceará, com ênfase na cultura, antropologia, História, política e tradições populares, usando como suporte filmes, vídeos, fotografias, cordéis, Livros, fitas de rolo e cassete, dentre outros. (SECULT, 2013, *online*).

O museu possui uma programação voltada para atender o público. Tem parte de seu acervo organizado em exposições prontas para circular por outros

equipamentos culturais com o objetivo de divulgação do mesmo. Dentre seus objetivos, tem-se o interesse de preservação da memória cearense. Com seu acervo aberto à pesquisa, seu banco de dados pode ser acessado pela *internet*, sendo composto por diversos suportes de fitas cassete, discos de vinil, *VHs*, *CDs*, fotografias, *slides*, livros, discos de cera e outros meios, onde estão registrados assuntos sobre Fortaleza antiga, suas personalidades cearenses e artesanato.

Sendo um espaço de referência para a pesquisa do ponto de vista acadêmico e de produção do conhecimento, embora se reconheça que o mesmo fica aberto ao público que quer conhecer um pouco da história do estado ou que busca lazer, geralmente turistas e pessoas que procuram curiosidades sobre a história no museu, o espaço oferece uma enorme quantidade de peças para visitaçã, observação e pesquisa.

Com exposições e palestras realizadas no espaço do museu, há muitos cursos itinerantes, sendo a entrada gratuita a todos os visitantes. Como nos lembra Cândido (2008, p. 2):

O Museu da Imagem e do Som do Ceará, criado em 1980, detém expressivo acervo da memória audiovisual do Estado. Possui cerca de 150 mil itens no acervo, constituído em sua maior parte por fotografias e LPs, parte dele disponível para consulta na Internet.

Desse modo, podemos perceber como esse espaço do MIS Ceará é apropriado ao uso desse equipamento com propósito de função social. Um projeto interessante no MIS Ceará foram os Kits didáticos. O que foi esse projeto? Foi uma experiência pensada em Portugal, no Museu do Trabalho Michel Giacometti, em Setúbal, e no Museu Municipal de Vila Franca de Xira, que foi adaptado no museu cearense com um propósito de interagir com o público visitante, ampliar os horizontes geográficos e servir como proposta educativa, uma vez que possuía um ideário didático na construção da aprendizagem.

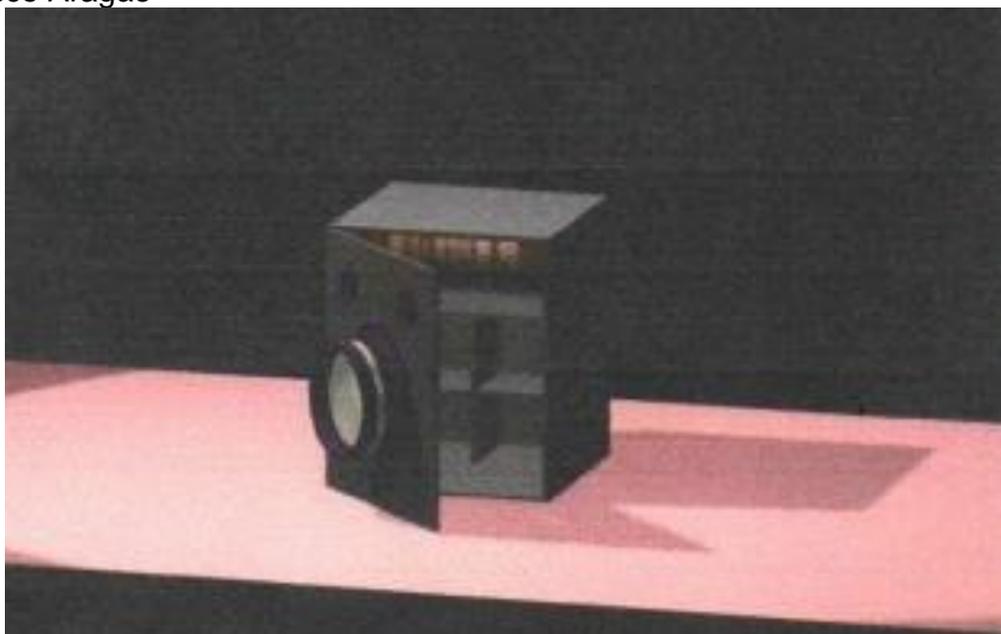
Havia uma proposta dos kits servirem como ferramenta da preservação patrimonial desenvolvida no MIS Ceará. Como podemos notar no texto de Cândido (2008, p. 2):

A maior parte do público de museus, especialmente do não espontâneo, ou seja, das visitas agendadas, é de escolas, chegando a 90% da demanda. A oferta gira em torno de um leque de possibilidades tais como visitas orientadas ou monitoria, treinamento de professores, cursos, atendimento para públicos especiais (deficientes, terceira idade, programa de inclusão social, etc), e produção de materiais didáticos. A finalidades destes é gerar

situações de aprendizagem, propiciar experiências concretas, despertar o interesse do educando através da manipulação de diversos suportes e proporcionar uma combinação de atividades lúdicas e cognitivas.

Assim, é possível notar a importância desse projeto no espaço do MIS Ceará, em sua amplitude de funcionamento e utilidade para os visitantes que iam até o museu, pois ali recebiam uma aula de História, orientação sobre o acervo do museu e seu espaço. Esses kits didáticos tinham essa função, havendo uma preparação para se fazer uso desse equipamento no museu. Na figura 8 é possível observar como funcionam esses kits, onde a caixa foi confeccionada sob medida a partir de projeto expográfico da equipe MIS Ceará, tendo um formato simulado de uma câmera antiga, abrindo tanto na frente como em cima.

Figura 8 – Maquete digital do kit didático de fotografia do MIS-CE, elaborado por Francisco Aragão



Fonte: Cândido (2008, p. 7).

Esse projeto tinha como objetivo realizar uma educação patrimonial com um propósito de desenvolver um ensino no objeto ou uma alfabetização cultural que possibilite uma leitura do mundo de modo diferente. Como nos lembram Horta e Monteiro (*apud* CÂNDIDO, 2008, p. 5):

Há uma apropriação de elementos da metodologia da Educação Patrimonial, definida como o ensino centrado no objeto, ou seja, um “instrumento de alfabetização cultural que possibilita ao indivíduo fazer a leitura de mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sócio-cultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido.(...) Trata-se de um

processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

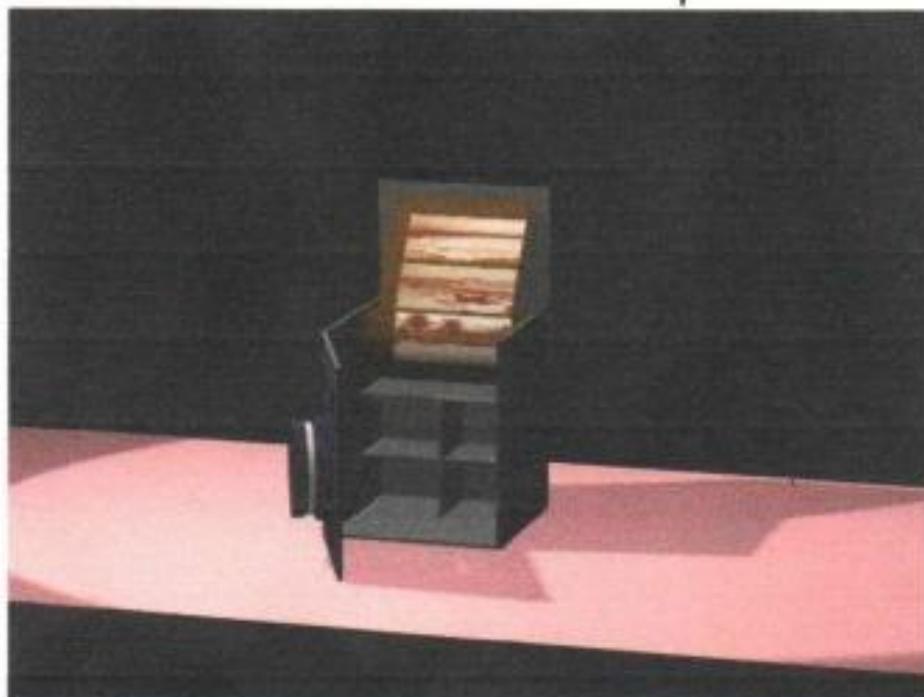
É possível perceber o quanto esse projeto possui uma função social dentro do espaço museológico do MIS Ceará, levando ao entendimento do processo educativo voltado para o conhecimento do público de como funciona o espaço e o acervo do museu, tendo um público-alvo crianças e adultos, sendo o MIS Ceará o espaço onde funcionaria esse projeto. Assim, haveria formação com um curso voltado para os multiplicadores, e estes poderiam realizar um cadastro para retirar os kits e fazer uso dos mesmos em outros espaços que não o do museu. Era uma forma de levar, para além do museu, o espaço museológico às pessoas que não poderiam visitá-lo.

Conforme era determinado, os kits poderiam circular fora do espaço museológico, pois de acordo com seu plano de gestão, as pessoas que fazia um curso para trabalhar com os kits tinham a autorização para retirá-los e levar às escolas ou cidades do interior. Era uma maneira de levar o museu aos que não tinham condições de ir até ele. Esses kits possuíam uma função didática com o objetivo de mediação com o público visitante ou com o público para onde os kits eram levados.

Ao todo, eram kits de fotografia, música, cinema, televisão, cultura popular, brinquedos e brincadeiras. As fotos que ilustram esse trabalho eram dos kits de fotografias (figura 9). Os kits didáticos possuíam vários temas e assuntos variados sobre o acervo do Museu da Imagem e do Som do Ceará, como nos lembra Cândido (2008, p. 3):

Os kits didáticos do MIS-CE serão caixas com elementos sobre temas previamente definidos de acordo com as prioridades do acervo do museu e que funcionam como pequenas exposições itinerantes a serem exploradas fora do museu, de acordo com métodos da educação não-formal e permanente. Serão um conjunto de doze kits didáticos, sendo dois idênticos, de cada um dos seguintes temas: Fotografia, Música, Cinema, Televisão, Cultura popular, Brinquedos e Brincadeiras.

Figura 9 – Maquete digital do kit didático de fotografia do MIS-CE elaborada por Francisco Aragão



Fonte: Cândido (2008, p. 7).

Desse modo, era possível levar o museu às pessoas nas escolas noturnas e cidades do interior, onde muitos alunos não tinham condições de visitar o MIS Ceará. Era uma maneira inovadora de entender o museu e seu acervo, seu espaço, seu funcionamento e suas funções museológicas.

Cada kit acompanhava um guia para o mediador realizar seu trabalho de multiplicador, havendo um glossário com dicas de atividades que seriam realizadas com os educandos em diferentes contextos, pois poderia ser levado a educandos em cidades ou escolas com contextos culturais e formação cultural diferentes.

Nesse sentido, os kits tinham um propósito de servir no auxílio aos visitantes no tocante ao acervo das imagens e dos objetos de som, músicas, cinema e cultura popular. Os kits possuíam uma função de medição com o público visitante que, a partir desse itinerário, poderiam receber um ensino educativo aos alunos, professores e visitantes em geral. Havia uma perspectiva de atender em torno de 5.400 pessoas ao ano.

O MIS Ceará realizava um projeto para inserir no seu programa de receber seus visitantes, com objetivos de aprendizagem, educação, conhecimentos históricos,

musicais, cinema, cultura popular, brinquedos e brincadeiras, visando agradar ao público, pois era uma forma de mostrar o espaço do museu como algo diferente, inovador e atrativo.

Hoje, o museu possui informações sobre sua programação no *site* da SECULT. Em 2018, o governador Camilo Santana (PT) assinou uma ordem de serviço para reestruturação do museu e seu espaço. Segundo o *Blog* no Eliomar, ouve a assinatura de uma ordem de serviços pelo governador, que tem como objetivo restaurar, reforma e ampliar o espaço do museu. Segundo o jornalista, a ordem foi assinada pelo governador na sede da SECULT.

O novo Museu da Imagem e do Som do Ceará, abrigará também uma nova biblioteca, uma sala de pesquisa, um Auditório, salas multiuso, salas de pesquisas e um café. O total de investimentos da obra do novo MIS, e de reparo e manutenção da casa onde funciona o equipamento é de mais de R\$ 15 milhões. (LIMA, 2018, *online*).

Esse novo espaço servirá para receber exposições, armazenar seu acervo e dinamizar seu espaço cultural. Atualmente só é possível ter acesso ao museu pelo *site* da SECULT, constando algumas informações no *site* de visita do Google, guia das artes, porém são informações sem acesso ao acervo do museu, constando apenas informações sobre o endereço, sua localização do *google maps*, agenda com as datas dos dias da semana. Não foi possível ter acesso ao acervo do MIS Ceará pelo *site* nem encontrar uma literatura mais robusta sobre o museu, como dissertações ou teses, artigos e ensaios.

Entendo que deveria existir uma plataforma mais acessível em relação ao acervo do museu para que se tenha acesso de maneira rápida, fácil e sem burocracia. É difícil encontrar informações sobre o MIS Ceará, seja em dissertações, artigos ou sites, pois quando existem são informações básicas e limitadas. Em outros museus dessa categoria sempre que se faz uma busca aparece um *site* do próprio museu com características e informações detalhadas, com acervo, institucional, contatos e uma página bem informativa, o que não existe no MIS-CE.

Aqui, não me ative muito a detalhar esses equipamentos, pois minha intenção era apresentar, de maneira simples e objetiva, os primeiros museus da categoria de Imagens e Som fundados no Brasil, para poder falar de maneira mais específica do meu objeto de estudo, que é o MIS de Iguatu, que será abordado no próximo capítulo desta dissertação.

### 3 O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO MIS DE IGUATU E SUAS ESPECIFICIDADES ENQUANTO EQUIPAMENTO MUSEAL

O MIS de Iguatu, Francisco Alcântara Nogueira, nome de um professor da cidade de Iguatu, estado do Ceará, foi criado em 1989, através de uma lei municipal de iniciativa do vereador Alder Teixeira. No entanto, o evento de inauguração de suas instalações foi em 15 de abril de 1995. O museu carrega uma carga simbólica muito forte, pois há uma representação de três grandes músicos, ícones da cidade de Iguatu: o maestro Eleazar de Carvalho, o compositor e parceiro de Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira, e o cantor e compositor Evaldo Gouveia, todos já falecidos.

Na figura 10, temos uma foto da parte frontal do edifício Ana Bezerra Moreira Vivina, que abriga o MIS de Iguatu, sendo possível observar que a construção é simples. A arquitetura do MIS, faz parte de um processo representativo de uma fase histórica que consiste em um projeto de criação do museu. A fachada comporta apenas uma placa com o nome do museu e a referência à vinculação com a Secretaria de Cultura e Turismo, sem especificar que é da cidade de Iguatu.

Figura 10 – Fachada do MIS de Iguatu



Fonte: Autoria própria (2021).

Meu primeiro contato com o MIS de Iguatu veio no período em que trabalhei como professor de História na rede municipal em Iguatu e na rede estadual de ensino, entre 2012 a 2019. Neste período ouvia meus alunos falar no museu, muitas vezes em tom de brincadeira. Outras vezes, falavam de maneira muito séria e chegavam a exaltar o museu como um espaço de preservação da história, cultura e patrimônio da cidade. Fui, assim, atraído, inicialmente, para o espaço por curiosidade e pelo desejo de conhecer um museu localizado numa cidade do interior do estado do Ceará, pois esse tipo de espaço museológico, principalmente especializado em imagem e som, nem sempre é possível de se ter em cidades interioranas.

Quando entrei no PROFHISTÓRIA da Universidade Regional do Cariri (URCA), cursando as disciplinas *Narrativas, imagens e a construção do fato histórico*, do professor Titus Riedl; *Teoria da história*, das professoras Sônia Menezes Silva e Rosilene Alves de Melo; *História do Ensino de História*, com o professor Egberto Melo; e *Seminário de Pesquisa*, com a professora Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez, fui, aos poucos, me interessando em produzir uma pesquisa sobre o MIS de Iguatu.

Claro que todas as disciplinas do programa nos possibilitam um grande crescimento de aprendizagem, com leituras importantes que geram inúmeras possibilidades de escrever sobre vários temas, porém precisávamos escolher um que tivesse uma relevância educacional para o PROFHISTÓRIA, e que viesse a contribuir com a comunidade escolar, com a cidade onde então residia, e me fizesse sentir satisfação com o que poderia produzir de trabalho escrito, deixando um legado aos meus alunos, familiares e professores que me acompanharam nessa trajetória. Assim, surgiu o interesse no desenvolvimento por este estudo.

O projeto de lei municipal nº 009/89, que criou o museu Francisco Alcântara Nogueira, aqui denominado MIS de Iguatu, partiu da iniciativa do vereador Antônio Alder Teixeira, como já indicado, foi aprovado na Câmara Municipal em 18 de abril de 1989, e teve a sanção do Prefeito Hildernando Bezerra. Porém, a solenidade de inauguração aconteceu somente em abril de 1995, na administração do Prefeito Marcelo Sobreira, estando o mesmo localizado desde então na Rua 13 de Maio, nº 1130, bairro Prado, na cidade de Iguatu, Ceará.

O prédio faz parte de um anexo a um prédio maior, que compõe o Serviço Social do Comércio (SESC) de Iguatu. Segundo informações de um ex-funcionário do Museu, o senhor Francisco Paula, o terreno pertencia à prefeitura de Iguatu, que foi doado para o empreendimento do sistema S, nesse caso, o SESC, que construiria

seu prédio no terreno com uma sala ao lado para acomodar o Museu da Imagem e do Som.

É interessante notar que a ideia de criação de um museu na cidade de Iguatu acompanha o desejo identificado a partir dos anos 70, na produção, construção e criação de museus no Brasil e no mundo. Na sociedade contemporânea se vê a busca de se preservar, manter viva uma memória, criando espaços e instituições para a preservação dessa memória, como lembra Monteiro (2014, p. 2):

A partir da década de 1980, a memória emerge como uma questão central nas sociedades contemporâneas. Há uma preocupação política e cultural com a volta ao passado, no sentido de se tentar preservar e guardar todos os elementos que possam, de alguma forma, influenciar o presente e o futuro, configurando o que Andreas Huyssen identificou, em sua alusão a Koselleck, como sendo o deslocamento dos chamados “futuros presentes”, que marcaram as primeiras décadas da modernidade do século XX, para os “passados presentes” no qual o passado passou a ser muito mais valorizado.

Entendendo o MIS de Iguatu como lugar da memória, de construção da história e da preservação e manutenção de objetos antigos, novos e contemporâneos, tendo um lugar de reconhecimento de autoridade, de disputas pelo poder e de guardar uma memória coletiva e individual. Notamos que dentro desse processo se dá uma luta de algumas autoridades, no ato de se promover, com obras que tendem a manter vivos seus feitos.

De acordo com Nora (1993), os “lugares de memória” configuram-se em um processo no qual a memória se torna um valor, uma forma de poder. Porém, como lembra Monteiro (2014, p. 3):

[...] a ideia de “lugar de memória” parte de uma concepção específica do conceito de memória. A memória é transitória, possível de esquecimento, humano e social e, por isso, sujeita a mudanças. Assim lembramos que a fundação de uma instituição como um museu, arquivo e outras entidades que cuide de preservar ou manter a memória viva, precisa ser entendida com cautela, pois nem sempre a memória pode ser entendida como algo intocável ou imutável e infinita. Ao contrário a memória sofre danos e muitas vezes pode ser acabada como em um evento de esquecimento do sujeito.

Porém, minha intenção de compreender o MIS de Iguatu e o ensino de História, sua função social, seu uso na cidade e na sociedade, e entender como o espaço do museu é usado pela comunidade escolar, me fez pensar em um estudo que buscasse informações no campo da História ligada ao museu, ensino, história e memória, bem como desenvolver um texto que possa atender às necessidades da

comunidade escolar, do estudo da História como ciência e ao meu desejo de escrever sobre o Museu da Imagem e do Som de Iguatu.

Desse modo, podemos perceber a influência de inúmeros eventos promovidos no decorrer dos anos de 1970 em diante. Encontramos alguns eventos no processo de formação de políticas voltadas ao curso de museologia e promoção de encontros com a finalidade de debater os museus e seus espaços. Conforme relata Ruoso (2008, p. 20):

Quando ao ler as diferentes documentações tomei conhecimento que aqueles anos de 1971 a 1990 havia acontecido um projeto de levar o Museu até a escola, intuitivamente fiquei pensando, de alguma maneira, o documento do Conselho Internacional de Museologia (ICOM) da Mesa Redonda de Santiago (1971) tinha influência sobre aquele projeto.

Em 1972, ocorreu um encontro em Santiago, no Chile, com uma mesa redonda que teve como objetivo debater as diretrizes sobre o papel dos museus na sociedade em relação à educação. Esse evento, junto a outros acontecidos no Brasil, como o Primeiro Encontro Nacional de Diretores de Museus, realizado em 1975, teve o propósito de promover uma visão em relação aos museus e sua função social, política e educacional.

Ruoso (2008) conta que, quando estava pesquisando sobre o diretor do Museu Histórico e Antropológico do Ceará (MHAC), Osmírio de Oliveira Barreto<sup>9</sup>, encontrou um relato de um encontro que ocorreu entre este e outros diretores de instituições museológicas. “Conto uma história desse encontro de 1975 que reuniu os diretores de museus de diferentes cidades do Brasil para debaterem sobre os problemas dos museus brasileiros e sua dinamização a serviço da comunidade”. (RUOSO, 2008, p. 20).

Nessa época já eram divulgados alguns cursos de museologia pelo país, como o curso da Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO), do ano de 1932, sendo o mais antigo do Brasil, e outro como da Universidade Federal da Bahia (UFBA), de 1969. Nos anos de 1980, outros eventos foram sendo realizados com a finalidade de aprofundar os estudos sobre museus e museologia, como o evento de 1982, que reuniu museólogos do Norte e Nordeste, promovido pela Fundação Joaquim Nabuco.

---

<sup>9</sup> Nascido em Jaguaruana-CE, nasceu em 27-07-1923, era professor, ex-diretor do Museu Histórico e Antropológico do Ceará (hoje Museu do Ceará).

Nesse encontro foi definido sobre a importância do trabalho especializado dos museólogos em relação aos cuidados que se deveria ter com o patrimônio cultural.

No Brasil, a partir de 1980, começa um processo de reabertura política que vai refletir nas atividades ligadas ao ensino nos museus, nas escolas e universidades. No mundo estavam acontecendo alguns eventos que refletiam também no nosso país. O movimento internacional, conhecido como nova museologia, pode ser citado como um deles. Em 1984, acontece em Québec, no Canadá, um encontro que teve como propósito debater os museus e seu papel social, inovando em questões teóricas e metodológicas no campo da museologia.

Esses eventos vão colocando novas perspectivas da museologia para as instituições brasileiras, pois já havia uma atividade museológica bem atuante. No entanto, essas novas tendências de museus comunitários e ecomuseus vão levar a novas fundações de museus em diferentes cidades do país, como é o caso do MIS de Iguatu. É claro que há interesses locais, de pessoas, figuras políticas e intelectuais da cidade a fim de instituir naquela cidade um espaço desse tipo voltado para a preservação e para falar da produção artística local, desenvolvendo a preservação do patrimônio artístico cultural e enaltecendo a história da cidade, com base nesse aspecto cultural.

Esses espaços e instituições que vão sendo fundados no contexto dos anos de 1970 a 1990, são reflexos de experiências produzidas na museologia do Brasil, envolvidos num contexto histórico, onde a educação, a preservação do patrimônio material e imaterial, o ensino e aprendizagem fazem parte desses projetos museológicos. Há interesses pedagógico-educativo, comerciais, de turismo, produtos artesanais, comunidades, problemas de ordem social e cultural.

Santos (2017), em sua dissertação de mestrado intitulada *Ecomuseus e museus comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas*, defende que ecomuseus e museus funcionam como espaços de interação social, econômica, cultural, educacional e de preservação da cultura material e imaterial das comunidades, com o intuito de servir ao povo, à comunidade escolar e à produção de conhecimento histórico-social. Como podemos observar, diz Santos (2017, p. 23):

Essas experiências museológicas, institucionalizadas ou não, são espaços emblemáticos no contexto atual, em que aumentam as exigências sociais por maior representatividade e participação (política, cultural etc.), pelo seu potencial em fortalecer as formas de participação democrática, onde na prática e teoria (assim como na própria museologia) se entrelaçam e se

desenvolvem paralelamente, com erros e acertos, avanços e retrocessos. Nesses espaços, comunidades ímpares (mas com semelhanças que correspondem à complexa e desigual formação da sociedade brasileira) de lugares específicos, encontraram formas próprias de (re) descobrir e (re) significar seu patrimônio, (re) construir sua memória coletiva e refletir sobre temas como identidade, memória, patrimônio, cultura, pertencimento, empoderamento, justiça social, etc.

Há um interesse social e de grupos específicos de se criar museus com objetivos de produzir um legado cultural de valorização e preservação da cultura local (material, imaterial e natural), tendo como foco um maior conhecimento da cidade/lugar e seus personagens. O motivo de se criar uma instituição museológica passa, em parte, por essa perspectiva, até mesmo porque nesse momento há uma necessidade de manter viva a memória social depois de um período marcado pela ditadura militar em âmbito nacional, e pelos efeitos da Guerra Fria, pós-segunda Guerra mundial, em âmbito internacional.

Assim, muitos museus foram sendo fundados com propósitos de produção sociocultural, entretenimentos, espaços de lazer, curiosidades e construção social de caráter educativo e de aprendizagem. Desse modo, o MIS Iguatu seguiu essa linha de intenções, buscando encontrar seu espaço na cidade e na comunidade iguatense.

### **3.1 Acervo e memória no Museu da Imagem e do Som de Iguatu**

Após essa breve introdução ao universo de criação das instituições museais, neste tópico abordo, de forma mais detalhada, sobre o acervo do MIS de Iguatu, apresentando o seu acervo, suas memórias preservadas e compreendendo que é necessário entender o MIS dentro do contexto histórico, seu uso na sociedade e seu papel social como instituição museológica.

O acervo do MIS de Iguatu conta com diversas peças que englobam quadros na parede com fotos de antigos prefeitos da cidade, passando por objetos doados como piano, cedido pela diocese de Iguatu, e projetores de um antigo cinema da cidade, moedas antigas, disco de vinil, flauta, uma arma de fogo (espingarda), um antigo computador, dentre outros objetos. No decorrer desse texto pretendo falar um pouco sobre cada um.

Aqui, cabe destacar que as coisas, ou objetos fora de sua função, de seu uso, no museu e no acervo desse museu, as armas, as moedas, o piano, a flauta, perdem sua primeira função para a qual foram criados, tornando-se peças de um

acervo que servirá para uma atividade lúdica, escolar, uma apreciação do visitante, aluno ou professor. Desse modo, vão ser utilizadas no cenário museológico e compõem suas memórias e as memórias da cidade, do colecionador do Estado ou mesmo do país.

No MIS de Iguatu é possível encontrar peças com valor sentimental, histórico e de uso imaterial, que foram objetos de poesia misturado com humor. Por exemplo, podemos citar o caso de um quadro com a foto do Padre Antônio Batista Vieira, e a história do jumento como símbolo de resistência do animal de carga no universo sertanejo. Naquele quadro estão presentes a história de um homem que representou uma religião, um professor, escritor, político e sacerdote das paróquias de Iguatu e de Icó, como podemos perceber nesse verbete do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), vinculado à Fundação Getúlio Vargas (FGV), no tópico que fala da bibliografia do Padre Antônio Batista Vieira.

Preocupado com o extermínio de jumentos no Ceará e em todo o nordeste brasileiro, promoveu diversas campanhas em defesa do animal. Fundou o clube mundial dos jumentos. Colaborou em diversos jornais e revistas nacionais e estrangeiras, publicou diversas obras, entre as quais cem cortes sem recortes (1963), o jumento, nosso irmão (4v, 1964), um hospital para Iguatu (1965), o verbo amar e suas complicações (1965) e o sertão brabo. Algumas de suas obras foram traduzidas nos Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra. (ABREU, 2010, *online*).

Por essa pequena descrição é possível notar o motivo pelo qual o quadro falando do clube mundial do jumento se encontra no museu da cidade de Iguatu. Existiu uma história, uma relação do Padre Antônio Vieira<sup>10</sup> com a cidade, sua história de vida e seu posicionamento em relação as causas dos homens do sertão. Entre outras obras podemos citar a temática do sertão *O Jumento, nosso irmão* (1963), *Sertão brabo* (1964) e *Roteiro lírico e místico sobre Juazeiro do Norte* (1988).

Assim, pretendo apresentar o acervo do MIS de Iguatu, mostrando sua composição e falando da memória para a qual este acervo nos remete, procurando decifrar suas nuances, seus mistérios e sua importância numa concepção da museologia, da história e da memória da cidade.

---

<sup>10</sup> Padre Antônio Batista Vieira foi um padre e político brasileiro, fundador do Clube Mundial do Jumento, escritor e deputado federal pelo Ceará.

O acervo de um museu é pensado numa perspectiva museológica do significado que cada peça deve representar junto do seu local de exposição. Nesse sentido, é necessário pensar o acervo do MIS de Iguatu como sendo parte de um processo de ressignificação das coisas, como nos lembra Cândido (2017, p. 44):

Os processos de ressignificação das coisas como patrimônio são semelhantes aos da reciclagem, no sentido em que lhes dão uma segunda vida, mas sua especificidade está ligada ao fato de que fazem sentido somente para uma parcela, um recorte da realidade. Patrimonializar está ligado inexoravelmente a processos de exclusão, sem os quais não se consegue realçar aquilo que foi eleito para esta segunda existência.

Esse sentido dado as coisas, aos objetos e as peças de um museu, é de extrema importância para se compreender o cenário de um acervo museológico. No MIS de Iguatu, esse processo vai acontecer, pois seu acervo serve como ferramenta de exposição das peças estão colocadas em seus respectivos locais.

Por exemplo, as fotos dos antigos prefeitos da cidade de Iguatu estão colocadas em quadros, com as fotografias em formato de 3 por 4, com tamanho ampliado, sendo cada uma em sua posição de sequência cronológica, do mais antigo aos mais atuais. Esse processo se deu dentro de uma perspectiva da representação das figuras políticas daquela cidade.

Essa ideia de colocar as fotos dos intendentess da cidade e dos ex-prefeitos de Iguatu nesta cronologia, numa sequência do mais antigo aos mais atuais, obedece um tipo de organização das peças daquele acervo ligada à uma memória política institucional. Essa galeria de pessoas, normalmente homens que ocuparam o cargo executivo dos municípios, é encontrada também nas sedes das prefeituras.

Alguém teve a ideia de expor aquelas fotos com um propósito de exaltar determinadas figuras ligadas a história política oficial no museu. Pode ser que seja apenas uma coincidência, mas poderia estar em outro formato ou outro plano de apresentação, mas naquele formato agrada ao visitante e ao guia do museu, preenchendo aquele espaço da parede com uma espécie de exposição para demonstrar aos visitantes o reconhecimento que a cidade guarda de seus ex-prefeitos.

Figura 11 – Exposição das fotografias de ex-prefeitos de Iguatu-CE



Fonte: Autoria própria (2021).

A figura 11 apresenta a parede com fotos dos ex-prefeitos da cidade de Iguatu, onde podemos ver alguns detalhes interessantes: as cinco primeiras fotografias da parte superior representam os primeiros intendentes da cidade de Iguatu, sendo apresentadas na sequência as fotografias dos primeiros prefeitos da cidade.

Foi a partir de 1914 que se começou a assumir o cargo como prefeito, e não mais como intendente, sendo José Adolfo de Oliveira o primeiro prefeito da cidade. Vale observar que as informações biográficas que estão anexadas nas imagens indicam apenas o nome do político, a data do início dos mandatos e a sua colocação, em número ordinal, na cronologia administrativa da cidade. É possível ver nestas sucintas informações que em alguns casos o administrador esteve mais de uma vez a frente do governo municipal, como é o caso de Deocleciano Bezerra Pinheiro.

As peças vão sendo colocadas em seus lugares com essa configuração no MIS de Iguatu. Pode até não ter sido um museólogo quem realizou a organização

daquele acervo, mas quem o fez procurou dar um sentido aquele tipo de formato no museu. Muitas vezes, não é necessário obedecer uma sequência determinada ou linearmente bem organizada, necessitando apenas dar sentido ao processo de musealização do acervo para que os visitantes tenham uma visão do museu em seus respectivos pontos de vistas.

A musealização segue um sentido de como os objetos são estudados, expostos e recebem um valor específico, afirmando que as instituições museais, “em seus afazeres, estão sempre às voltas com práticas de seleção, colecionamento e descartes, perseguindo a elaboração de critérios e a legitimidade social de sua existência, além de buscar escapar do risco da acumulação como fim em si mesma”. (CÂNDIDO, 2017, p. 44).

Essa lógica da escola vai atender ao processo de formação da museologia, porém pode atender também a uma visão do curador, ou mesmo ao interesse de alguém que trabalhe no museu e que pode não conhecer como se deve organizar um acervo museológico. O apropriado dentro da perspectiva museológica é que sirva ao máximo sua função específica para a qual foi designada determinada peça museológica.

Nesse contexto, o MIS de Iguatu vai sendo moldado com seu acervo numa ótica dos organizadores, dos fundadores e dos principais representantes da cidade, seja o prefeito, os vereadores e os intelectuais que realizaram o projeto de fundação do museu. Pelo que me parece, nesse museu não houve uma sequência linear de organização, onde percebo um museu criado numa perspectiva de servir à cidade e à população, mas vejo também um espaço de memórias variadas, onde parece não haver um cuidado de ter um profissional de museologia na montagem do acervo e da organização da instituição museológica como sendo um espaço voltado para as práticas modernas da museologia.

Vários são os motivos que condicionam essa realidade, seja pela ausência de profissional qualificado para desempenhar essa função ou pela ausência de interesse do poder público na contratação deste profissional para o museu da cidade. Devemos lembrar que esse evento de criação do museu acontece no fim da década de 1980, e encontrar um profissional formado em museologia nesse período não era comum em uma cidade do interior do Ceará, embora este fato não possa ser considerado como única justificativa para tal.

Esse tipo de equipamento, por vezes, é criado meio como uma atividade simples, fazendo parte de um evento, em geral, com apoio da prefeitura e de pessoas ligadas à cultura local da cidade. Talvez isso explique o fato de que esse museu tenha sido fundado numa tentativa de se criar um espaço para preservar, cuidar, produzir, disseminar, guardar, conservar e armazenar um acervo voltado para os valores culturais da cidade de Iguatu.

Por mais que queiramos falar de um museu moderno, com suas características da nova museologia, há traços marcantes dos museus do início do século XX. As peças estão no espaço museológico, como algo a ser exposto, sem propor uma reflexão ao visitante, servindo a um culto do passado, pois pouco se fez uso de novas técnicas da nova museologia.

Quando observamos como o acervo está organizado, para quem esse acervo fala, como estão descritas as informações de cada peça, notamos que esse museu ainda tem um quê do passado museológico. Como nos fala Poulot (2013, p. 81):

O museu histórico é, daí em diante, não tanto a oficina que o historiador visitava com certa displicência para suas pesquisas, mas o veículo de diversos empreendimentos de vulgarização. Acima de tudo, ele tende a se tornar a clínica dos atos de memória (Marie-Claire Lavabre) e, em primeiro lugar, das lembranças mais traumáticas, quando sua exposição faz as vezes de discussão pública. Seu desafio torna-se central para definir um passado justo, conjugado no presente: este aparece aí, geralmente, sob a forma descontínua de episódios singulares, enfatizados ao ritmo das comemorações e de acordo com a agenda da urgência social, em vez de serem situados na perspectiva de um projeto específico atribuído a objetos particulares, como era outrora a regra no museu.

Podemos encontrar no MIS de Iguatu esse sentido do museu ainda como sendo espaço de guardar a memória, um lugar do acervo voltado para o passado histórico, o lugar sagrado das coisas antigas, com uso fora da função primeira dos objetos que viraram peças museais, mas como sendo de um novo uso ainda ligado ao saudosismo cultural, social e popular. Podemos notar isso quando observamos as fotos dos antigos prefeitos colocadas em quadros na parede, mostrando o saudosismo que carregam aquelas molduras com as fotos.

É claro que há uma ideia de pensar esse museu dentro de uma outra perspectiva, uma ideia de quando foi fundado tinha um propósito de atender ao momento que se apresentava naquele instante em um país saindo de 21 anos de um regime fechado, com poucas expressões políticas, e que após 1985, passava a

sonhar com uma nova era de mudanças políticas, econômicas, sociais, culturais, buscando romper aqueles anos duros e de pouca liberdade individual.

Não que o MIS de Iguatu tenha sido fundado com objetivos de mudar esse panorama que estava passando o Brasil, mas haviam relações dentro dessas perspectivas políticas, sociais e culturais que poderiam pensar nessas novas mudanças que estavam acontecendo naquele momento no país. Mudanças essas que traziam novas perspectivas no campo da política, no pensamento intelectual, na maneira de organização social, das “diretas já” enquanto movimento que pedia eleições diretas para o executivo federal no início dos anos 80, a abertura política com os novos partidos que vão sendo criados, e as expectativas de novas eleições diretas para o executivo federal e estadual.

Voltando ao acervo do MIS de Iguatu, podemos notar seu potencial de peças que há no acervo daquela instituição. Algumas peças chamam atenção, como dois projetores de cinema que existem na sala compondo o acervo do Museu (figura 12), e que fazem parte dos resquícios de duas salas de cinemas que haviam na cidade até a década de 1980: o cinema Alvorada, construído na década de 1960 e funcionou durante 20 anos, e o cinema Coliseu, tidos como espaços que eram opções de lazer aos sábados à noite. Na imagem que segue temos duas fotos desses projetores.

Figura 12 – Projetores de antigos cinemas da cidade expostos no MIS Iguatu



Fonte: Autoria própria (2021).

Na foto acima, mostra os projetores dos antigos cinemas que haviam na cidade de Iguatu, esse cinema fazia parte das formas de diversão que marcou uma época na vida da juventude iguatense. Sempre que se fala nos cinemas que a cidade tinha, há pessoas que lembram com nostalgia das sessões, dos filmes e dos momentos com os amigos, quando iam ao cine Alvorada, ao coliseu. Esses espaços faziam parte da vida dos igatuenses, quando se fala em lazer. Hoje a população lembra com saudades dos cinemas e das histórias envolvendo a juventude, os mais velhos, a geração dos anos de 1980 daquela cidade.

No cenário do MIS de Iguatu, podemos notar vários quadros com fotos dos artistas que compõem a narrativa da cultura no espaço museológico. Um dos compositores e cantores que mais aparece em fotos é Evaldo Gouveia, nascido na cidade de Orós, mas que possui sua carreira artística marcada como sendo de Iguatu. Na figura 12 é possível notar a presença da sua imagem nas paredes do Museu.

No caso dos projetores, estes fizeram parte da vida cultural da cidade de Iguatu, pois compunham as salas de cinema que existiam no espaço cultural daquele município entre os anos de 1970 a 1980, como indicado anteriormente. Foram espaços que tiveram uma importância fundamental no imaginário da população de Iguatu, e quem possui mais de 50 anos de idade sabe do que se tratam as duas salas de cinema que funcionavam na cidade, embora os jovens também saibam da existência das salas de cinemas, pois seus pais, avós, amigos e professores relatam as histórias da cidade em relação aos cinemas e aos meios de lazer e espaços de diversão que faziam parte do cotidiano do município.

Essas duas salas de cinema tinham características bem distintas, como nos fala Araújo (2014, p. 24), em sua dissertação de mestrado:

Os dois cinemas mais lembrados e os últimos a fecharem, em fins dos anos 70 e 80, foram o cine Alvorada e o cine Coliseu. Nomes observados, provavelmente inspirados de outros locais já existentes, a exemplo do cine Alvorada do Rio de Janeiro, que trazia uma ideia de grandeza e esplendor. Estruturas que para a época eram tomadas como modernas e elegantes, equipamentos também dos mais modernos e filmes a critério da distribuição da empresa de Luís Severiano Ribeiro. Dois espaços de cinema que não podem ser analisadas em conjunto ou como semelhantes, pois cada um guardava elementos específicos e estabeleciam relações com o público também de maneira distinta. Por exemplo, um era o destaque em exibição de determinado gênero fílmico, enquanto o outro se especializava por exibir outro gênero.

A referência à importância do cinema e sua história na cidade de Iguatu passa por esses projetores de cinemas que estão compondo parte do acervo no MIS. São peças fundamentais que guardam resquícios de saudades, lembranças e memórias de uma época marcada pelo sentimento de fazer parte de um tipo de lazer que hoje não existe naquela cidade. Só restam as recordações daquele período, onde hoje se fala das respectivas salas com nostalgia de um tempo que foi levado pelo advento da popularização da TV aberta, com seus entretenimentos que marcaram as noites de sábados e domingos, dificultando os empreendimentos ligados a esses setores, principalmente em uma cidade de pequeno e médio porte do interior do estado.

É óbvio que não se deve atribuir o fracasso dessas salas de cinema apenas à popularização da TV aberta chegando aos lares da população nas cidades do interior, pois outros motivos foram cruciais neste ato, como a ausência de política de atrair o público com promoções, diversidades de gêneros e novas maneiras de se buscar outras parcerias. O certo é que esses espaços marcaram a vida de muitas pessoas naquela cidade, e os equipamentos que eram peças de exibição do cinema não foram esquecidos, sendo doados ao MIS como forma de lembrar, guardar uma lembrança aos que um dia foram ao cinema assistir um filme naquele espaço de lazer da cidade.

Vale observar que os dois projetores de filmes se encontram posicionados no meio da sala do MIS de Iguatu. As informações que aparecem nos mesmos também são bastante reduzidas e perde uma boa oportunidade de se provocar uma reflexão entre os visitantes. Em relação a temática específica do museu, estes são peças totalmente enquadradas na categoria de imagem e do som, propiciando toda uma gama de reflexões que vão desde a própria produção fílmica, como parte da indústria cultural, quanto as próprias sociabilidades dos moradores de Iguatu em tempos idos. Como já indicado, o fato da montagem do museu não dialogar muito com as novas concepções museais não ajuda no entendimento e nas percepções de um visitante que não tenha o olhar sensível para este diálogo.

Ainda falando de cinema, e da especificidade temática do museu, um outro aspecto que chamou atenção naquele espaço museológico é a ausência de referências ao filme *O Céu de Suely*, de 2006, dirigido pelo cearense Karim Aïnouz. Esse filme é bem conhecido, com uma produção brasileira, francesa e alemã, mas não há no museu uma cópia deste ou mesmo uma história relatando o filme, sua

sinopse, pois este filme tem boa parte de seu cenário realizado na cidade de Iguatu. Essa ausência pode ser decorrente ou do esquecimento dos gestores do museu ou da não atribuição de importância ao fato de Iguatu ter sido escolhida como cenário para o filme.

O filme se passa na cidade de Iguatu, fala de uma jovem de nome Hermila Guedes, de 21 anos, que volta a sua cidade natal, Iguatu, com um filho, Mateuzinho, tendo o seu companheiro ficado em São Paulo. O tempo passa e seu companheiro, Mateus, pai de Mateuzinho, não aparece. Hermila, querendo deixar o lugar a qualquer preço, resolve rifar seu corpo para conseguir dinheiro e voltar para São Paulo a procura do marido. É um drama, pois mostra uma realidade bastante dura que Hermila precisa se submeter, mas por outro lado chama atenção para a questão da prostituição que muitas mulheres estão submetidas na realidade social do Brasil.

Este filme, em 2015, entrou para a lista feita pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (ABRACCINE) dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos. Não ter uma cópia de uma peça cinematográfica de tamanha importância chega a ser descuido ou não chamou atenção dos dirigentes daquele museu para aquele filme?

Talvez, parte da temática do filme tenha sido um entrave para que a referência ao mesmo seja explicitada nas referências museológicas, mas essa questão mereceria uma pesquisa a parte para que fosse esclarecida, o que não seria possível neste momento. O fato é que a ausência desta obra, e da referência à mesma, em um museu supostamente dedicado à memória da imagem e do som, comprova que o acervo do museu não está isento de silêncios. A organização da exposição não apenas cria uma narrativa para a memória, mas silencia outras possíveis.

Para não criarmos um anacronismo na análise, vale chamar a atenção para o fato da produção e lançamento do filme *O Céu de Suely* ser posterior a montagem e inauguração do museu em Iguatu, mas podemos tomar esta ausência como um indicativo de uma outra questão. Os museus precisam de uma atualização não só em suas exposições, mas também dos seus acervos. Como um equipamento cultural, ele pode acompanhar a própria cultura e as novidades incorporadas socialmente à mesma ou pode se tornar um depósito de coisas velhas no sentido que não atualizar as coleções nem modificar suas concepções de usos.

Uma outra obra fílmica que deveria existir no MIS de Iguatu seria o documentário *O homem que engarrafava nuvens*, de 2009, dirigido por Lírio Ferreira, e produzido por Denise Dumont, filha de Humberto Teixeira. Nesse documentário, Denise procura entender o homem que era seu pai. A obra não obedece uma sequência cronológica, reta e clara, seguindo uma narrativa de eventos do homem Humberto Teixeira como músico, pai e artista.

Não encontrar uma cópia de um documentário no acervo do MIS ou qualquer referência ao mesmo é uma falha de quem organiza aquele acervo, pois deveria existir um documentário, inclusive para ser colocado como atração quando os visitantes chegassem para conhecer o espaço, e as personagens que compõem o acervo museológico. Não se sabe se não houve interesse ou se alguém que cuida do equipamento museal não teve acesso ao filme-documentário, mas reforça ainda mais o comentário feito anteriormente. Sendo um filme sobre a vida de um personagem já presente no museu, e produzido pela própria filha do músico, nada justifica a ausência do mesmo, a não ser a desatualização do acervo e a falta de reflexão constante sobre sua composição.

Falando ainda dos quadros emoldurados que há nas paredes do museu, encontramos fotografias dos blocos de carnaval de rua da cidade de Iguatu dos anos de 1930 e 1950, que animavam os foliões pelas ruas da cidade. São lembranças do Bloco dos Inocentes dos anos de 1930, e o bloco *Quem é Bom Já Nasce Feito*, que tem a fama de ter sido um bloco que teve o único rei momo da cidade de Iguatu, o senhor Meton Maia. Ainda havia outro bloco de carnaval de rua, *Bloco Reis do Nilo*. Existe uma nostalgia de tempos passados naquela cidade que está presente no acervo do MIS de Iguatu. Isso é significativo para os filhos e netos daqueles que viveram a alegria contagiante daqueles tempos de carnaval de rua em Iguatu.

Abaixo, apresentamos duas dessas fotografias que remetem aos carnavais de Iguatu (figura 13).

Figura 13 – Ilustrações de blocos carnavalescos expostas no MIS Iguatu



Bloco dos inocentes, em 1930, onde compõe a foto (sentados): Filgueiras Lima (poeta e escritor), José Lima Verde, Antônio Severiano, Adolfo Medeiros; (em pé) Felix Vieira, Sabino Antunes, Luís Correia Lima, Amâncio Galdino, Francisco Modesto, Francisco Jucá e Luís Salviano.



Foto do Bloco Carnavalesco "Quem é Bom Já Nasce Feito" que animava os carnavais de Iguatu no Clube Caça e Pesca, na década de 50. Onde se vê a frente o primeiro e único Rei Momo de Iguatu, o Sr. Meton Maia.

Fonte: Autoria própria (2021).

Essa espécie de moldura relata não só esses momentos do carnaval de rua, mas também homenagens ao grupo de pilotos de avião da cidade, à primeira mulher piloto, Bernadete Araújo de Mendonça, além de quadro de formandos da faculdade de Medicina da Bahia, intitulado doutores de 1932. Não há explicação na descrição da placa, mas imagina-se que na cidade de Iguatu algum daqueles doutores pode ser filho de alguma figura notória da cidade, e por isso resolveu doar a placa para o Museu.

Entre esses e outros quadros que se encontram emoldurado nas paredes do museu vão narrando a história de personagens da cidade, como Humberto Teixeira, Evaldo Gouveia, Eleazar de Carvalho, que são personagens que possuem suas origens associadas a Iguatu.

Humberto Teixeira nasceu em 05 de janeiro de 1915, na cidade de Iguatu, e aos 17 anos mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde ficou até sua morte, em 1979. Eleazar de Carvalho nasceu em Iguatu em 28 de junho de 1912, ainda jovem foi morar no Rio de Janeiro, e Evaldo Gouveia de Oliveira nasceu em Orós, em 08 de agosto de 1928, e aos 11 anos de idade foi morar em Fortaleza, onde permaneceu até sua morte, em 29 de maio de 2020.

Humberto Teixeira é muito conhecido na cidade de Iguatu, existindo uma escola de Música na cidade que leva seu nome, Escola de Música Humberto Teixeira. O motivo de reconhecimento foi seu sucesso como músico, compositor, político e parceiro do Rei do Baião, Luiz Gonzaga. Acredito que a parceria com Gonzagão tenha o deixado um pouco mais querido na cidade.

A carreira de político que Teixeira levou teve um papel fundamental e representativo não só para os iguatenses, mas para o país, pois o mesmo foi candidato pelo Estado do Ceará em 1954, e a parceria com Luiz Gonzaga o tornou “Dr Baião”, como era chamado. Em 2015, o Congresso Nacional instituiu 2015 como sendo o “ano nacional de Humberto Teixeira, o Doutor Baião” por ocasião do centenário de seu nascimento. O Deputado Federal pelo Ceará, Chico Lopes, do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) foi o autor do projeto de lei que instituiu tal ato.

Humberto Teixeira teve uma importância fundamental em sua passagem pela política, sendo dele a lei de direitos autorais, tendo atuado como vice-presidente da União Brasileira de Compositores (UBC). Formou-se em advocacia em 1944 pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, foi eleito deputado federal em 1954 e foi um defensor da música, sendo um dos responsáveis pelas caravanas musicais. Como podemos perceber nessa lei de 2015:

Eleito deputado federal em 1954, notabilizou-se pela luta em defesa dos direitos autorais e pela aprovação da Lei Humberto Teixeira, que promovia a divulgação da Música brasileira no exterior, por meio de caravanas musicais financiadas pelo governo federal. Também foi diretor da União Brasileira dos compositores (UBC) e lutou pelos direitos autorais. Faleceu no Rio de Janeiro, em 3 de outubro de 1979. (LOPES, 2015, p. 1-2).

Sua importância como músico, compositor, político, advogado e instrumentista foi extraordinária, principalmente pelo que fez como compositor, sendo diversas as suas composições, dentre as quais estão: Asa branca, No meu pé de serra, Baião, Juazeiro, Assum preto, Eu vou pro Ceará, Léguas tiranas, Qui nem Jiló e Respeita Januário. São algumas composições das cerca de 300 que gravou no Brasil e no exterior. No lançamento do disco de Fiá Pavi, na cidade de Iguatu, terra de Humberto Teixeira, Luiz Gonzaga o homenageia com essa música: Doutor Baião.

Onde Tá meu grande irmão  
 Onde e que tá  
 Quanto tempo, que saudade  
 Que você me dá  
 Quanta falta está fazendo, irmão  
 Ao nosso baião  
 Tudo que você criou  
 Que você deixou  
 Inda pedem pra eu cantar  
 Pros cantos que eu vou  
 Asa Branca, Assum Preto, irmão  
 Doutor do Baião

Vivo curtindo o acre do jiló  
Tão doce prá nós dois  
E amargo pra mim só  
Ai que saudade  
Poeta do Iguatu  
Ai quanta tristeza (bis)  
Fazer baião sem tu  
(SILVA; GONZAGA, 2003).

Com essa música, Luiz Gonzaga homenageava seu grande parceiro de composições quando fez o lançamento do seu disco de Fiá Pavi, em 1987, quando já havia passado nove anos de sua morte, onde Gonzaga lança esse disco justamente na cidade de Iguatu, terra natal de Humberto Teixeira, como quem demonstra um ato de gratidão pelos anos de musicalidade e de composições.

Essa representação do músico Humberto Teixeira para a cidade de Iguatu é muito significativa, pois mostra um ícone da música popular brasileira recebendo uma homenagem, em sua cidade, de um dos maiores músicos do país naquele momento. No Museu da Imagem e do Som da cidade de Iguatu há fotografias, discos, quadros e objetos que pertenceram ao poeta Humberto Teixeira, fazendo parte da representação do mesmo no ambiente museológico.

Nesse ponto de observação dos quadros emoldurados, recortes de jornais, fotografias e imagens na parede do MIS de Iguatu, nos remete a pensar o texto de Heymann (2005, p. 3), quando fala que:

Estarei interessada, ainda, nas sucessivas atualizações das memórias pessoais em questão. Não se deve perder de vista que os investimentos na memória-projetos institucionais, comemorações, homenagens - visam ancorar no passado a posições que os protagonistas desses investimentos ocupam no presente ou pretendem ocupar no futuro, sejam eles os próprios titulares. Sejam seus herdeiros, entendidos aqui não apenas como familiares, mas também como depositários da herança política do personagem. De fato, não estão em jogo, apenas, as condições que permitem criar uma instituição de memória, mas, além disso, as formas pelas quais tais memórias são evocadas e comemoradas, bem como as disputas entre diferentes grupos e diferentes projetos em torno de uma mesa memória ou, mais precisamente, entre diferentes memórias de um mesmo personagem.

Aqui, podemos perceber o quanto essa ideia de emoldurar fotografias, recortes de jornais, notícias de personalidades como músicos, artistas e as figuras que dão mote ao acervo do Museu, tem uma importância na produção desses legados, das memórias pessoais ou coletivas, sendo homenagens e comemorações transformadas em memórias por pessoas interessadas nessa produção. No caso do MIS de Iguatu, as pessoas emolduraram os quadros e fotografias com o intuito de

manter uma memória no imaginário da população e dos visitantes que realizarem idas ao espaço do museu.

É claro que não vamos encontrar as memórias apenas nesses quadros emoldurados, nos recortes ou fotografias, pois também estão em outros espaços do museu e em outras peças do acervo, representando personagens políticos, artistas, patrimônio material e imaterial do museu. O museu está repleto de peças no seu acervo que representam memórias de diversas maneiras, como instrumentos musicais, máquinas de escrever, calculadora mecânica (figura 14), relógios antigos (figura 15), vitrolas, ferro de passar roupa e outras peças que aos poucos vamos falando delas e buscando colocá-las em seus lugares.

Figura 14 - Calculadora mecânica



Fonte: Autoria própria (2021).

Figura 15 - Relógio de parede



Fonte: Autoria própria (2021).

Figura 16 - Flauta de Humberto Teixeira



Fonte: Autoria própria (2021).

Esses objetos e quadros ilustrando o ambiente do museu estão presentes em quase todo o espaço museológico, representando uma memória coletiva da cidade, dos homens que viveram essa realidade e a comunidade iguatense. Acima temos a flauta de Humberto Teixeira (figura 16), o que indica que foi aceito pelos possuidores do seu legado a doação do item para o acervo do museu. No caso, podemos refletir que um músico como o referido compositor poderia ter seus bens doados a outros museus da imagem e do som, já que as músicas que o mesmo ajudou a produzir fazem parte de um acervo cultural não apenas local, mas nacional. Ou seja, é necessário que os herdeiros dos homenageados participem de alguma forma da formação do acervo.

Outras peças do acervo que chamaram a atenção são várias notas de dinheiro e moedas antigas sem valor real, sendo comuns quando se trata de dinheiro antigo no contexto de colecionadores, pois sempre encontramos pessoas que colecionam certas notas e que possuem valor sentimental, nostalgia de um período muitas vezes marcado por dificuldades financeiras para muitas pessoas. Isso é notável quando se analisa a realidade do povo brasileiro de maneira significativa e, principalmente, nos momentos de crise que o país tenha passado. A questão que não se pode calar é qual o local dessa reminiscência na composição da exposição do museu.

Um detalhe que ficou bem interessante é uma propaganda que há em um cheque da Caixa Econômica Federal de uma Agência do Rio de Janeiro, AG Catete, com endereço da rua do Catete. Essa propaganda diz em um pequeno panfleto localizado acima do cheque: “poupança começa em criança! Alô amiguinho”. Esse cheque com a propaganda era da turma do Balão Mágico. Isso foi um pouco surpreendente, pois alguém trouxe um cheque que faz uma propaganda de uma grande instituição bancária que possui uma forte atuação em caderneta de poupança, e que na época era atrativo, pois quem podia economizar colocava algum dinheiro nessas aplicações bancárias e podia ter algumas economias no futuro. Não sei se esse cheque propagandístico que existe no MIS de Iguatu foi doado por alguém da cidade que chegou a conhecer a turma do balão mágico, e tenha ganho aquele cheque como lembrança, como representação, ou mesmo algum brinde.

A propaganda da turma do Balão Mágico fazia um apelo para o público jovem que acompanhava aqueles jovens em suas brincadeiras e shows. Era um apelo para que as crianças comesçassem a economizar desde cedo, representando um

mecanismo de chamar atenção para um tipo de educação financeira ainda quando criança. Esse cheque se encontra no MIS de Iguatu, cujo motivo dele ter chegado lá não foi possível descobrir, mas penso que seja fruto de alguma pessoa que pode ter recebido aquele cheque em formato de propaganda e doou ao MIS, embora o real motivo que este se encontra no acervo e na exposição ainda merece ser desvendado.

No MIS de Iguatu é bem comum encontrarmos em seu acervo objetos, recortes de jornais e placas fazendo homenagens as pessoas da cidade, ou algo relacionado à curiosidade, como é o caso desse cheque, bem como quando se fala do clube mundial do Jumento, fazendo alusão ao Padre Viera, como falado anteriormente.

Há no acervo do museu uma máquina registradora da marca Yanco 6000, doada pela família Procópio, importante família do ramo de postos de combustíveis na cidade. São peças que foram doadas e aos poucos ganham importância museológica pela figura notável que fez a doação, onde muitas das pessoas que vão ao museu e se deparam com a máquina registrado observam o nome do doador e isso induz pensar no homem que fez a doação, e não na importância daquela máquina e sua função no museu.

Com certeza vários objetos chegaram no museu através de alguém que fez doação. Muitos objetos do acervo são importantes por representar uma memória da cidade, a história de alguém, uma recordação que será lembrada quando algum visitante chegar no museu e encontrar aquele objeto compondo o acervo, evocando a história do homem que doou, ou até mesmo se for alguém da família do doador, gerando uma nostalgia pelo objeto encontrado.

No museu existe uma máquina de datilografia da marca Facit, sendo interessante notar que essa máquina possui um teclado com os números de zero ao nove. Imagino que os visitantes não vão entender como a mesma funcionava, pois é uma peça bem desconhecida, principalmente entre o público jovem que utiliza as tecnologias digitais atualmente, vendo aquela máquina como algo curioso.

Grande parte do acervo do MIS de Iguatu representa determinadas questões que podem potencializar o processo educativo, servindo de reflexão aos visitantes. Embora existam muitos objetos no ambiente do museu que podem representar algo apenas decorativo ou mesmo simbólico, em um museu moderno, com a nova museologia, esses objetos vão compor outro sentido, como aponta Ramos (2004, p. 20-21):

Atualmente, os debates sobre o papel educativo do museu afirmam que o objetivo não é mais a celebração de personagens ou a classificação enciclopédica da natureza, é sim a reflexão crítica. Se antes os objetos eram contemplados, ou analisados, dentro da suposta “neutralidade científica”, agora devem ser interpretados. Mudam, portanto, os “argumentos museais”, entra em voga a discussão sobre as tensões entre o “museu-templo”, e o “museu-forum”, termos que ficam no vocabulário museológico a partir das considerações de Duncan Cameron (1992) no início dos anos setenta.

Para assumir seu caráter educativo, o museu coloca-se, então, como lugar onde os objetos são expostos para compor um argumento crítico. Mas só isso não basta. Torna-se necessário desenvolver programas com o intuito de sensibilizar os visitantes para uma maior interação com o museu. Não se trata da simples “formação de plateia”, a valorização do museu como forma de criar “cultura mais refinada”. Antes de tudo, objetiva-se o incremento de uma educação mais profunda, envolvida com a percepção mais crítica sobre o mundo do qual fazemos parte e sobre o qual devemos atuar de modo mais reflexivo.

É importante notar que o conceito de museu com a nova museologia tende a ser mais educativo, reflexivo e interativo, tornando-se um espaço dinâmico, atrativo e que possa proporcionar lazer aos visitantes, uma visão de mundo diferente do que tínhamos dos museus antigos dos séculos XIX e XX.

O entendimento dos objetos no museu precisa ser pensado, refletido e compreendido numa perspectiva do mundo antigo e do mundo contemporâneo. Nesse sentido, encontrar um objeto contemporâneo no acervo do MIS de Iguatu não é nada de se admirar, pois partindo da ideia que um museu contemporâneo necessita ter essas peças em seu acervo, pensamos o museu como sendo um espaço de reflexão que possui peças antigas e novas em seu acervo, pois é pensado numa perspectiva de educar, como nos fala Ramos (2004, p. 21):

Conhecer o passado de modo crítico significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudanças, como algo que não era, e que está sendo e pode ser diferente. Mostrando relações historicamente fundamentada entre objetos atuais e de outros tempos, o museu ganha substância educativa, pois há relações entre o que passou, o que está passado e o que pode passar.

Por essa razão, podemos pensar inúmeros objetos que estão numa exposição museológica compondo uma função de educar, de fornecer informações diferentes daquela que aquele objeto foi criado ou mesmo de servir ao que se está sendo exposto no espaço do museu. Aqui, podemos retomar a lembrança do cheque da propaganda do banco, que nos leva a pensar um momento bem próximo que se vive na década de 1980. Existe um sentido daquele cheque ocupar aquele espaço no

museu, fazendo parte do acervo, para representar um passado próximo, um presente e o que pode vir.

É necessário entender os objetos dentro de sua razão, compondo aquele acervo. É preciso compreender as peças do acervo e suas representações, seus significados, bem como seu teor histórico, material e patrimonial. Outra vez voltamos ao que Ramos (2004) discute, ao pontuar que se aprendemos a ler palavras, é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história que há na materialidade das coisas. Além de interpretar a história através dos livros, é plausível estudá-la por meio de objetos.

É necessário entender as peças de um acervo museológico dentro dessa linha de raciocínio pensada por Ramos (2004). E, pensando assim, podemos perceber o quanto o MIS de Iguatu nos coloca a sentir aquele espaço num sentido de museu moderno, com suas características, seus problemas, sua organização e todo o seu potencial de museu que tem seu encanto aos olhos dos visitantes.

Entendo que pessoas leigas nesses assuntos de museu e seus objetos, talvez possam se alfabetizar no sentido de observar o espaço museológico e seu acervo. É comum as pessoas leigas em museu, seu acervo e seu espaço, analisá-lo com um olhar de atraso em relação ao que se entende como museu e seu papel social, educativo e formador. Assim, precisamos saber interpretar, talvez nos alfabetizar em assuntos museológicos, tanto em relação ao espaço, como sobre acervo, exposições e literatura.

Ramos (2004) nos remete a ideia de Paulo Freire da palavra geradora, onde cria-se um novo conceito de objeto gerador quando propõe uma adaptação da ideia freiriana de palavra geradora, podendo ser realizada uma alfabetização museal. No método Paulo Freire, primeiro é preciso ter uma leitura de mundo para poder compreender o que se pretende. No caso do museu, é necessário, primeiro, compreender o espaço museológico para poder entender seus objetos, sua função social, seu acervo e sua organização dentro da perspectiva museal.

O acervo do MIS de Iguatu possui seu encanto, existe e compõe um quadro marcante com suas peças, seu espaço do museu e sua função social. Tudo o que existe no acervo do MIS de Iguatu possui um sentido existencial. Pode não estar em seu lugar adequado, mas existe ali, fazendo parte do seu acervo museológico.

Por exemplos, há cédulas e moedas antigas que estão numa caixa e numa vitrine sem muita identificação (figuras 17 e 18), de forma solta, compondo um acervo

que se o observador não souber interpretar, ao visitar o museu sairá de lá sem entender o que aquele dinheiro significava ou significa dentro daquela caixa. Entendo que aquele tipo de acervo a que está submetido o museu de Iguatu tem algumas falhas em sua organização, mas há um museu com seu espaço, com seu acervo e com seu jeito de funcionar, e é interessante compreendê-lo nesse sentido.

Figura 17 – Cédulas antigas expostas no MIS de Iguatu



Fonte: Autoria própria (2021).

Figura 18 – Moedas antigas expostas no MIS-Iguatu



Fonte: Autoria própria (2021).

Esse modelo de acervo em vitrine do MIS de Iguatu é muito comum de se encontrar. Em algumas situações isso nos remete ao modelo de museu dos séculos XIX e XX, porém é assim que organizaram o museu e seu acervo, como um antiquário. Não cabe julgar aqui o modelo de funcionamento, o acervo daquele museu, seu espaço museal ou alguma exposição que venha a ter, mas analisando o MIS de Iguatu, podemos notar que não há um documento teórico que possa ter fundamentado seu projeto fundador. Essa ausência de um projeto fundador-teórico-metodológico não deve servir como desculpa, ou justificativa para que aquele espaço museológico seja visto de maneira torta ou diminuída; é por essa razão que precisamos enxergar ali um exemplo de museu com seus valores e suas belezas de um museu da Imagem e do Som.

Em um museu ideal tudo isso deve existir, um projeto fundador com seus métodos, sua fundamentação teórica, com projeto educativo e com um projeto pedagógico, porém não estamos em um museu ideal e isso não nos faz pequeno, pelo contrário, isso mostra como o MIS de Iguatu tem sua relevância histórica, material, patrimonial e cultural para a cidade.

Quando analisamos o lugar do museu, como nos fala Ramos (2004), devemos olhar todos esses pontos em relação aos fundamentos teóricos, metodológicos e pedagógicos do mesmo. Por exemplo, como os cidadãos se relacionam com aquele espaço, como o uso do museu é feito e como é apropriado por alunos e professores. Lembra Ramos (2004, p. 37) que:

Em sua fundamentação teórica, o trabalho com o objeto gerador tem íntima relação com o ensino de História, mas isso não significa uma restrição ao espaço da chamada educação formal. A pedagogia dos objetos pode ser um veículo de formação do pensamento crítico e atuante em vários outros espaços de convivência.

No projeto educativo do museu devem existir cursos para orientar a montagem de exposições na própria escola. Procuram-se, com isso, parâmetros básicos sobre o exercício de pensar os modos de construir atividades com objetos que, de alguma forma, fazem parte da vida dos alunos e professores. Após certo amadurecimento do trabalho continuado com objetos geradores, pode-se, por exemplo, juntar fotografias antigas (e novas) do bairro, envolvendo nessa atividade as famílias dos alunos. A partir de fotografias e entrevistas com antigos (e novos) moradores, é possível montar painéis museológicos sobre a história da urbanização dos movimentos sociais e da própria escola.

É óbvio que esse processo ocorre dentro de um museu ideal, com uma equipe de profissionais montada para tornar aquele espaço museológico o mais atrativo e agradável possível, servindo de espaço voltado para a montagem de exposições com temas definidos e com toda uma logística de funcionamento. Esse cenário talvez não seja ideal em um museu com menos poder de logística e menos profissionais, mas não reduz a capacidade criativa do espaço museológico, como é o caso do MIS de Iguatu. Tem-se determinadas dificuldades, no entanto não limitam ou reduzem o seu papel de instituição museológica, nem sua capacidade de ser aplicadas práticas de expor, criar roteiros, receber visitantes e tornar-se atrativo e receptivo.

Dessa maneira, o MIS de Iguatu é um espaço museológico com muitos objetos e possui um acervo bem interessante, pois as peças que lá existem possuem seu valor museal. Um espaço museológico não deve ser tratado no sentido de guardar objetos ou com um sentido sentimentalista, visto que esse espaço precisa ser entendido como um espaço dinâmico, composto por profissionais de museus, historiadores e pessoas qualificadas e que possam entender o sentido do museu como instituição importante na sociedade.

No MIS de Iguatu todo seu acervo é composto por peças fundamentais e objetos de extrema importância na composição museológica. Dentre os vários objetos do acervo há um aparelho telex doado por um empresário da cidade, não tendo mais uma função utilitária e passou a compor o acervo do museu. Essa peça é de fundamental importância para se compreender como era utilizada, qual sua função e que tipo de objeto substituiu esse telex na tecnologia atual. O aluno que vai conhecer

o museu e se depara com aquele objeto do acervo pode não imaginar que aquela peça era usada para um tipo de comunicação.

O telex era uma espécie de rede de comunicação que consistia numa rede mundial com plano de endereçamento numérico, com terminais únicos e poderia enviar mensagens escritas para qualquer outro terminal. Muitos podem não saber desse detalhe, mas o telex está lá para servir de estudo, para se aprender como eram enviadas as mensagens no século XX, já que esse aparelho foi utilizado nesse período. No entanto, o objeto não vai falar por si mesmo, e enquanto acervo do museu é necessário indagá-lo, dialogar com o objeto, refletir sobre o acervo. Conforme explicita Ramos (2004, p. 55):

Na pedagogia do objeto, torna-se necessário implementar uma pedagogia da pergunta-diálogo feito de indagações envolvidas em problemáticas historicamente fundamentadas. Mas não há receitas para ensinar a fazer questões. O caminho é o próprio diálogo, que certamente solicita do professor um trabalho qualificado - preparo que é muito mais exigente e rigoroso do que a simples tarefa de transmitir conteúdos.

Nessa problemática, o professor pode realizar uma visita e levar seus alunos para uma aula no espaço do museu, sendo que este precisa entender e saber fazer os questionamentos, indagar o objeto e fazer seus alunos pensarem sobre aquele objeto. Aqui, o professor precisa entender o assunto, a problemática e inserir seus alunos nessa ideia de pensar o objeto dentro de uma perspectiva diferente daquela que o objeto foi criado, desenvolvido e utilizado. Assim, é possível provocar um instinto problematizador, produzir uma reflexão política, social, econômica e museológica. Não há uma receita, como nos lembra Ramos (2004), sendo necessário problematizar, refletir, “viajar” junto ao acervo para descobrir as respostas da reflexão.

O acervo e seus objetos precisam ser passíveis de instigar uma reflexão. Ser interativo, chamativo e agradável para poder servir como uma peça educativa. Não se pode utilizar o espaço do museu como uma área restrita, onde poucos conhecem e sabem utilizar expressamente seu acervo. O museu precisa ser menos autoritário, mais dinâmico, reflexivo e educativo. Desse modo, é possível introduzir o (s) museu (s) no cotidiano escolar dos alunos e professores, bem como da sociedade e comunidade. É importante o professor possuir uma relação democrática com seus alunos para criar métodos de aprendizagem usando o espaço museológico de forma dinâmica, interativa e produtiva.

No MIS de Iguatu existem inúmeras peças do acervo que são chamativas e merecem boas reflexões sobre as mesmas. Há um espaço com seu poder de chamar atenção, pois se trata de um museu que leva a definição de Imagem e Som, mas isso não significa que nesse espaço só tenha peças que remetam a esta temática, pois também há outros objetos que podem ser classificados em várias definições, como é o caso da coleção de cédulas e moedas que existe no museu, uma arma de fogo no modelo espingarda, e um relógio de parede, que são peças que compõem o acervo e precisam ser entendidas com seu valor material, histórico e museológico. Ressalta-se que estes elementos não impedem reflexões sobre a cultura material de forma geral e podem constar de reflexões dependendo do planejamento previamente realizado pelo professor.

Na paisagem museológica é necessário compreender o acervo e seus objetos sem discriminar nada que existe no museu. Se houver algum tipo de tratamento diferenciado sobre as peças do acervo, é possível que possa acontecer uma interpretação fora do comum e isso pode mudar a maneira de se olhar o museu e seu acervo. Logo, é interessante saber entender o espaço do museu como algo democrático que precisa ser relacionado com a possibilidade de tornar-se um espaço da produção do conhecimento, da aprendizagem e da construção de novas perspectivas históricas e sociais.

Então, no acervo do MIS de Iguatu é preciso entender todas as peças que lá existem com seu sentido histórico, seu valor material, imaterial e simbólico que cada peça carrega. Falar dos objetos dentro de um museu é falar desses objetos e entendê-los como sendo história, sendo parte tanto de uma cultura material quanto imaterial, e se foram colocados lá foi porque fez sentido para aquelas pessoas que estavam montando o referido acervo ou faz sentido para setores da comunidade local. Segundo Ramos (2004, p. 62):

O ser dos objetos existe em relação com o ser dos outros objetos e o ser humano. Falar sobre objetos é falar necessariamente acerca de nossa própria historicidade. O trabalho pedagógico com o objeto gerador sugere que, inicialmente, sejam exploradas as múltiplas relações entre o objeto e quem o escolheu. Mais cedo ou mais tarde, isso desemboca em outros atos criativos: a relação entre objetos do presente e do passado e o próprio questionamento sobre as divisões entre pretérito e o mundo atual. Tais exercícios vão, pouco a pouco, constituindo base para um relacionamento mais crítico com as exposições museológicas. Mas isso só acontece porque há, antes de tudo, uma abertura de visibilidade, o alargamento da percepção.

No acervo do MIS de Iguatu, como já referido, é possível encontrar vários objetos, quadros na parede, recortes de jornais noticiando algum evento na cidade de Iguatu, dentre outras peças, mas por ser um museu de conceito, imagem e som, existem muitas peças identificadas com esse conceito. Exemplo disso são os quadros com letras de músicas dos artistas que nasceram na cidade ou que foram tiveram parte de sua vida na mesma.

Entre as músicas apresentadas nesta exposição há vários textos que foram emoldurados com letras de Humberto Teixeira, Evaldo Gouveia e Eleazar de Carvalho. Esse acervo envolve discos, CDs, objetos musicais e homenagens para esses artistas. É claro que o acervo não está limitado a esses artistas, existindo imagens da estrada de ferro, da primeira locomotiva e da ponte metálica que é uma imagem da cidade e um marco na memória da cidade, pois representa o progresso da estrada de ferro quando chegou à cidade em 1910, e sua ligação sobre o Rio Jaguaribe, outro símbolo de Iguatu.

Existe o uso de vários quadros na parede fazendo referências aos músicos citados, com notícias sobre as visitas desses músicos à cidade, sobre a morte de Humberto Teixeira, visita de Luiz Gonzaga à cidade para fazer uma homenagem ao seu companheiro e parceiro de composição, homenagem a Evaldo Gouveia e letras de algumas composições como: No meu pé de serra, Juazeiro, Asa branca e Brigas. Essas homenagens representam eventos na câmara de vereadores da cidade que foram noticiados e acabaram sendo emoldurados e levados ao museu.

Como o espaço do museu é dinâmico, criativo e embelezador, seus objetos precisam estar de acordo com esse dinamismo, sua exposição em vitrines, mesas ou estantes que possam ser visualizados pelos visitantes de maneira clara e conceitual. Muitos objetos do acervo fazem parte de uma herança cultural ligada à cidade, à igreja ou aos eventos noticiados no museu. Esse espaço das vitrines nos leva a pensar, como fala Ramos (2004, p. 67-68), em A Danação do objeto, jogo de vitrines:

Nesse “tempo dos objetos”, no qual nos encontramos, e nos perdemos, há uma infindável floresta de imagens sedutoras que, de modo estratégico, esconde sua malvadeza. Mas não se trata de combatê-las, criando polaridade entre aceitação ou negação. Essa saída seria mais fácil e, o que é pior, acabaria por contribuir, através da negação, para certo reforço em torno daquilo que se quer combater.

Essa ideia do espaço museológico e de como os objetos devem ser observados e tratados pelo observador da maneira mais criativa possível, relacionando os objetos e seus usos, sua criação, seu tempo de produção, sua duração e como esses objetos estão no museu, sua representação e seu significado, para o visitante é um método viável e capaz de produzir uma educação crítica. É comum analisar tais objetos dentro de sua ótica lógica, identificando se é um objeto que representa símbolos ou memórias de alguma pessoa, família ou monumento.

Um fator interessante no MIS de Iguatu é que ele é também um museu histórico, mas isto não consta no seu nome, porém há muitas peças do acervo que nem sempre estão voltadas para a definição de imagem e som. Como só existe esse espaço museológico na cidade, muitas peças do acervo estão compondo a parte histórica da cidade, da cultura e da sociedade iguatense de forma mais geral.

As moedas, armas de fogo, máquina de datilografia, relógio de parede, máquina calculadora, textos escritos homenageando algumas pessoas não, necessariamente, ligadas ao mundo da produção cultural da imagem e do som, ou seja, há outros objetos que estão fazendo parte do acervo, mas não possuem relação com essa definição. No entanto, é compreensivo, pois estão no museu que há na cidade e isso acaba passando despercebido, ao mesmo tempo aumentando o acervo.

O espaço do MIS de Iguatu é repleto de objetos circundados de significados, sentidos, memórias, tensão e curiosidades. Não cabe debater apenas os objetos de imagem e som, mas debater objetos históricos, patrimônio material e imaterial com muitos sujeitos envolvidos. Embora haja, em sua maioria, objetos de imagens e sons, há também objetos que estão no meio entre um e outro, entre imagens, sons, história, memória coletiva e possuem valor museológico de muita importância para o sentido do espaço museal. Assim, devemos pensar o museu como um lugar de reflexões, significados e revelações humanas, materiais, culturais e patrimonial. Poulot (2013, p. 23) diz:

O museu de maravilhas requer obras fascinantes, obras-primas famosas ou singularidades notáveis que são oferecidas à administração ou ao espanto do espectador: ele é o lugar de revelações mais ou menos aguardadas ou previsíveis, que devem fazer surgir diversas significações. Essa tradição evoca os gabinetes de curiosidades encarregados de mostrar o mundo a seus visitantes. O museu, cujo princípio se apoia em estabelecer ressonâncias, expõe ao contrário objetos ou obras que dão testemunho de referências compartilhadas. A coleção remete a um corpus erudito que induz a uma

iniciação, a conhecimentos suscetíveis de serem ampliados, segundo os princípios de uma museologia surgida no decorrer das décadas 1920-1930, mas cujas diretrizes remontam aos museus didáticos do século XIX, os quais chegavam inclusive a utilizar reproduções de artefatos exteriores e suas coleções.

Os museus são espaços de reflexões, de expandir conhecimentos, educar através do aprendizado e estimular outras visões sobre objetos e peças de uma exposição, acervo ou que estão numa condição de referência que deve ser compartilhada. A reflexão sobre os objetos, exposições e curiosidades dos museus é parte de um entendimento sobre o novo momento que passa a museologia. Evidente que muitos museus brasileiros ainda carregam o sentido que possuíam no século XIX e início do século XX, mas com a nova museologia muitas interpretações vão dando sentidos diferentes aos novos espaços museológicos.

Cândido (2014) levanta pontos importantes para se pensar os museus, seus espaços, as novas tecnologias, sua função social, seu lugar como instituição de preservação material e imaterial e seu local na comunidade. Para a autora, o museu possui uma importância fundamental no modo de refletir os eventos, suas exposições, suas interpretações e seus usos.

A função social dos museus é uma discussão reiterada e nunca esgotada, pois, se ele é inteiramente ligado a (quase que condicionado por) aspectos tangíveis como a edificação, as salas, vitrines e coleções, é exatamente nele que tudo é desfuncionalizado e reinventado ao se inserir em uma nova ordem simbólica é também um domínio das materialidades. (CÂNDIDO, 2014, p. 20).

O MIS precisa ser entendido dentro dessas perspectivas museológicas, sendo uma instituição que preserva valores históricos de imagens e sons, memórias, lembranças do passado e memórias que marcaram a cidade dentro de um contexto social. Assim, o MIS de Iguatu leva consigo o poder de preservar, guardar e manter viva história e memórias nos objetos do seu acervo. Seu papel social possui uma importância fundamental no desempenho da formação educacional dos visitantes, alunos que fazem visitas e ao público de modo geral.

Uma ideia que devemos levar em consideração sobre o MIS de Iguatu e sua relação com a sociedade é relacionada ao processo de ensino e aprendizagem que aquele equipamento representa para a sociedade igatuense e a comunidade escolar daquele município. Precisamos entender o museu como sendo uma instituição que promove, desperta e dissemina conhecimento. Sua relação com a produção do

conhecimento, disseminação e promoção precisa ser compreendida dentro do campo educacional como um elemento essencial no campo prático e teórico.

Assim, é preciso que alunos e professores possam entender a linguagem museológica, seu espaço, seu acervo, sua estrutura de funcionamento e todo o conjunto de elementos que compõem aquela instituição. Muitas vezes, professores, alunos, comunidade escolar e visitantes possuem uma visão errônea do espaço museológico e sua função.

É necessário que haja uma compreensão ou uma leitura numa perspectiva do profissional do museu, pois há várias instituições museológicas com nomenclaturas diferentes, museu histórico, museu da imagem e do som, museu de artes, ecomuseus, museu de ciências. Então, é necessário que haja uma compreensão de cada uma dessas instituições e suas características, sua localização, seu espaço museológico e seus acervos. Assim, é possível buscar uma compreensão desses espaços no âmbito do conhecimento escolar, no aprendizado e na produção do conhecimento.

Martins (2006) fala sobre os espaços museológicos e as escolas, cujas relações passaram a ser muito incentivadas a partir das décadas de 1970 e 1980. Até então, os museus eram ainda elitistas, com pouca interação no campo escolar, no âmbito do conhecimento primário e na visão de instituição do conhecimento. Sobre o papel desses espaços como de interação escolar, isso foi mudando com uma atitude dinâmica de ter nos museus espaços de conhecimentos, propícios a aberturas a um público menos elitizado e mais escolar.

A sinalização dessas mudanças pode ser percebida no diagnóstico das reuniões internacionais de museólogos e profissionais ligados a museus, em que foram produzidos documentos que reafirmaram essas iniciativas. Podem ser ressaltadas as jornadas de Lurs, em 1966, onde surgiu a ideia de ecomuseus, a Mesa redonda de Santiago do Chile, em 1977, onde foi discutido o papel social da museologia; a declaração de Quebec, em 1984, que resultou na criação do MINON-Movimento por uma nova museologia; e, por fim, a declaração de Caracas (1992), em que foi reafirmada a função sócio-educativa do museu, definindo-o como um canal de comunicação estimulador da reflexão e do pensamento crítico. (MARTINS, 2006, p. 16).

Desse modo, podemos perceber que nas últimas décadas muitas mudanças ocorreram nesse entendimento das instituições museológicas e sua relação com a comunidade escolar. É interessante que possamos entender o museu como ferramenta de ajuda, colaboração e produção do conhecimento escolar e

científico. É nesse contexto que o espaço do museu passa a ter uma maior importância na sociedade, seu papel social, sua função de instituição social voltada para o saber, aprendizado e lazer.

O MIS de Iguatu precisa ser entendido dentro desse propósito, onde o saber ganha outra notoriedade com as visitas de alunos, professores, comunidade e visitantes. Assim, é possível buscar visibilidade dentro do espaço do museu, procurando criar mecanismos de desenvolver uma relação escola/museu, de maneira que seja dada uma maior valorização dessa relação. Essa relação ainda é, muitas vezes, não muito compreendida, pois ainda somos levados a entender certos espaços com uma visão do século XIX, conforme destaca Martins (2006, p. 17):

As possibilidades culturais e didáticas desses espaços, aliadas a políticas governamentais de fomento e valorização do patrimônio, e a políticas educacionais de formação profissional, têm ajudado a compor um panorama em que os museus são parceiros da instituição escolar. Não obstante, a relação dos museus com as escolas configurou-se, ao longo dos anos, de forma quase “permanente”, o que faz com que esse público seja prioritário em muitas instituições museais.

Assim, precisamos buscar encontrar no museu esse perfil, onde haja interação estudantil com os profissionais da educação, com profissionais do museu e com seu público em geral, fazendo com que esse espaço museológico possa colaborar de maneira significativa. Nesse ponto, o MIS de Iguatu possui sua função educativa, pois há nele um espaço de visitas com propósitos de promover uma educação que integre seus potenciais aos alunos, professores, comunidade e visitantes.

Aqui, lembramos que o MIS iguatense faz parte da história da cidade e é um patrimônio material e imaterial que pertence à comunidade, à educação, ao ensino, ao público e aos visitantes que buscam ir até ele, com uma representação da cultura material, da arte, do lazer, da história vivida e presente naquele espaço. É muito interessante entender aquele museu como sendo parte dos homens e mulheres daquela cidade e todos seus elementos que compõem a comunidade.

Diante do que foi exposto, o capítulo seguinte desta dissertação se deterá em refletir, a partir de um levantamento com alguns professores que já utilizaram o museu como espaço para desenvolver atividades didáticas, como foi que estes processos se deram e como os mesmos compreendem a função socioeducativa para a comunidade escolar do Museu da Imagem e do Som de Iguatu.



## 4 COLETA E ANÁLISE DE DADOS REFERENTES AO QUESTIONÁRIO

Neste capítulo, apresento e discuto os resultados do questionário aplicado com alguns professores de História das redes estadual e municipal da cidade de Iguatu, uma escola da zona rural e as demais da zona urbana. O critério de escolha dessas escolas está relacionado ao fato dessas escolas serem, em sua maioria, da zona urbana, por esse motivo, era necessário ter professores que tiveram experiências ou visitas ao Museu da Imagem e do Som. Três dessas escolas são da rede municipal e quatro da rede estadual. O propósito é buscar saber como esses professores, a partir de suas práticas de ensino, relacionam o espaço da escola, e suas atividades, ao MIS de Iguatu.

Os professores da rede municipal estão vinculados a três escolas que, por questão de ética, estão identificadas aqui de escola A, escola B, escola C, sendo estas duas na zona urbana e uma na zona rural. As escolas da rede estadual, todas na zona urbana da cidade, estão identificadas como escola D, escola E, escola F e escola G.

A escola A, da rede municipal, está localizada no centro da cidade, na rua Dr. João Pessoa, nº 887, funciona nos turnos da manhã e tarde com ensino fundamental e possui, aproximadamente, 350 alunos. A escola B, da zona rural, está localizada no Sítio Barreira dos Paraibanos, sem número, zona rural, na via Carlos Roberto Costa. Segundo dados do professor que trabalha nessa escola, estavam matriculados 322 alunos no ensino fundamental, funcionando nos turnos da manhã e tarde. A escola C está localizada na avenida 13 de maio, sem número, bairro Prado, Zona Urbana, funcionando nos turnos da manhã e tarde, com 240 alunos matriculados.

Quanto às escolas da rede estadual, a escola D está localizada na zona urbana, na rua 25 de março, sem número, bairro Brasília. Essa escola possui, aproximadamente, 540 alunos divididos nos 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, sendo uma Escola de Ensino Médio em Tempo Integral (EEMTI). A escola E é uma Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP), está localizada na zona urbana, na rua 13 de maio, sem número, bairro Planalto, com cerca 400 alunos divididos entre 1º, 2º e 3º anos, funcionando em tempo integral.

A escola F, também EEMTI, está localizada na zona urbana, na rua vereador Nelson de Souza Alencar, sem número, bairro Veneza, funcionando em tempo integral nos turnos da manhã e tarde com, aproximadamente, 400 alunos divididos entre 1º, 2º e 3º anos. Também EEMTI, a quarta e última escola da rede estadual que foi chamada de escola G, localizada na zona urbana, na avenida Juscelino Kubitschek, sem número, bairro Esplanada II, também funcionando em tempo integral, manhã e tarde com, aproximadamente, 400 alunos divididos entre 1º, 2º e 3º anos, sendo essa última uma escola recém construída pelo governo do estado.

Com as informações colhidas após a aplicação dos questionários junto aos professores e professoras, foi possível iniciar o entendimento e o posicionamento dos participantes em relação a utilização do projeto museológico e seu espaço, com o projeto das escolas, e dos referidos educadores, como parceiros da construção de uma educação patrimonial, a partir de museus, especificamente do Museu da Imagem e do Som de Iguatu.

Como é do conhecimento de muitos educadores e educadoras, os museus e as escolas, ou seja, o espaço da escola e do museu, vêm ganhando muitos elementos de inclusão e relação, a partir de práticas cada dia mais comuns de visitas escolares aos referidos espaços dos museus, com o intuito desenvolver uma atividade escolar voltada à produção do conhecimento escolar e científico.

Nas últimas décadas, a partir da reformulação de visões do papel educativo dos museus e da necessidade da educação patrimonial enquanto conteúdo escolar, os museus e as escolas passaram a ser inseridos nesse contexto educativo, já que esta prática não seria possível sem a interlocução dos “dois espaços culturais”, através da ação daqueles que fazem parte destas instituições, e também de pesquisas que, a partir das instituições de ensino superior, produzem um conhecimento que impacta esta realidade.

A dissertação Martins (2006) mostra bem essa realidade que muitos espaços museológicos passaram e continuam a influenciar uma nova realidade. Conforme a autora:

Dentro do panorama nacional de museus, o público escolar configurou-se ao longo da implantação de serviços de atendimento educacional como alvo, consciente ou não, das ações educacionais institucionais. O trabalho sistemático de atendimento a esse público sempre absorveu grande parte dos recursos humanos das instituições, seja no atendimento monitorado a exposições, na preparação de materiais de informação

específicos ou na teorização dos pressupostos e objetivos envolvidos nessa relação. (MARTIS, 2006, p. 18).

Refletir sobre essa colocação é interessante, já que, por mais que os museus se preocupem e trabalhem com estas questões educativas, ao se tratar de visitas aos espaços dos museus, como os equipamentos são muito diferenciados entre si, os professores e professoras sempre vão encontrar dificuldades de realizar uma “boa visita”, pois nem sempre o equipamento possui pessoal disponível para guiar os estudantes. Desse modo, a aula, naquele espaço, pode ficar comprometida caso o educador não realize um planejamento anterior consciente dos limites do próprio projeto do museu com o qual vai trabalhar.

Outro problema encontrado, é que a própria escola, muitas vezes, não possui estruturas para deslocar a turma até o espaço do museu e, assim, a aula poderá ficar prejudicada. O certo é que em muito se tem melhorado, tanto nos museus, quanto nas escolas, em relação a construção dessas práticas educativas, e isso vem se modificando em benefício da educação.

O apêndice A apresenta as perguntas que foram encaminhadas para os participantes. O envio do roteiro de questões se deu de forma remota, já que a metodologia inicial que incluía conversas mais abertas foi modificada para que a segurança pessoal dos participantes ficasse garantida diante da pandemia da covid-19. Serão apresentados os resultados a partir de uma análise qualitativa dos questionários respondidos.

Vale ressaltar que o projeto de pesquisa inicial previa a entrega de um questionário semelhante aos alunos dos referidos professores e que já tivessem participado de uma experiência ambientada no espaço do Museu da Imagem e do Som de Iguatu pelo menos uma vez. Contudo, não foi possível ter acesso a estes alunos, pois a não localização dos mesmos que se daria a partir da escola, impediu o levantamento e a consequente aplicação do material, já que desde março de 2020 as aulas nas instituições escolares públicas do município de Iguatu encontram-se em formato remoto, como também de todo estado do Ceará, até o momento de finalização da pesquisa em questão.

Outra questão que pode causar um certo estranhamento ao leitor, é que as declarações apresentadas e analisadas podem causar constrangimento, no entanto, não vamos identificar os autores. Lembrando que o projeto foi aprovado pelo conselho de ética, após três pareceres. Ao final do trabalho será apresentada uma relação dos

professores/professoras que responderam o questionário e que, efetivamente, contribuíram com a produção dessa análise, porém optou-se por não vincular de forma direta a declaração com o indivíduo, já que a análise não vai variar em função da identidade dos mesmos, pois não existe esta intenção na pesquisa. Assim, para evitar qualquer tipo de constrangimento, preferimos não realizar a identificação direta do informante. No entanto, como é necessário identificar algumas respostas, vamos manter os nomes dos participantes sem identificação e vamos chamá-los de participante 01, participante 02, participante 03, participante 04, participante 05, participante 06, foram esses candidatos que responderam ao questionário. Lembrando que o questionário foi enviado a 08 participantes, porém apenas 06, responderam.

Essas questões foram aplicadas pelo modelo remoto aos professores (as), após o contato que fiz com cada um, falando do interesse em conhecer as atividades dos mesmos em relação ao MIS de Iguatu, bem como orientei que respondessem da forma que achassem correta, e dentro dos conhecimentos de cada um, lembrando que o projeto foi analisado e aprovado pelo conselho de ética, após dois pareceres de análise e a solicitação de correções no terceiro parecer, o projeto foi aprovado.

Assim, na concepção da pesquisa, seria possível conhecer a importância que o museu possui na educação, seu papel social, sua função como lugar de memória e como espaço de lazer, a partir das concepções e práticas educativas de professores da cidade de Iguatu. Ou seja, o questionário elaborado, a partir do momento em que ficou complicado o acesso presencial aos participantes, pois a pandemia dificultou a realização de entrevistas abertas. O modo de colher os dados foi através dos contatos pessoais, viabilizando a pesquisa, mesmo que em uma quantidade reduzida de respondentes que limitou a abrangência do conhecimento das práticas realizadas.

Entendo que um grande desafio encontrado pelos professores e professoras da educação básica, que levam seus alunos aos espaços museológicos, é o de saber lidar com o equipamento de maneira esclarecedora, crítica, e que possam ajudar seus alunos a compreender aquele espaço como sendo um local de produzir reflexão, conhecimentos, desfrutar de lazer, e de serem capazes de entender criticamente a experiência.

Na obra *A Danação do objeto*, Ramos (2004) pontua o trabalho com os objetos geradores, um conceito desenvolvido pelo mesmo a partir da ideia de palavra

geradora de Paulo Freire, e a aceleração do consumo dos museus no início do século XXI. Conforme Ramos (2004, p. 71-72):

Não é difícil perceber que alguns museus transformaram seus acervos em materiais de consumo visual, em conchavo com o “tempo dos objetos”. Por outro lado, esse mesmo “tempo dos objetos” pode dar mais argumentos para o museu assumir nova abrangência: o próprio estudo das condições que possibilita a “sociedade de consumo”. No “tempo de objetos”, o museu seria um núcleo educativo de insubstituível importância, centro de estudos sobre a historicidade dos objetos, instituição de pesquisa no qual o contemporâneo ganharia um status sem precedentes(...) Enfrentar por meio dos objetos, os sentidos de passado e futuro que habitam o presente tornar-se-ia um desafio ético abrangente e, ao mesmo tempo, específico, uma via de posicionamento crítico em consonância com o desafio pedagógico do museu.

É claro que muitos educadores e educadoras não possuem tempo para receber formações, ou qualificação profissional na área de museus, pois vivem sobrecarregados de tarefas burocráticas e tem uma sobrecarga de horas de trabalho. Muitas vezes, quando visitam o espaço de uma exposição, vão para saciar as curiosidades dos educandos, ou para quebrar a metodologia das aulas tradicionais, o que não deixa de ser, por si só, uma atitude louvável.

Nesse momento, percebe-se o quanto é importante ir ao museu, pois lá é possível entender um pouco o processo de uma exposição, como acontece a montagem de um acervo, o equipamento museológico como um espaço de reflexão, de produção do conhecimento, preservação e promoção da cultura material e imaterial de uma cidade, do estado ou mesmo do país. É possível, dependendo do aprofundamento existente, a partir desta prática, realizar uma crítica as próprias memórias apresentadas nestas exposições.

É necessário passar por formações, por um processo de educação museal, mas nem sempre as instituições promovem esta educação, algumas por falta de condições, e outras nem mesmo percebem a necessidade destas práticas educativas. O conhecimento da parte teórica que poderia começar na formação inicial do professor nem sempre está presente. Por esses fatores, também fica inviável levar os alunos aos espaços museológicos.

É claro que esse fator de conhecer e saber lidar com o equipamento vem melhorando e tem facilitado essas visitas, aulas práticas no espaço do museu, e a relação da produção do conhecimento escolar. A partir desse tipo de equipamento tem sido a tônica de diversas instituições no Brasil afora.

Mais uma vez, recorremos ao texto de Martins (2006), quando faz indagações e observações sobre a educação e a produção do conhecimento dentro dos museus e nas escolas. Conforme a autora, deve existir uma parceria por parte das duas instituições, para que se possa obter sucesso nesse processo de produzir uma aula reflexiva, construtiva e que proporcione conhecimento aos educando e educadores.

Nesse sentido, considera-se que os educadores de museus são portadores de um conhecimento empírico e teórico que é, em grande medida, o responsável pela normatização das atividades educacionais da instituição onde estão inseridos. Outros fatores, tais como a história da instituição, sua estrutura administrativa e o contexto social no qual faz parte, também colaboram para esse panorama. São esses aspectos que vão determinar qual é o discurso dos profissionais de educação responsáveis pela ação educativa de um museu, frente às práticas pedagógicas por eles estabelecidas. Determinar qual é o discurso e qual é essa prática é o primeiro passo para a compreensão desse objeto de estudo. (MARTINS, 2006, p. 19).

Dessa maneira, é necessário compreender as práticas e conhecimentos dentro de um museu, para poder entender suas realidades e seus limites. Porém, os educadores e educandos também precisam conhecer, minimamente, esses espaços e saber interpretá-los com seus objetos, acervos, estruturas, recursos humanos e recursos materiais, para entender seu funcionamento e seu papel e função socioeducativa.

Na educação básica, os professores possuem um discurso, têm uma pedagogia própria do seu trabalho, seu conhecimento e seu processo formador, mas precisam compreender os outros espaços formativos para poder desempenhar uma educação voltada para o conhecimento de seus educandos, de maneira que se possa melhorar seu nível intelectual e compreensivo das realidades distintas na escola e no museu.

Assim, as questões aplicadas aos professores tinham o propósito de saber qual era o envolvimento dos participantes no conhecimento sobre o museu, e sua relação entre escola e museu. O questionário foi encaminhado para oito professores que trabalham com a disciplina de História nas escolas do município de Iguatu, como já mencionado, sendo três da rede municipal e cinco da rede estadual de ensino. Vale lembrar, mais uma vez, que o contexto pandêmico em que a pesquisa se deu limitou a construção da pesquisa, reconhecendo que a abrangência da mesma poderia ter sido maior se o contato pessoal pudesse ter ocorrido com os professores e as escolas.

Falando um pouco mais do roteiro de entrevista, as questões foram elaboradas no sentido de ter respostas que ajudassem a compreender a visão dos professores em relação ao MIS de Iguatu, buscando o melhor entendimento possível sobre o espaço do museu, seu acervo e sua relação com a sociedade, a cidade e a comunidade escolar, especificamente do ponto de vista das práticas educativas que estes depoentes desenvolveram a partir do referido equipamento.

Reforçando a visão que fundamentou esta pesquisa, compreendemos que os museus possuem, atualmente, uma importância fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Nas últimas décadas, esse tipo de equipamento ganhou muita visibilidade, pois sua função social passou a ser vista de maneira dinâmica, onde, os museus não são mais compreendidos como um espaço e local simplesmente de se guardar objetos, mas um ambiente em que há uma interação e a possibilidade da produção de conhecimentos. Desse modo, foram feitas as questões pensando nesse ambiente dinâmico, onde professores, alunos e visitantes de modo geral possam entender o espaço do (s) museu(s) e usem esse espaço para benefício de todos, sem distinção de condição social, religiosa, profissional, e com harmonia.

De posse dos dados gerados a partir da aplicação do questionário, adotou-se a estratégia de apresentar as respostas e, ao mesmo tempo, ir discutindo as mesmas. Assim, temos na questão 01, item A, a seguinte pergunta: *Sobre o museu da Imagem e do Som de Iguatu, indique: qual a importância do mesmo para a cidade?* As respostas são diversas e estão ligadas à importância que o museu possui no tocante a representação cultural, representação da comunidade, seu acervo histórico que possuiria importância para a comunidade e que serviria como espaço de guardar registros diversos relacionados à história do município.

Segundo os depoentes, o museu possuiria uma importância dentro da preservação dos bens materiais e imateriais que lá estão preservados como patrimônio cultural; da preservação da memória da cidade e dos artistas que estão representados; da importância que o espaço tem em relação aos personagens e artistas que estão presentes nas galerias do espaço museológico, preservando, assim, o material fotográfico e televisivo. Essas são, em síntese, as respostas dadas ao item A da primeira questão.

Já o item B da primeira pergunta, quando questiona-se a importância do equipamento para o ensino de História, as respostas foram no mesmo sentido do item A. Os professores indicam a importância cultural dada aos músicos representados no

MIS de Iguatu; sua relevância para as futuras gerações, pois as mesmas podem fazer uso do equipamento na produção do conhecimento; o museu foi capaz de juntar um acervo com peças e registros da história da cidade como discos, fotos da ponte sobre o Rio Jaguaribe, suprimindo os fragmentos das fontes orais que, muitas vezes, deixam escapar algum detalhe, segundo os depoentes.

Segundo os respondentes, com essas fontes de fotografias e imagens, o visitante entende, de maneira mais didática, o espaço do museu. A importância da música representada no museu é capaz de tornar o ensino e a aprendizagem mais simples, além da importância na produção do conhecimento histórico e na construção da memória na cidade.

No item C da primeira pergunta, sobre a importância do MIS de Iguatu para o ensino em geral, as respostas podem ser compiladas da seguinte forma: sua importância para o ensino se refere a ser um lugar de visitas escolares para a educação básica; ser o museu um guardião da memória da cidade e, por isso, serve de um local para desenvolver uma aula diferente, fora dos domínios da sala de aula.

Ainda, o museu tem a capacidade de mostrar, através do seu acervo, fontes palpáveis, audíveis e visíveis, tornando-se um espaço para a produção do conhecimento e do ensino; e a função daquele equipamento no que se refere ao ensino, ser um local para debates, reflexões, inquietações e dinâmicas pedagógicas, bem como ser um local que exerce importância na pesquisa histórica, cultural e patrimonial.

Cabe ressaltar que essas respostas formam uma síntese de todas as dadas nos questionários aplicados aos professores e professoras, na primeira questão sobre o MIS de Iguatu. A primeira pergunta que apresentamos objetivou levantar, junto aos participantes, qual a importância que os mesmos viam do museu, tanto para a cidade de Iguatu, quanto para o ensino de História e para o ensino em geral.

Abaixo, consta a transcrição de algumas das respostas para o aprofundamento da questão. Por exemplo, em relação a interpretação do item A da primeira questão, o participante 1 discorre:

*Como bem sabemos o museu é um espaço onde resguarda importante acervo histórico e cultural de um povo ou uma região. Nosso estimado Museu da Imagem e do Som de Iguatu, cumpre fielmente a função natural desse seguimento, guardando em registros diversos que retratam e evidenciam importantes momentos da rica História de nosso município. Por cultivar e*

*registrar tão importante conteúdo, nosso museu tornou-se referência no que tange a historiografia iguatense. (Participante 1).*

Dessa maneira, podemos perceber que o participante 1 entende que o MIS de Iguatu possui uma importância para a cidade, e isso acontece pela importância do equipamento no tocante a valorização da cultura, da história e sua função como instituição para o município. Com um entendimento muito semelhante, o participante 3 afirmou:

*Sua importância pode ser medida na condição do material que lá está guardada, ou seja, o patrimônio que está contido naquele recinto. Em minha perspectiva o Museu tem por lado uma importância para a preservação de uma memória da cidade de Iguatu, especialmente a memória de artistas famosos, por outra sua importância se relaciona com o tipo de material que o museu preserva, não exatamente material da história do município, mas especialmente da história de artistas que fizeram sucesso no cenário nacional e por isto ficaram famosos e que são nativos desta cidade. (Participante 3).*

Nas duas respostas há um entendimento, dentro de um pensamento do museu como uma instituição de preservação, como guarda de material museológico e com relevância para a cidade de Iguatu. As demais respostas deste item possuem o mesmo pensamento e adotam o mesmo sentido.

Quanto ao item C da primeira questão, abaixo consta a transcrição da resposta do participante 3:

*Sua importância para o ensino se refere a ser um lugar que pode ser visitado pela comunidade escolar, da educação básica em geral, para ser usado como museu e guardião de uma memória, como elaborar uma aula diversificada que se realize fora de sala de aula. (Participante 3).*

Já o participante 5 escreveu que sua importância acontece no âmbito da cultura material, das condições econômicas e nos objetos que fazem parte do acervo, conforme apresentado abaixo:

*Importa porque os objetos compõem a cultura material sobre condições econômicas, estágio no qual se encontra o desenvolvimento de técnicas e tecnologias de uma sociedade, atuando como mediadores entre a história escrita e os objetos, transformando este último em documento. Esses objetos podem oferecer possibilidades para despertar curiosidades e indagações sobre o passado, oferecendo, ao mesmo tempo, oportunidades didáticas para desenvolver a análise e a interpretação. (Participante 5).*

Assim, podemos perceber que cada participante percebe a importância do museu no ensino de maneira bem definida, pois compreendem o espaço do museu como um lugar de reflexão, de produção do conhecimento e da força educativa que possui aquele ambiente. Nesse sentido, é importante entender o espaço museológico como um local de exposição de uma cultura material e imaterial, e sua relação com o ensino e com as interações sociais no âmbito da história da cidade e da comunidade escolar.

Muito provavelmente pelo fato de os informantes serem professores de História, tanto do ensino fundamental quanto médio, a importância do museu nos três tópicos que se buscava não varia muito e estabelece sempre um *link* com a preservação de objetos, a história do município ou dos personagens importantes do campo da música. Talvez tivéssemos outras percepções se os participantes tivessem se originado de campos diferentes do saber escolar, ou não, já que uma certa concepção ufanista da memória local se apresenta.

A questão de número 2, como já apresentada, questionava: Em relação à produção de conhecimento histórico em espaços não escolares, como você vê o papel de museus e do Museu da Imagem e do Som de Iguatu, mais especificamente?

As respostas apresentaram pontos de vistas diferentes, pois para alguns participantes a produção do conhecimento em sala de aula é muito tradicional, enquanto no museu é necessário um saber diferente, pois parte da ideia de que aquele espaço sempre foi marcado por um tipo de conhecimento muito fechado a poucos. No entanto, há formas de abordar determinados assuntos de várias maneiras e isso varia de professor para professor. Então, as respostas abordaram as dificuldades que alguns professores têm ao relacionar o ensino da sala com o espaço do museu, pois alegam que há pessoas que produzem curiosidades sobre fatos históricos, porém não é a ciência História.

As respostas foram dadas como sendo o museu um espaço de preservação da memória, produção de curiosidades e um ambiente atrativo, mas um certo tipo de curiosidade que não se caracteriza como conhecimento escolar.

Particularmente, visualizo a ausência de reflexão nas respostas dadas a essa pergunta pelos entrevistados, no entanto, as respostas eram livres e cada um produzia sua resposta de acordo com seu entendimento do museu. No entanto, tiveram respostas que foram no cerne da questão, pois entendiam o museu como um lugar de produção do conhecimento histórico e de aprendizado escolar.

Como já indicado no item 1, o local apareceu como lugar de valorização dos personagens representados no espaço do MIS de Iguatu, como Eleazar de Carvalho, Humberto Teixeira, Evaldo Gouvêa, visto que, com seu acervo, o museu possibilita uma atividade educativa, despertando a curiosidade, promovendo o debate e socialização de princípios de cidadania aos visitantes. Essas foram respostas dadas ainda a esse item da segunda questão.

Em relação a produção do conhecimento em espaços não escolares, os museus estão entre esses lugares e compõem um importante espaço para a produção do conhecimento fora das salas de aulas. Como já apresentado na questão 2, pedia-se uma análise dos participantes sobre esses espaços de produção do conhecimento. Pediu-se que os professores analisassem o papel dos museus, mais especificamente MIS de Iguatu. Vejamos abaixo algumas respostas obtidas:

*A historiografia não é uma exclusividade de escolas e universidades, então o museu e em especial o Museu da Imagem e do Som de Iguatu, traz um conteúdo claro e atrativo aos curiosos ou apaixonados por nossa história. O que é palpável, audível e visível certamente é mais didático e atrativo aos sedentos do conhecimento historiográficos ou até mesmo a leigos curiosos. Fazendo uso de seus atributos e fontes, nosso museu fornece nossa história a sociedade como um todo. (Participante 1).*

*É uma pergunta difícil de ser respondida, particularmente tenho dificuldade de relacionar este equipamento com a produção do conhecimento histórico. Acho que depende muito da forma como é conduzida o acesso a este tipo de equipamento e quem faz este trabalho e com que objetivos. Tem muita gente produzido informação e curiosidade sobre fatos históricos, que não se configura como um conhecimento histórico. (Participante 3).*

*Os museus são importantes instrumentos de preservação da memória cultural de um povo, e responsáveis por seu patrimônio material ou imaterial. O Museu da Imagem e do Som de Iguatu possui um grande legado musical dado pelos seus três filhos ilustres, ícones da nossa Música Popular Brasileira, como Humberto Teixeira, Evaldo Gouveia e o maestro Eleazar de Carvalho. O museu conta com um pequeno acervo formado por documentos, recortes de jornais e fotografias, sua maior expressão, que ilustram a história de Iguatu. Então o museu da Imagem e do Som, tem o papel de informar e educar por meio de exposições permanentes e multimídias. É o espaço ideal para despertar a curiosidade, estimular a reflexão e o debate, promover a socialização e os princípios da cidadania, e colaborar para a sustentabilidade das transformações culturais. (Participante 4).*

Essas respostas foram dadas no entendimento do museu como espaço de produção do conhecimento. Como podemos perceber, nem todos os participantes veem o museu como sendo um espaço de fácil entendimento em relação a produção do conhecimento, como é o caso do participante 3, que relata dificuldades de responder à questão 2, pois segundo o mesmo, essa possibilidade de produção de

conhecimento depende de como são conduzidas as orientações nos espaços dos museus.

Na questão 3, perguntava se os participantes haviam feito uso do equipamento em visitas. Se a resposta fosse sim, na questão 4 pedia para relatar a experiência. A maioria dos participantes respondeu sim, até porque esse já era um dos critérios pensados para o envio do questionário. Vejamos alguns relatos dos resultados encontrados:

*A visita gerou interesse nos alunos, do mais atento ao mais disperso, notei atenção e interesse em compreender os que viam e ouviam. Aquilo que anteriormente apenas ouviam, passavam a ver e de certa forma comprovar com seus próprios olhos e ouvidos. Ao fim de nossa aula foram muitos os agradecimentos e elogios quanto o local e o conhecimento repassado. (Participante 1).*

*Foi uma experiência positiva na medida foi demonstrado um interesse do poder público de preservação desta memória, mas me parece que não teve continuidade deste trabalho. Mas por outro lado, percebi a necessidade de organizar o processo de acesso a instituição e qualificar as pessoas que trabalham neste lugar, conhecimento sobre o Museu, memória e principalmente a História do município de Iguatu. (Participante 3).*

*Os alunos gostam desses espaços de conhecimento fora da sala de aula, até porque muitos deles nunca tinham visitado o espaço. E eles conseguem mesmo que de forma tímida fazer relação com o cotidiano deles, ou com alguma experiência vivenciados por seus familiares de mais idade. (Participante 6).*

*A visita ao museu aconteceu numa exposição feita pelo projeto do SESC, na cidade, onde foi possível visitar o local e lá explorar os objetos, como documento histórico. Haviam alunos interessados, outros que despertaram a curiosidade durante a visita e aqueles que não valorizaram aquele momento como uma oportunidade de ampliação do saber histórico. Foi bem comum observar que alunos do ensino médio julgavam o passado com os olhos do presente. (Participante 5).*

Nessas respostas dadas pelos participantes, é interessante notar que o uso do equipamento pelos professores foi importante, pois os relatos mostram que os alunos tiveram uma participação nas atividades, e isso trouxe, para o âmbito do debate, a produção do conhecimento fora da sala de aula, além das atividades em um ambiente museológico, onde os alunos puderam ter uma experiência diferente das aulas tradicionais no espaço formal que é a escola.

Em seguida, pediu-se para que os participantes avaliassem o resultado das atividades no museu. Os professores que responderam à questão 3 e 4 falaram que foi uma atividade positiva e que muitos dos seus alunos gostaram de participar, sendo bastante proveitosa, uma vez que a visita ao espaço do museu foi uma aula em um

espaço que não é do cotidiano dos alunos, e isso faz com que participem de forma direta e de maneira voluntária, ou seja, sem a necessidade da obrigatoriedade na participação. A seguir, podemos analisar algumas respostas dadas pelos participantes.

*Avalio de forma muito positiva, digo isso pelo que observei e pelo que os próprios alunos comentavam. Os olhares sempre atentos e o semblante de surpresa e os comentários de satisfação dos educandos. (Participante 1).*

*Foi positivo porque o museu é um espaço primordial para o registro da história e oferece a oportunidade dos alunos observarem que existe uma relação entre o que está escrito e os objetos que documentos, fontes da história. (Participante 5).*

*Como relatado anteriormente acredito que foi uma experiência positiva, na medida que os alunos conheceram a existência da Instituição e a memória histórica que lhe foi disponibilizada. (Participante 3).*

Como podemos observar, as visitas realizadas pelos professores com seus alunos são julgadas pelos mesmos como proveitosas, e tiveram uma importância fundamental para os professores e para parte de seus alunos, pois os mesmos fizeram uma atividade para além da sala de aula. Portanto, o museu pode ser visto como um espaço muito significativo, que possui importância na cidade e que serve de referência cultural, mas que, muitas vezes, não é conhecida pela população no geral, ou mesmo pela comunidade escolar do município.

Tais relatos, mostram que é possível utilizar o espaço museológico como lugar de produção de conhecimento histórico para além da sala de aula. Pode-se realizar naquele espaço do museu atividades voltadas para a produção de um conhecimento para além da sala de aula tradicional, ou mesmo a partir do que aquele espaço contém produzir conhecimento escolar.

Analisando mais um pouco as respostas dadas na questão 3, vale lembrar que os professores foram escolhidos pelo pressuposto de que responderiam sim a mesma, mas a intenção da pergunta era mais deixar registrado o evento na prática pedagógica do professor. Contudo, interessante foi notar que o uso do equipamento não se deu ou não se dá apenas por meio das visitas.

A maioria dos professores já fez uso do museu com visitas com suas turmas, onde alguns não deram detalhes de sua experiência com a aula no museu, e outros detalharam o evento da visita como tendo sido uma programação da Secretaria de Educação, que propôs que levassem algumas turmas para conhecer o espaço e

divulgar o mesmo para os alunos. Nesse caso, a iniciativa não foi do professor, mas de um projeto da Secretaria de Educação.

Outros professores que não levaram suas turmas até o museu falaram que usam músicas e trabalham objetos do museu nas suas aulas, ou seja, a partir do acervo do museu selecionam algumas peças e levam estes elementos para sua sala de aula. Dessa forma, dialogam com o museu, pois levam, através de estratégias diversificadas, itens deste para a sala de aula. Por exemplo, esta prática pode se dar através da apresentação de imagens feitas pelo professor da coleção ou mesmo pela reprodução de músicas lá destacadas.

Na questão de número 4, em que se pede para relatar a experiência de ter levado suas turmas ao museu, se a resposta anterior (questão 3) for positiva, os professores que levaram suas turmas ao espaço do museu, e fizeram uso daquele equipamento, relatam a experiência como positiva, como já destacado, pois na ocasião foi mostrado aos alunos o seu acervo, seu funcionamento, sua disposição ao receber o público e entenderam que aquele museu faz parte da história da cidade, onde se busca preservar a memória dos personagens e do município.

Como resultado dessa ação, se viu que a visita produziu nos alunos interesse pelo museu, suas curiosidades, sua história, e que muitos alunos fizeram elogios ao evento. Notou-se que alguns alunos, com certa falta de atenção no cotidiano escolar, durante o evento da aula no museu ficaram admirados com tudo o que havia no espaço museológico, e que o professor notou um interesse bastante significativo daqueles alunos nesse tipo de aula fora do espaço escolar.

Dando continuidade as perguntas, que vão se articulando entre si, agora passemos para a pergunta 5, que pede que o professor avalie o resultado da visita realizada com os alunos e das atividades desenvolvidas.

As repostas dos professores que levaram seus alunos e realizaram atividades ao MIS de Iguatu, como já indicada acima, são de que avaliam como positivas as atividades, pois perceberam no comportamento dos alunos, e nas suas falas, que eles ficaram muito interessados nas atividades, havendo um envolvimento dos alunos com a visita, seus olhares curiosos, suas indagações, com perguntas e observações e seus comentários com o professor a respeito da aula, e como ficaram satisfeitos em conhecer o museu e seu acervo. Lembrando que as repostas dessa pergunta foram dos professores que levaram seus alunos até o espaço do museu, ou seja, só temos a impressão dos alunos de forma indireta, já que não foi possível

realizar entrevistas com os mesmos.

A pergunta 6 do questionário foi feita no sentido de averiguar se os professores costumavam visitar museus. Se a resposta fosse positiva, tinham que indicar quais foram e em que situações. Nesse item, os professores que responderam, e falaram que sim, que visitaram ou visitam espaços museológicos, disseram que fazem isso por necessidades de pesquisas pessoais ou fizeram quando estavam na universidade e iam ao museu como atividade da mesma. Ainda, apareceu uma resposta que indica a visita aos museus por lazer, sendo o museu percebido como um espaço de curiosidades, de aprendizados, cultural, patrimonial e um espaço de socialização de bens culturais materiais e imateriais.

Na questão de número 6, além de se perguntar sobre a realização dos professores de atividades em espaços de museus, independentemente de suas atividades didáticas, tinham também que indicar em que contexto e em que locais, cujas respostas encontram-se transcritas abaixo.

*Sim. (Fortaleza, Juazeiro do Norte). Foi o primeiro contato que tive ainda na adolescência, me encantei como a história era contada, repassada, transmitida através dos objetos, utensílios, vestuários, me transportou para outros mundos, muito bacana. (Participante 2).*

*Sim. Museu da Língua Portuguesa – SP; Pinacoteca-SP; Museu do Ipiranga-SP; Museu de Arte Moderna –SP; Museu do Padre Cícero-CE; Museu de Patativa do Assaré; Museu de Luiz Gonzaga – PE; Museu de Paleontologia de Santana do Cariri- CE; Museu da Balaiada-MA; Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura- CE; Museu Centro Histórico do Icó-CE; Planetário da Fundação Espaço Cultural da Paraíba; Museu da Imagem e do Som-Iguatu-CE; Museu a Céu Aberto em Recife-PE; Museu Nacional de Belas Artes –RJ; Museu Palácio do Catete-RJ. (Participante 5).*

*Sempre que possível sim. Em algumas ocasiões foram feitas visitas com os alunos em Museu da Imagem e do Som (Iguatu-CE); Museu Patativa do Assaré (Assaré- CE); Museu de Paleontologia (Santana do Cariri – CE); Museu Casa Grande (Nova Olinda-CE). Enquanto acadêmica visitamos o museu da Imagem e do Som, Museu da cidade de Aracati –CE. E como cidadã, visitei a Pinacoteca, um museu de artes visuais em São Paulo. (Participante 6).*

Os professores deram respostas bem variadas, que vão do museu da Imagem e do Som de Iguatu, ao Museu do Ipiranga. Isso é muito interessante, pois foi identificado que na cidade de Iguatu existem professores e professoras que procuram conhecer espaços museológicos, bibliotecas, pinacotecas e outras instituições, o que aumenta seu poder de compreensão de mundo, que vai além dos livros e das salas de aula.

Já a questão 7, que indaga qual a função social de um museu, especialmente do Museu da Imagem e do Som de Iguatu, apresentou algumas repostas bem esclarecedoras, da concepção dos depoentes sobre a função social desse espaço. Todas as repostas apresentaram boa interpretação do espaço museológico, e do MIS de Iguatu, como sendo um espaço com uma função social muito relacionada à comunidade escolar.

Os participantes entendem que o espaço do museu possui uma função social voltada para narrar a história do município, contribuir com a formação intelectual dos estudantes, visitantes e a comunidade escolar. Aqui, as repostas estiveram próximas em relação a essa ideia de museu como espaço com uma função social específica. Espaço de reflexão, lugar de guardar memórias sociais, onde o seu acervo também representa essa memória, e um espaço de pesquisas de professores, estudantes e comunidade.

Outro entendimento sobre o espaço do museu e sua função social, no depoimento dos participantes, é que ali é um espaço onde há um trabalho de preservação, divulgação e promoção da memória de músicos, fontes históricas impressas, objetos sonoros, imagens, fotografias e que se mantém viva uma cultura da cidade, do povo, da comunidade escolar e suas referências estudantis.

Assim, esse espaço possui uma função muito relevante do ponto de vista dos entrevistados, já que ao fazer referência às figuras ilustres da cidade, como músicos, jornalistas, professores e ex-prefeitos, manteria viva a história que não se conta nos livros, principalmente os livros didáticos que chegam ao ambiente escolar produzidos a partir de outras compreensões distantes da história local.

Na sequência das perguntas feitas no questionário, e as repostas dadas pelos companheiros professores e professoras, no item 7 foi feita a seguinte indagação: para você, qual é a função social do museu? E, especificamente, o Museu da Imagem e do Som de Iguatu? Essa pergunta é oportuna, pois nos leva a reflexão do museu como espaço possível de se refletir sobre a cultura material da sociedade local, seus objetos, seus acervos, sua estrutura, seus espaços, e sua função de instituição de produção de memória e de narrativas históricas. Vejamos algumas das repostas obtidas:

*O museu é um espaço onde se aglomera fontes históricas dentro de respectivos aspectos e períodos. O Museu da Imagem e do Som de Iguatu*

*cumpra bem sua função, contando através de seu acervo muito da história de nosso município e da Região Centro-Sul. (Participante 1).*

*O museu tem a função de manter viva a história que não podemos ler nos livros, pois podemos olhar, perceber, sentir, escutar, o que cada peça quer nos mostrar. O museu de som de Iguatu mostra que o povo nordestino é guerreiro, e que tem muita personalidade, e somos felizes por ter uma grande cultura. (Participante 2).*

*A função social do Museu implica em refletir para quais finalidades estas memórias estão sendo pesquisadas em uma instituição que preserva o passado, como fonte documental. Pensando em uma memória social em que o indivíduo lembra a partir de suas referências de grupo. E neste cenário em que o museu em questão é o Museu da Imagem e do Som, cujo acervo compõe-se de um pequeno acervo formado por documentos, recortes de jornais e fotografias, conduz-nos a pensar sobre esta fonte documental como elemento instigante à pesquisa da história, e principalmente às memórias que compõe a trajetória desses filhos ilustres de Iguatu. (Participante 4).*

*São espaços fundamentais para registro da memória e patrimônio material e cultural de um povo. Os objetos históricos guardam relação com a materialidade e os bens culturais que representaram para o passado de um povo, portanto, o equipamento é um bem material que pode ser também patrimônio histórico da sociedade. (Participante 5).*

Assim, podemos notar que os participantes responderam essa indagação com uma percepção do espaço museológico como sendo de uma importância fundamental em relação a sua função social como instituição histórica e museológica. A maioria compreende o museu em sua estrutura como sendo um espaço de buscar enriquecer conhecimentos, local de preservação da cultural material e imaterial, lugar de conhecimentos históricos, de patrimônio material e espaço de guarda de objetos e acervos, uma vez que em um museu, uma das funções é preservar os objetos em seus acervos.

Na questão de número 8, a pergunta inquiria o seguinte: Em relação ao Museu da Imagem e do Som de Iguatu, a condição física de seu espaço e o acervo do mesmo, como você avalia? As respostas foram muito bem elaboradas e estão numa perspectiva de compreender aquele equipamento como tendo uma boa situação física. No entanto, os informantes, apesar de falarem do museu como um local bem organizado, seu acervo bem cuidado, com boa localização e edifício apropriado, algumas observações feitas por alguns foram no sentido de se ter um prédio maior, com um espaço de exposição mais amplo para melhor acomodar o seu acervo.

*Muito bom, embora acredito que com mais espaço para ampliar seu acervo e comportar mais visitantes tornaria nosso museu mais rico e dinâmico. (Participante 1).*

*Particularmente, gostei muito do espaço e da organização, porém não sou especialista no tema e também não fiz uma avaliação do espaço nos seus pormenores. (Participante 3).*

*O Acervo é de boa qualidade. O Museu da Imagem e do Som reúne acervo com diversos itens, composto de imagens, áudios, fotografias e documentos. Rádios, máquinas fotográficas, radiolas, radiofones, gravadores de fitas cassete e fitas-rolô, televisores, câmeras fotográficas, moviolas e projetores de filmes promovem uma verdadeira viagem no tempo. Já as condições físicas são um pouco precárias. (Participante 4).*

*O espaço é pequeno e inadequado. Como existem múltiplas peças que se enquadraria em diversos tipos de museus, acaba reunindo muita informação, o que causa confusão no entendimento dos alunos e/ou visitantes. (Participante 6).*

Assim, é possível avaliar as respostas dadas pelos candidatos em relação ao museu da Imagem e do Som de Iguatu e seu espaço, bem como seu acervo. Olhando as respostas, alguns não opinaram, pois alegaram fazer um certo tempo que não visitam o espaço do museu. Uma participante não entende o espaço do museu como adequado, como podemos observar nessa última resposta, afirmando que o acervo do museu e sua forma como está organizado causam uma certa confusão aos visitantes. No entanto, foram respostas que falam bem do museu, porém sempre deixam alguma observação, seja em relação ao espaço ou ao acervo.

Na questão 9 foi feito o seguinte questionamento: O espaço em que está localizado o museu é adequado para o mesmo? E para atividades pedagógicas? Nas repostas, por mais que os participantes tenham assegurado que o espaço do MIS de Iguatu seja um bom espaço, e sua estrutura e localização no centro da cidade apropriadas, ocorreu que no que se refere as ações pedagógicas no museu, os mesmos entendem que deve haver um cuidado maior em relação as atividades pedagógicas. Muitos disseram que o espaço de atividades pedagógicas precisa melhorar, pois o espaço para os visitantes, professores e alunos deixa a desejar. Mesmo assim, entendem que o museu possui uma localização privilegiada, pois fica perto de algumas instituições de ensino, é no centro da cidade e há ótimas vias de acesso.

Aqui, se faz necessário compreender o espaço do museu, no prédio que o mesmo está localizado, uma sala anexa a um prédio maior, como já destacado anteriormente, fazendo parte do SESC Iguatu. Como o espaço do MIS de Iguatu não

é grande, pode-se pensar em transferir o acervo do museu para outro espaço mais adequado. Podemos imaginar que um museu numa sala não muito grande, talvez não possua um bom espaço para as atividades pedagógicas. Algumas respostas foram bem diretas, onde os respondentes entendem o espaço como sendo inadequado para as atividades pedagógicas, conforme respostas abaixo:

*Como está já cumpre importante função, porém com mais espeço conseguiríamos ampliar as ações pedagógicas, avalio como pequeno para comportar ações que exigem logística estrutural. (Participante 1).*

*No que se refere a organização interna, como já falei na pergunta anterior gostei da organização, mas em relação a sua localização, é um lugar muito central da cidade e de boa acessibilidade para ela, como também é bem próximo de outras instituições educacionais importantes. (Participante 3).*

*Não, o espaço é pequeno e o material é bastante diversificado dificultando o foco, os objetivos que o museu pretende atender. (Participante 6).*

Como podemos perceber, as respostas ao item 9 do questionário foram bem diretas e a maioria dos participantes compreende o espaço do MIS de Iguatu como inadequado para atividades pedagógicas. Por ser um espaço pequeno, do ponto de vista da área ocupada, seria, em parte, inadequado para desenvolver uma aula naquele espaço. Apesar das respostas não terem indicado, possivelmente o tamanho das turmas com que trabalham os professores dificultaria as atividades com o grupo todo de alunos ao mesmo tempo.

Porém, precisamos compreender que, mesmo sendo um espaço que não atende de maneira satisfatória para se realizar uma aula com um grande número de alunos, é possível realizar uma visita com grupos de alunos, e utilizar o espaço que lá existe. Não é porque o espaço do museu não chega a atender de maneira satisfatória, que o professor não possa levar, ou leve, seus alunos para aquele ambiente, já que, inclusive, os professores aqui entrevistados realizam estas atividades.

Na questão de número 10 foi perguntado: Você indicaria na cidade de Iguatu um outro espaço onde o museu pudesse ser instalado? Se sim, qual seria. Aqui, alguns responderam que não indicariam nenhum outro lugar na cidade para realocar o museu, e outros participantes falaram que sim, indicaria a antiga estação ferroviária da cidade, e outros propuseram mudar o museu para um complexo que existe na cidade de Iguatu, onde fica localizada a escola de música popular Humberto Teixeira.

No entendimento dos participantes, o atual endereço em que o MIS de

Iguatu está localizado é um bom ambiente, porém, se houvesse a possibilidade de mudança, a maioria dos professores falou que deveria mudar para um lugar mais apropriado e que tenha uma ligação histórica com a cidade, como é o caso da estação ferroviária, ou seja, mudar para um prédio com valor patrimonial implícito.

As respostas dadas pelos professores foram taxativas, cuja maioria que respondeu que sim entende que a antiga estação ferroviária de Iguatu é o local adequado para servir de espaço do MIS de Iguatu. Abaixo, algumas das respostas obtidas.

*Sim, as antigas instalações da ferrovia. Tanto pelo aspecto simbólico, histórico e cultural, quanto pela localização e espaço. (Participante 1).*

*Poderia ser em um complexo cultural (No CSU) junto com a antiga escola de música e o teatro. Precisaria de uma reforma para abrigar esses equipamentos culturais. (Participante 4).*

Podemos perceber que o atual espaço do MIS de Iguatu não agrada de maneira satisfatória os professores visitantes. Caso houvesse uma mudança de endereço, essa mudança traria bons resultados para o museu e, conseqüentemente, para os usuários do espaço museológico.

Na questão 11, questionou-se: em relação ao acervo do museu em questão, o que lhe chamou mais a atenção? Por quê? A grande maioria dos participantes falou dos instrumentos musicais, das máquinas de projeção de filmes, e do aparelho de TV que há no museu. As cédulas de dinheiro antigo, as letras de músicas dos compositores que lá estão representados, os quadros que existem nas paredes do museu, entre outros objetos do acervo, que compõem as peças do museu também foram referidos.

Justificam que estes objetos tenham se destacado pelo fato de representarem a memória da cidade, dos compositores, dos personagens importantes da política local, na representação dos instrumentos musicais associada à música, e da representação da raiz musical da cidade de Iguatu, que está representada nos artistas locais, como Humberto Teixeira, Eleazar de Carvalho e do músico e compositor Evaldo Gouvêa. Abaixo, uma das respostas ilustrativas.

*No momento estou com dificuldade de lembrar exatamente, faz muito tempo que fui no espaço, mas na época foram os instrumentos musicais que estavam lá dispostos que me chamaram muito atenção. Por sua conservação e pela memória que aqueles instrumentos representam. (Participante 3).*

Os demais respondentes falaram do acervo de maneira descritiva, sem detalhes dos objetos e peças do acervo, citando alguns objetos sem se ater ao acervo de maneira mais detalhada, como os objetos musicais, aparelho de televisão e discos de vinil.

Aqui, pode supor que se a visita feita pelos informantes, se foi acompanhada pelos alunos, a atenção dos mesmos em relação ao acervo e suas particularidades pode ficar comprometida, já que em uma situação de aula-visita, inclusive pelo fato da instituição não contar com guias para estas atividades, como acima já colocado, os professores tem que se ater a vários aspectos da atividade, pois as turmas numerosas, o possível barulho, a diversidade de reações dos discentes, entre outras, pode tirar a atenção do professor sobre os objetos em questão. Além, é claro, do fator tempo destacado por um dos participantes, que atribui a falta de lembranças sobre o acervo pelo fato de já ter ido ao museu tempo atrás, o que indica que na prática pedagógica deste professor, este tipo de atividade não é comum, mas apenas se deu em uma situação excepcional.

Se uma das ideias principais de atividades pedagógicas em museu, a partir da ideia de que os objetos lá expostos podem gerar reflexões diversas, e a partir delas se produzir um entendimento mais crítico, essa falta de tempo da observação dos elementos do acervo se mostra, no mínimo, preocupante, já que, se o professor não consegue detalhar os mesmos, pode-se perguntar que tipo de aprendizagem esta atividade produziu junto aos alunos que o acompanhavam?

Outra questão que vem se repetindo nas respostas, e que aqui aparece novamente, é que a exposição museal é representativa da história e da memória da cidade. Um Museu da Imagem e do Som em Iguatu se justifica, pois, de fato, essa memória merece ser preservada, já que é indicativa dos grandes feitos de alguns dos filhos dessa cidade. Não existe, por parte dos professores, questionamento se outras memórias e histórias, mesmo que no campo da cultura, pudessem ali ser representadas.

Na questão de número 12, pedia que os participantes descrevessem sobre a coleção de peças/objetos que os participantes encontraram no MIS de Iguatu. Nessa questão, os participantes não puderam descrever todo o acervo com riquezas de detalhes, até porque muitos faziam um certo tempo que haviam visitado o espaço do museu, além de ser inviável detalhar tudo com precisão, e isso pode ter causado um certo embaraço nos participantes.

No entanto, os objetos mais visíveis no espaço do museu foram descritos pelos candidatos, como os discos de vinil, um piano que há no museu, as câmeras fotográficas, uma máquina de escrever, um rádio gravador, as cédulas de dinheiro que estão numa vitrine, os instrumentos musicais, os quadros representando personagens que compõem a história política do município, os recortes de jornais e os livros. Vejamos algumas das respostas:

*É uma tarefa difícil descrever os objetos neste momento, por que não lembro exatamente tudo que tem naquele espaço, lembro que tem alguns instrumentos musicais, das fotos de prefeitos dos municípios e outros artefatos preservados por colecionadores particulares e que foram doados ao Museu. (Participante 3).*

*O museu da imagem e do som acumula diversos tipos de materiais como objetos de cerâmica atribuído aos indígenas, acervos fotográficos diversificado, material da área musical (instrumentos) das comunicações (TV, telefone) discos. (Participante 6).*

*Fotografias, recortes de jornais, revistas, livros, e o mais diferentes e interessantes equipamentos como a primeira televisão a cores de Iguatu, instrumentos musicais como piano, aparelhos de rádio, microfones, entre muitas outras como moedas, peças indígenas, entre outras. (Participante 4).*

Essas respostas ao item 12 foram dadas pelo que os informantes viram ao visitar aquele espaço museológico, ou que lembravam que viram. Em alguns casos, alguns respondentes não detalharam os objetos e peças do acervo, não sei se os mesmos não lembravam com detalhes do acervo e das peças que compõem o conjunto do acervo ou não tiveram tempo para analisar o museu e seu acervo no momento da resposta do questionário, mas aqui aparecem novos elementos que ainda não tinham sido citados em outras questões.

A indicação de que parte do acervo que está no museu chegou ao mesmo a partir de coleções privadas, ou objetos de familiares de algum personagem local, além do que algumas peças de cerâmicas indígenas. Vale destacar que a coleção, a partir destas observações, se abre para outras narrativas históricas, principalmente a partir da presença de peças indígenas que se não são museais não deveriam fazer parte deste acervo, mas lá estando podem indicar outras trajetórias locais que não aquelas já socialmente aceitas como parte da identidade da cidade.

A questão 13 pedia que os participantes escolhessem entre três afirmativas (a) O museu é um espaço para guardar objetos antigos; b) O museu é um espaço onde a memória é preservada; c) O museu é um espaço de reflexão) aquela/ou

aquelas que definem a função do museu para os mesmos, justificando sua resposta.

As respostas foram distintas, porém os participantes tiveram o cuidado de responder dentro da perspectiva de cada um, articulando as mesmas com o conhecimento acadêmico do tema. Sobre o museu ser um espaço para a guarda de objetos antigos, alguns responderam que o museu é um local de guardar objetos, porém essas respostas estavam atreladas a afirmativa seguinte, que diz que o museu é um espaço onde a memória é preservada, e ao mesmo tempo juntavam a resposta falando que nesse espaço é possível fazer reflexões sobre o acervo, seus objetos, sua estrutura de interesses e seu espaço como área de exposição.

Aqui, muitas respostas tiveram a mesma interpretação do espaço museológico, sobre ele ser um espaço reflexivo. Há um entendimento do museu como um espaço de preservação da memória, relacionado com a guarda dos objetos, porém não foi percebido nas respostas o entendimento do espaço como de apenas tendo a função de guardar objetos antigos.

Nessa interpretação, os professores percebem o espaço do museu como sendo de produção do conhecimento, reflexão histórica, de despertar curiosidades, promover cidadania, despertar o entendimento de se preservar e viver sustentável, preservação e divulgação de uma cultura da cidade, do patrimônio e da comunidade em que o pensamento crítico está presente, nas memórias e na percepção dos indivíduos. Vejamos algumas das respostas obtidas.

*Gosto de pensar espaços como museus, e outros lugares, como este tipo de um espaço que lhe propicia fazer uma reflexão e desenvolver pensamento crítico, reflexivo sobre memória e a História que lhe é oferecida naquele espaço. No que se refere a guarda de objetos é um conceito muito ligado a colecionador, e com respeito a espaço de preservação, penso que a memória não é algo que pode ser guardada em um lugar, penso que ela é dinâmica e complexa. (Participante 3).*

*É um espaço de despertar a curiosidade, estimulando a reflexão e o debate, promovendo a cidadania, colaborando para a sustentabilidade das transformações culturais, estando ao longo do tempo auxiliando para a formação cultural. É um local de preservação da memória, da trajetória histórica, de inovação, comprometendo-se a divulgar e preservar a diversidade. Tornando-se ponto de encontro, instrumento de socialização, educacional, étnica e estrutural. (Participante 4).*

Nesse item 13, os demais participantes deram respostas bem simples e diretas, sem detalhes sobre as três ideias lançadas na questão. “*Sem dúvidas o museu mais que um ambiente de exposição é também um local de reflexão, encontrando na*

*História uma identidade e compreensão do que temos e somos” (Participante 1) “O espaço, a peça, o objeto por si só não garante a preservação da memória, principalmente por aqueles que não são contemporâneos a eles” (Participante 6)*

Essas foram respostas dadas a questão 13, podendo notar que algumas respostas trazem mais detalhes ao que foi pedido e outras são mais diretas e resumidas, porém respondem ao que foi solicitado. Ainda, ocorreu que alguns participantes deram respostas, fazendo um apanhado sobre as três ideias expostas na questão. Ou seja, consideram como válidas as três funções sociais apresentadas.

A questão que essas respostas podem indicar é que, teoricamente falando, os professores têm uma concepção adequada do que seja um museu do ponto de vista do campo da educação patrimonial, mas quando foram chamados a detalhar e avaliar as atividades realizadas com seus alunos neste espaço, não se percebe uma transposição dessas concepções para o campo da didática.

Ou seja, o que falta na teoria e na prática são condições de possibilidades de realizar a produção do conhecimento histórico a partir do acervo do museu. Como já indicado, várias questões podem levar a esta dificuldade, como formações adequadas tanto inicial quanto continuada dos docentes; tempo para preparação das atividades de uma forma mais crítica e objetivando questões predefinidas, como a discussão de conceitos históricos como a própria questão da identidade local; a falta de preparação da própria instituição museal, que não conta com profissionais nem projetos que possibilitem esta construção de conhecimento crítico, entre outros.

A questão 14 buscou identificar as concepções dos professores sobre os conceitos de memória e história, perguntando se estes consideravam que os mesmos seriam iguais ou diferentes, e pedia que justificassem suas respostas. Aqui, buscamos compreender a visão dos informantes de dois conceitos bastantes relacionados, porém que possuem sentidos diferentes segundo as discussões historiográficas, mas que muitas vezes se confundem. Não é apenas uma confusão do professor, mas dos alunos, da sociedade, do senso comum. Então, fiz essa indagação com o propósito de encontrar as respostas possíveis e entender se este tipo de concepção dificultava a prática pedagógica do professor a partir do museu.

Partindo dos conceitos de história e memória, podemos analisar alguns termos e pensar sobre os mesmos. A história, no entendimento aqui abraçado, é um conceito que pode variar, mesmo quando nos atemos as concepções produzidas no campo historiográfico. Podemos citar alguns, como a história cronológica, história

integrada, história local e história temática. Por exemplo, o entendimento de história local dado por Costa (2019, p. 134), quando fala em história local:

História local não precisa ser somente a história da cidade ou do Estado, muitas vezes feitas nos mesmo moldes de uma história nacional - ou seja, uma listagem de prefeitos/governadores ou de pessoas tidas como importantes, muitas vezes pela sua condição social privilegiada. Para um melhor aproveitamento dos recortes possíveis, o trabalho com história local precisa da mobilização de conceitos comuns também à geografia, como os de paisagem, região, território. Eles servem como guias para a delimitação dos objetos de estudo, conferindo inteligibilidade ao tema/espaco/recorte selecionado.

Esse é apenas um entre várias definições que podemos encontrar sobre a História, sendo compreensivo que as respostas dadas a questão 14 possam se encontrar dentro desse entendimento. Vale lembrar que há uma discussão sobre o conceito de memória que, em si, não é objetivo desta pesquisa, mas consideramos importante vislumbrar a percepção dos informantes sobre o mesmo, já que isso pode influenciar o entendimento do museu e sua função. Como nos lembra Gil (2019, p. 155):

Ao consultar um dicionário, encontramos o significado da palavra “memória” associada ao ato de preservar experiências do passado; conjunto de funções psíquicas que permite lembrar, reter ideias, impressões ou ato de guardar. Parece que dificilmente vamos encontrar a palavra “esquecimento” como parte da resposta ao que é memória. No campo da história e da educação, é relevante pensar lembranças e esquecimentos como processos correlatos, considerando que parte da memória histórica corresponde ao que foi excluído por não compor os “grandes acontecimentos” selecionados para serem lembrados.

Esses conceitos podem e vão compor um entendimento das respostas dadas na questão 14. Assim, as respostas foram diferentes, porém com um bom embasamento do conceito por parte dos participantes que responderam ao questionário, como podemos notar nas respostas abaixo. Os participantes lembram que os conceitos são diferentes, mas se complementam e são interdependentes. Aqui, se ressalta que esses conceitos estão interligados por serem muito próximos. Desse modo, são próximos, mas são diferentes, pois possuem características que os diferem e estão na literatura com seus conceitos próprios. Vejamos algumas respostas:

*Penso que são conceitos diferentes, se relacionam, mas são diferentes. A memória se refere as lembranças sobre fatos, tradições e outras situações por um grupo social, ou mesmo uma sociedade, enquanto a História se refere*

*ao conhecimento produzido sobre o passado ou mesmo a memória, com métodos e técnica da ciência Histórica na relação com seus pares. (Participante 3).*

*São diferentes. A História, como a memória, também é uma representação do passado, porém suas características a diferenciam, às vezes provocando um grave afastamento das duas – memória e História. A distinção entre memória e história, portanto, existe no próprio meio em que ambas se propagam: a memória se propaga e se corporifica no mundo da vida; a História tem seu habitat na historiografia. Um compromisso fundamental da história encontra-se na sua relação com a memória. (Participante 4).*

*São diferentes, mas se complementam e são interdependentes. As lembranças sociais representam a formação e preservação da cultura e da identidade de um povo. Cada indivíduo carrega suas lembranças pessoais, porém ele está inserido em contexto, vivendo em uma sociedade. As memórias individuais sofrem diversas influências das diversas memórias que nos rodeiam. Entretanto, nem toda memória é registrada nos fatos históricos, pois neles são apontadas as memórias que cercam esse contexto. (Participante 5).*

As respostas ao item 14 foram semelhantes, onde os professores tiveram um entendimento que os conceitos são diferentes, porém, são relacionados no ensino e aprendizado de História. Outros participantes deram respostas mais simples, tais como: *“A memória é o guardar e a História é a análise, a reflexão”*; *“Ambas se complementam na construção da Historiografia”* (Participante 1) *“São diferentes, no entanto pode se estabelecer relação entre ambas, vez que os processos de construção histórica passam pela coletividade e suas experiências com o passado”* (Participante 6). Assim, podemos perceber que os participantes responderam à questão dentro do grau de conhecimento que os mesmos possuem desses dois conceitos, e como estão presentes no cotidiano dos professores e professoras.

Na questão 15, fazia-se uma pergunta direta ao participante: Para você, um museu ideal, que pudesse contribuir com a aprendizagem dos alunos do ensino básico, que pré-requisito deveria atender? As respostas são diferentes e com um certo cuidado por parte dos professores, uma vez que alguns falaram o que pode ser considerado um museu ideal.

Cada um entende o museu ideal pelo seu ponto de vista, o que pode ser ideal ao participante 1, pode não o ser para o participante 3. Assim, as respostas variaram e estiveram ligadas ao entendimento dos participantes numa lógica de entender o museu como um local de preservação da cultura material e imaterial, com a valorização do acervo que cada museu possui.

Tivemos algumas respostas que foram dentro de uma perspectiva de serem os museus espaços adequados, na produção de conhecimento intelectual, com

a produção e divulgação de material com valor cultural, de valorização da história local, um espaço para promover lazer, conforto e que possa contribuir com a educação, com o conhecimento, com o desenvolvimento da cidadania e tenha uma relação direta com a escola, com a comunidade e de respeito aos interesses de todos, para que não haja desrespeitos aos direitos de cidadãos.

Aqui, seguem algumas das respostas dadas ao item 15: *“Primeiramente valorizar as História local, trazer aos alunos a compreensão de uma história mais próxima para que se sintam parte dela”* *“Também o ambiente deve buscar garantir conforto e comodidade para que os alunos se sintam acolhidos ambientalizados”* (Participante 1). Já outro participante disse: *“não sei o que indicar o que seria um museu ideal, porque cada um deles tem valor de acordo com os objetos, bens patrimoniais e memórias do passado”* (Participante 5).

Outras respostas foram mais detalhadas sobre a questão, vejamos:

*Um deles seria o tipo de acervo que deva conter nele, vez que mesclar vários tipos de materiais de forma aleatória acaba não exercendo a real função desse espaço. Outro quesito seria a forma como esse acervo está organizado, a distribuição das peças, a proteção com relação ao toque pelos visitantes ou profissionais, que estejam conduzindo a visita ou exposição.* (Participante 6).

*São os museus que precisam contribuir com algo. Um museu precisa contar não apenas com um setor multimídia, mas precisa também de um ambiente agradável e de visitas guiadas curtas e informativas. Uma boa exposição deverá levar a ver o cotidiano com outros olhos. A visita ao museu só impressiona o visitante quando permite a ele transpor suas próprias experiências e hábitos.* (Participante 4).

*Acredito que o museu é uma instituição importante para a aprendizagem na educação básica, mas no meu modo de pensar esta situação da aprendizagem é necessário que o museu tenha uma organização para este fim, ou seja, a aprendizagem de História com os alunos, para isto não somente a organização interna do museu, mas os profissionais que trabalham na instituição tenham capacidade para este fim.* (Participante 3).

Assim, foram dadas respostas bem interessantes a respeito do que seria um museu ideal. Nessa questão do museu ideal, fica claro que o MIS de Iguatu ainda está aquém da percepção de um museu que permita uma melhor produção de um conhecimento crítico, mas esta resposta não foi dada de forma direta quando se perguntou aos professores se achavam que a instituição atendia de forma positiva este requisito. Ou seja, ao se projetar o museu ideal, aparecem os critérios que fazem parte de projetos de museus com mais investimentos em diversos aspectos, para uma boa produção de conhecimento a partir desses espaços.

Na questão 16, foi pedido que os participantes fizessem suas observações sobre o questionário e o registro de observações livres, sobre a entrevista. Evidente que cada um dos participantes deu seus pontos de vistas a respeito das perguntas e do questionário, mas vale ressaltar que as observações foram bem pertinentes no que se refere ao tema tratado no questionário. A questão relacionada ao estudo do Museu da Imagem e do Som de Iguatu trouxe boas reflexões aos participantes, pois os mesmo se encontraram representados naquele espaço museológico, com suas visitas, seus alunos e suas lembranças, por se tratar de um equipamento que faz parte da experiência cultural da cidade.

Os participantes entendem a pesquisa como importante no processo de formação dos alunos, professores e cidadãos na comunidade escolar. Alguns falaram que foi bom responder ao questionário, pois rememoraram lembranças de visitas, aulas e como a instituição é importante para o processo de ensino e aprendizagem que o museu possui na cidade e para a população. Outros ressaltaram que a pesquisa pode contribuir com a instituição museológica, pois a mesma deve ser entendida como uma ferramenta que contribua com a preservação da memória, da história, da cultura e dos valores sociais na cidade de Iguatu. Vejamos algumas das respostas:

*Quero parabenizar o entrevistador por estar sensível a debater um tema de tamanha relevância. A valorização de nossos espaços e nossa identidade histórica depende muito de quem tem a coragem e a destreza de debate-la. Fico feliz por poder contribuir. (Participante 1).*

*Gostaria de registrar que é perceptível a relevância desse estudo, por esse motivo prevejo resultados promissores e saliento a importância de divulgação dos dados. De fato, uma pesquisa que levantara um tema digno de ser observado com seriedade e compromisso. Parabéns pelo trabalho professor e amigo. (Participante 2).*

*Acredito que o museu é uma instituição importante para a aprendizagem na educação básica, mas no meu modo de pensar esta situação da aprendizagem é necessário que o museu tenha uma organização para este fim, ou seja, a aprendizagem de História com os alunos, para isto não somente a organização interna do museu, mas os profissionais que trabalham na instituição tenham capacidade para este fim. (Participante 3).*

Outros participantes fizeram suas observações um pouco mais simples, porém com o mesmo valor de análise sobre o assunto, tais como: “*Gostei de responder a esta entrevista. Fez-me lembrar diversos conceitos da História e sua importância para o ensino*” (Participante 5) “*Acredito que os responsáveis pelo equipamento deveriam promover mais divulgação sobre as atividades, horários abertos ao público e disponíveis para as visitas escolares. E criar um canal de*

*comunicação pelas mídias digitais para levar mais informações a população geral”*  
(Participante 6)

Desse modo, finalizo a análise dos dados coletados nesse questionário que foi aplicado aos colegas professores e professoras das redes estadual e municipal de cidade de Iguatu, durante os primeiros meses do ano de 2021.

Concluo essa análise avaliando que muito ainda se poderia ter feito de exploração da experiência educativa que se dá no espaço do MIS de Iguatu, ou a partir dele, mas a complexidade do momento em questão, que colocou uma sobrecarga de trabalho para os professores das redes estaduais e municipais, de forma geral, pela necessidade de assumirem novas metodologias, inclusive arcando uma série de custos a partir de seus recursos, e o próprio stress que nos envolve diante da preeminência da morte a cada esquina, não permitiu, por exemplo, que fossem realizadas aprofundamentos dos questionários e o esclarecimento de alguns pontos com os informantes.

## **5 TERMOS PARA USO NO ENSINO DE HISTÓRIA QUANDO RELACIONADO A MUSEUS**

No início do meu trabalho de pesquisa tive uma preocupação de trazer algo como produto da dissertação que tivesse um sentido prático no cotidiano de alunos e professores (as) durante o processo educativo, mas como atividades práticas de visitação de museus se tornaram inviáveis devido a pandemia da COVID-19, resolvi produzir este produto, que aborda de maneira prática alguns conceitos em forma de texto, para a consulta de interessados a atividades que envolvam instituições de museus. São apresentados alguns conceitos, ou mesmo simples termos, utilizados no ensino de História, a partir de atividades com museus, e outras que possam envolver patrimônios culturais.

Apesar da simplicidade do produto, ele visa oferecer ao professor interessado em aprimorar as chamadas visitas a museus, com uma leitura mais informativa, dos termos e temas que estão envolvidos nestas atividades. A dissertação, que é um trabalho mais longo, muitas vezes não se torna, para o professor assoberbado com atividades diversas, uma boa fonte textual.

Exemplos como: o que é um museu? Ou qual é a função social dos mesmos? O que é museologia? Patrimônio cultural, imaterial e material? e as tipologias de museus que encontramos no Brasil são algumas das questões apresentadas aqui. Assim, esses termos e outros mais vamos procurar definir para que possamos apoiar atividades desenvolvidas por professores, ou mesmo o público geral, no dia a dia, ou no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, precisamos, inicialmente, entender em qual sentido existe a instituição do museu em sua funcionalidade, e seus objetivos de forma geral. No Brasil, existem algumas instituições criadas com o objetivo de sustentar a produção museal, cultural, material e imaterial, que possuem relação com a questão museológica. Como exemplo temos o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), o Cadastro Nacional de Museus (CNM), o Sistema Brasileiro de Museus (STM) e o Estatuto de Museus (EM).

Existe, ainda um Guia Nacional de Museus, este último tendo tido a sua produção finalizada no ano de 2011. Há o Conselho Internacional de Museus (ICOM),

sendo essa uma instituição não-governamental que mantém relações formais com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

No entanto, é importante lembrar que os museus no Brasil, de uma forma geral, são retratados de maneira muito tradicional, como instituição voltadas para a preservação de objetos antigos. Esse pensamento tem sido modificado, pois outros entendimentos apareceram nas últimas décadas, outros conceitos surgiram na museologia, e isso representa mudança na construção de novos olhares sobre museus.

Outra questão interessante para quem adentra no universo da instituição do museu é compreender que existe uma certa especialização formal entre elas. Cabe destacar as tipologias de museus que encontramos no Brasil e no Ceará. A pesquisa aqui em questão trata de um tipo, que é o da imagem e do som, em especial o Museu da Imagem e do Som da cidade de Iguatu-CE.

Como nos informa o Guia dos Museus Brasileiros (IBRAM, 2011), no Brasil há um número de cerca de 3000 mil instituições museológicas das mais variadas categorias. Esses dados do Guia foram coletados entre os anos de 2006 e 2011. Pode ser que de 2011 ao momento atual já tenham surgido outras instituições museológicas, ou mesmo que algumas tenham sido desativadas.

No Ceará, temos o **MUSEU DO CEARÁ**, que tem boa parte do seu acervo voltado para a história, e que foi a primeira instituição museológica do Estado. Há o Museu da Imagem e do Som, e o Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC), em Fortaleza, entre outros. O Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, da Universidade Regional do Cariri (URCA), que fica localizado na cidade de Santana do Cariri, na Região Sul do Estado do Ceará; o Museu do Eclipse, que fica em Sobral, Região Norte; o Museu do Automóvel; o Museu da Cachaça; o Museu Sacro São José de Ribamar; e o Museu da Fotografia. Esses são alguns dos museus que existem no estado do Ceará.

Abaixo, na figura 19, temos a vista da entrada do Museu histórico do Ceará.

Figura 19 - Vista da entrada do Museu histórico do Ceará



Fonte: <https://www.secult.ce.gov.br/2013/01/03/museu-do-ceara/>

Desse modo, vamos apresentar alguns conceitos básicos ligados a esta experiência institucional das sociedades no tempo presente. Começamos a analisar o conceito da palavra **MUSEU**, já que dentro do pensamento da dissertação, é um conceito fundamental no presente estudo e possui uma relação relevante para que alunos (as) e professores (as) possam compreender o processo de ensino e aprendizagem a partir dessas instituições, ou nestas instituições.

Nesse entendimento, a palavra museu possui um significado contemporâneo muito comum, mas no início as primeiras instituições, ou coleções particulares, funcionavam como coleção de peças que eram preservadas pelo hábito do ser humano de manter vivas tradições, costumes, produção de peças antigas, pelo desejo afetivo que tal objeto proporcionava ao colecionador. Existiam os famosos gabinetes de curiosidades, que possuíam essa função de manter guardadas curiosidades ou exposições particulares de colecionadores.

Vale lembrar que no Brasil o fenômeno de criar museus é do século XIX, já que o primeiro museu foi fundado em 1862, o **MUSEU** do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambucano, mas depois foram sendo criados outros museus no decorrer do século XX. No entanto, é mais recente a política do governo em criar condições de investimentos em museus, e o número de museus aumentou

significativamente. Hoje, o país possui um número bem significativo de instituições museológicas. Segundo Cândido (2014, p. 22):

O Brasil possui cerca de 3.000 museus, segundo o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2011). O mesmo instituto registra o crescimento de 980% dos investimentos no setor em uma década e o crescimento de público de 15 milhões/ano, em 2003, para 80 milhões atualmente. Apesar disso, 78,9% dos municípios não possuem museu – havendo uma concentração numérica nas capitais e no litoral - e cerca de 80% dos brasileiros nunca o visitaram.

Assim, é possível perceber o motivo das dificuldades de compreensão das instituições museológicas como espaço de lazer, de produção de conhecimento e espaço social, cultural e histórico, por parte da população. Podemos notar que, apesar desse nível de investimentos mais recente, ultimamente esse número vem diminuindo em relação as políticas públicas de investimento na área cultural.

Os museus, como instituições modernas que conhecemos hoje, foram criações do século XVII na Europa. Com o passar do tempo, as mudanças foram acontecendo e os museus ganharam a feição que conhecemos hoje. Até bem pouco tempo eram locais reservados a expor objetos e peças dos grandes heróis, peças de roupas dos marechais que lutaram nas guerras, armas antigas, objetos das pessoas tomadas como importantes do país, estado ou município. Também possuíam objetos religiosos, indumentárias pertencentes aos herdeiros das famílias nobres, cartas, leis, documentos antigos que comprovassem um acontecimento, como era comum no século XIX, sendo as peças preferenciais destas instituições, cuja história positivista predominava nos espaços museológicos.

O termo **MUSEU**, no livro conceitos-chave de museologia, de André Desvallées e François Mairesse, possui esse significado: “S.M. (do Grego mouseion: templo das musas) –Equivalente em francês: musée; inglês: museum; espanhol: museo; alemão: Museum; italiano: museo”. Como podemos notar, essa definição é simplória, no entanto, no mesmo entendimento do livro conceitos-chave de museologia, Desvalées e Mairesse definem dessa forma:

O termo “museu” tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do Homem e do seu meio. A forma e as funções do museu variaram sensivelmente ao longo dos séculos. Seu conteúdo diversificou-se, tanto quanto a sua missão, seu modo de funcionamento ou sua administração. (DESVALÉES; MAIRESSE, 2013, p. 65).

Assim, podemos perceber que o termo museu pode ser entendido como o campo que produz conhecimento, preserva e “guarda” de matérias voltados para a manutenção, preservação e disseminação da cultura de um povo, um país, um Estado, uma cidade, devendo ser o mesmo compreendido nessa perspectiva. É claro, que isso acontece numa determinada condição de existência material e imaterial dessa cultura.

Nesse entendimento outros termos ligados ao museu vão compor um conjunto de palavras que possuem significados e relações diretas com a palavra museu, como é o caso da palavra **MUSEAL**, que, segundo Desvalées e Mairesse (2013), pode ser compreendida num entendimento duplo:

Sendo considerada como adjetivo ou como substantivo, a palavra apresenta duas acepções: (1) o adjetivo “museal” serve para qualificar tudo aquilo que é relativo ao museu fazendo a distinção entre outros domínios (por exemplo: “o mundo museal” para designar o mundo dos museus); (2) como substantivo, “o museal” designa o campo de referência no qual se desenvolvem não apenas a criação, a realização e o funcionamento da instituição “museu”, mas também a reflexão sobre seus fundamentos e questões. (DESVALÉES; MAIRESSE, 2013, p. 54).

Dessa forma, encontramos mais uma palavra relacionada a palavra museu, como é o caso da palavra **MUSEALIZAÇÃO**, também entendida na perspectiva do estudo do museu, ou na construção do museu, no nascimento ou criação do museu. Para Desvalées e Mairesse (2013), segundo o sentido comum, a musealização designa o tornar-se museu ou, de maneira mais geral, a transformação de um centro de vida, que pode ser um centro de atividade humana ou um sítio natural, em algum tipo de museu. Assim, formam-se as palavras que compõem um sentido mais amplo do conceito museu, suas características e funções.

Outra palavra que aparece nesse conjunto semântico no espaço do(s) museu(s) é **MUSEOGRAFIA**, cujo termo não é recente, pois há algum tempo faz parte do jogo de palavras usadas no estudo sobre museus. Segundo Desvalées e Mairesse (2013, p. 58), “o termo “museografia”, que aparece pela primeira vez no século XVIII (Neikel, 1727), é mais antigo que o termo “museologia” ele se apresenta em três acepções específicas”.

Primeira acepção seria um entendimento da palavra museografia como sendo as técnicas desenvolvidas para as funções museais, como administração do espaço e produção intelectual, e a segunda acepção seria voltada para as questões

relacionadas sobre exposição nos museus, além da acepção que seria o acervo do museu e seus objetos.

Numa outra palavra conceituada comumente no uso da linguagem de museus, temos a palavra **MUSEOLOGIA**, aqui contida no entendimento do estudo da ciência que estuda os museus. Segundo Desvalées e Mairesse (2013), etimologicamente a museologia é “o estudo do museu”, e não sua prática - que remete à “museografia” -, mas tanto o termo, confirmado nesse sentido amplo ao longo dos anos 1950, como o seu derivado “museológico”.

Nesse sentido, a palavra **MUSEOLOGIA** está relacionada a de museu de maneira geral, sendo entendido como tudo que se refere a museu, e suas estruturas de formação, profissionais, história do museu e seus acervos, estudos do espaço, os debates na academia e a relação com a ciência que estuda o museu, e suas funções sociais questão que ganhou muito destaque depois dos anos de 1980.

Existem vários tipos de museus, que vão desde os museus de **ANTROPOLOGIA** e **ETNOGRAFIA**, que possuem o papel de preservar as coleções relacionadas com as etnias, resultados dos estudos antropológicos e sociais das diferentes culturas, como o folclore, tradições populares, arte indígena, cultura afro-brasileira e do homem americano.

Há, também, a categoria da **ARQUEOLOGIA**, que tem a função de preservação de bens culturais com valores históricos e artísticos, resultados de escavações, prospecções e achados arqueológicos, com objetos como artefatos e sambaquis. Na Região do Cariri, especificamente na cidade de Nova Olinda, a Casa Grande e o Memorial do Homem Cariri tornaram-se, recentemente, espaços para guardar achados arqueológicos da Região.

Exemplo de museus de outra categoria é o museu de Santana do Cariri, conhecido como Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nunes, da URCA, fundada em 1985, quando era prefeito daquela cidade o professor Dr. Plácido Cidades Nunes, e em 1991, o museu foi doado à URCA. A figura 20 apresenta a fachada do referido museu.

Figura 20 - Fachada do Prédio do Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nunes



Fonte: <https://www.ceara.gov.br/2020/01/08>

Temos a tipologia de museu **ARQUIVÍSTICO**, voltado para a preservação de arquivos, fontes documentais acumuladas por particular ou por uma instituição, pública ou privada, geralmente, são arquivos de pessoas ou instituições no decorrer de sua história, como um presidente e seu arquivo pessoal, ou uma instituição em nome de uma pessoa que teve uma história arquivada. Entre estes podemos citar o Instituto Fernando Henrique Cardoso (FHC) e Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Um outro tipo de museu, que podemos encontrar no Guia, é o de **ARTES VISUAIS**, que representa as coleções de artes, pinturas, gravuras, esculturas, desenhos, incluindo a arte sacra. O Museu de Arte Contemporânea do Ceará (MAC) fica localizado no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura em Fortaleza. Há a categoria de museu **BIBLIOTECÔNÔMICO**, cuja atividade está voltada às publicações impressas, livros, jornais, revistas, monografias e teses.

Outra categoria de museu fala da **CIÊNCIA E TECNOLOGIA**, onde estão os bens culturais da evolução e das ciências técnicas e as tecnologias a partir das revoluções industriais. O Museu da Indústria do Ceará está localizado também em Fortaleza e é especializado em história da indústria, seu futuro e da economia criativa.

Vamos encontrar uma categoria que representa as **CIÊNCIAS NATURAIS** e **HISTÓRIA NATURAL**, contemplando os bens culturais relacionados às ciências biológicas, botânica, zoologia, ecologia, geociências mineralogia e oceanografia.

Há o museu de categoria **DOCUMENTAL**, que possui suas atividades voltadas para um pequeno número de documentos manuscritos, impressos ou eletrônicos, reunidos de maneira intencional com determinadas temáticas.

Há uma tipologia conhecida como **ECOMUSEUS**, que vem ganhando espaço no âmbito da nova museologia. Esse termo surgiu na década de 1980 e busca uma representação nos valores que retratam as mudanças na prática social dos museus, sendo espaços que estão inseridos ou relacionados no tocante ao meio ambiente, uma vez que sua designação **ECO** nos remete as questões de cunho ambiental. No conceito básico, significa instituição que tem como função o estudo, a conservação e preservação, e valorização do modo de vida e do patrimônio natural e cultural de uma determinada região.

Conforme nos informa Santos (2017, p. 9):

A partir da década de 1960, com o surgimento do novo paradigma da democracia sociocultural, diversas críticas direcionaram-se aos museus e à museologia e deram base para o surgimento de um movimento museológico internacional denominado Nova Museologia, oficializado em 1984 no I Atelier Internacional Ecomuseus/Nova Museologia, realizado em Québec (Canadá). A Nova Museologia enfatizou a vocação social dos museus e propôs diversas renovações teóricas e metodológicas ao campo museológico estabelecido. No Brasil, observamos repercussões desse movimento principalmente a partir da década de 1980, com a redemocratização do país. Paralelamente à renovação de museus já consolidados, surgem novas iniciativas, denominadas majoritariamente ecomuseus e museus comunitários, que objetivam, através de uma curadoria coletiva e da promoção de práticas ativas, populares, participativas, comunitárias e experimentais, a valorização, preservação e difusão dos patrimônios locais (Natural, Cultural, Material e Imaterial), garantir que o museu atue como espaço de representação e promova, a partir da contextualização do patrimônio, a compreensão, o questionamento, a conscientização e a transformação da realidade.

Outro termo que encontramos no processo de estudo e conhecimentos em um museu é a palavra **EXPOSIÇÃO**, que é muito utilizada ao se tratar do espaço museológico. Esse termo é muito comum e possui um seu significado atrelado aos estudos e ações dentro dos museus, e fora deles. Expor não tem relação apenas com o museu, porém é muito presente nas atividades museológicas. Então, qual é o significado de EXPOSIÇÃO? Segundo Desvalées e Mairesse (2013), o termo “exposição” significa tanto o resultado da ação de expor, quanto o conjunto daquilo que é exposto e o lugar onde se expõe.

Há os **MUSEUS DA IMAGEM E DO SOM**, como é o caso do Museu da Imagem e do Som de Iguatu (Figura 21), e o de Fortaleza, e essa modalidade tem como função a preservação de um acervo voltado para documentos sonoros, videográficos, filmográficos e fotográficos. Os **MUSEUS DE HISTÓRIA**, que representam um número considerado de museus no Brasil, são os mais antigos e, geralmente, tratam-se dos primeiros museus no país. Essa tipologia representa os períodos e os acontecimentos históricos.

Figura 21 - Imagem da frente do Museu da Imagem e do Som da cidade de Iguatu



Fonte: Autoria Própria (2021).

E, por fim, temos os **MUSEUS VIRTUAIS**, entre outros. Vale destacar que atualmente é difícil não encontrar um museu dos mais organizados, e tutelados por entes federados, que não disponibilizem algum acesso ao público a partir da *web*.

Esse tipo é muito comum nos museus com preservação de bens culturais que estão mediados por serviços tecnológicos com interação cibernética, a *internet*. Vale lembrar que muitos museus possuem seus acervos digitalizados e disponíveis na rede mundial de computadores, como já referido. Nos dias atuais, há um número considerado de museus com seus acervos acessíveis ao público de forma virtual e

foram estes acervos que permitiram, no exato momento, boa parte desta pesquisa de mestrado.

Após esta breve apresentação de uma tipologia de museus, conforme adotada no Brasil, sabemos que, comumente, quando visitamos um museu, seja para olhar uma exposição, seja uma visita com grupos de estudantes, ou uma visita de lazer, nunca nos perguntamos qual é o papel daquela instituição e, muitas vezes, nos conformamos em olhar as vitrines, as curiosidades, a parte histórica do museu e seu acervo. Quando a atividade é apenas de entretenimento, por exemplo, não é necessário se cobrar das pessoas que realizem esta contextualização, porém, quando esta faz parte de uma prática educativa, é interessante saber, entre outras coisas, que esta atividade é regulamentada, que existe lei que orienta a instituição museu.

A lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, estabelece em seu artigo 1º:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades. (BRASIL, 2009, *online*).

Partindo dessa definição, é possível compreender a função de um espaço museológico, seu papel social, sua estrutura física, sua posição institucional e seu uso dado pela sociedade, compondo, assim, uma instituição essencial para o desenvolvimento cultural, social, patrimonial, histórico, de memória e econômico de um país. Assim, podemos perceber que o museu possui uma função muito importante que serve para manter viva a cultura, preservar bens materiais e imateriais, produzir serviços e bens econômicos para desenvolver a cidade, o estado e o país.

A preservação dos bens de valor histórico, cultural, artístico, científico e econômico faz parte da função social do (s) museu (s), porém há outros elementos que compõem essa definição de função social. Existem discussões que remetem a debates sobre essa função social do museu, pois há quem diga que essa ideia está sempre se renovando, não estando totalmente completa, como nos mostra Cândido (2014, p. 20):

A função social dos museus é uma discussão reiterada e nunca esgotada, pois, se ele é inteiramente ligado a (quase que condicionado por) aspectos tangíveis como a edificação, as salas, vitrines e coleções, é exatamente nele que tudo é desfuncionalizado e reinventado ao se inserir em uma nova ordem simbólica (DELOCHE, 2010, p. 13). É também um domínio das imaterialidades.

Assim, podemos perceber a importância dessa instituição como algo necessário na sociedade, e que seu papel é de muita relevância social. Seu espaço é utilizado das mais variadas formas e maneiras: lazer, turismo, educação, produção de conhecimentos, legado cultural, patrimonial material e imaterial e serviços de preservação da cultura histórica de um país, estado ou cidade, além de alimentar a busca incessante de elementos ligados as curiosidades sobre o tempo passado e seus objetos. O estudo da história, da memória e o aprendizado constante que é proporcionado nos espaços museológicos é uma das funções sociais mais importantes segundo a compreensão aqui apresentada.

Acima, tratamos de algumas palavras que são usadas no cotidiano do museu, estando relacionadas com o termo museu em seus aspectos de espaços físicos, estruturais, exposições, profissionais, de acervos, objetos e estão voltadas para o estudo e conhecimento do museu de maneira geral. Passemos agora para outros termos mais gerais que estão correlacionados com as questões a serem trabalhadas em uma situação de ensino-aprendizagem em ambientes não escolares, e mesmo escolares.

Um termo muito utilizado quando se trata de inserir a cultura no ensino escolar é o do patrimônio, que em seu âmbito mais amplo se refere ao conjunto de bens de uma pessoa, de uma família, de uma empresa, etc. Na linguagem acadêmica e escolar, nem sempre bem inteligível, este surge como o conceito de **PATRIMÔNIO CULTURAL, MATERIAL E IMATERIAL**. Na Constituição da República Federativa do Brasil, em seu artigo 216, há uma definição de patrimônio cultural, como podemos perceber:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

As formas de expressão:

Os modos de criar, fazer e viver:

As criações científicas, artísticas e tecnológicas:

As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais:

Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.  
(BRASIL, 1988, p. 112).

Nesse sentido, é possível entender, de maneira legal, na forma da lei o significado de patrimônio cultural. Desse modo, o conceito de patrimônio material é definido na Constituição de 1988. É claro que essa definição pode existir com menos detalhes conceituais, ou pode vir como patrimônio material e imaterial. No entanto, é indicado pelo menos, em um contexto didático, partir da definição de patrimônio material e imaterial, de acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Sobre a definição de **PATRIMÔNIO MATERIAL**, entendido pelo IPHAN, podemos definir da seguinte forma: no que se refere ao patrimônio material, segundo o portal do IPHAN, o patrimônio material protegido pelo IPHAN é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo a natureza, conforme os quatro livros do tomo. São os livros: Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; o Livro do Tombo Histórico; o Livro do Tombo das Belas Artes e o Livro do Tombo das Artes Aplicadas.

Assim, podemos afirmar que **PATRIMÔNIO MATERIAL** são os bens tombados pelos diversos entes federados, de natureza material, que podem ser imóveis, como as cidades históricas de Ouro Preto em Minas Gerais (Figura 22); o Centro Histórico de Diamantina - Minas Gerais; Sítios Arqueológicos e Paisagístico como o Cais do Valongo - Rio de Janeiro, o antigo mercado de escravos na Cidade do Rio de Janeiro; acervos museológicos, fotográficos, cinematográficos, videográficos, documentais, bibliográficos e coleções arqueológicas.

Esses são alguns exemplos de patrimônio material que possuem valor histórico, cultural, econômico e social de acordo com um processo de tombamento que é complexo, já que o valor de bens culturais vai variar de acordo com a concepção daqueles que acham importante a preservação desses bens. Outra questão importante a se destacar é que o valor de representatividade reconhecido por um grupo ou pessoa pode ser anterior ao reconhecimento oficial, o que demandará dessas pessoas uma luta para a preservação e o reconhecimento oficial.

Figura 22 - Imagem representativa de patrimônio material – Vista do Centro Histórico de Ouro Preto (MG)



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ouro\\_Preto\\_-\\_Centro\\_Hist%C3%B3rico\\_-\\_I.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ouro_Preto_-_Centro_Hist%C3%B3rico_-_I.jpg)

Outro termo que aparece no processo de ensino-aprendizagem é **PATRIMÔNIO IMATERIAL**. Na Constituição de 1988, esse termo aparece no Art. 216, conforme referência feita anteriormente, e como nos lembra Vianna (2016, *online*):

No Brasil, o marco legal para a política de patrimônio cultural imaterial é a Constituição Federal de 1988. No Artigo 216 o conceito de patrimônio cultural aparece estabelecido nas dimensões material e imaterial. Abarca tanto os sítios arqueológicos, obras arquitetônicas, urbanísticas e artísticas-bens de natureza material, quanto celebrações e saberes da cultura popular, as festas, a religiosidade, a musicalidade e as danças, as comidas e bebidas, as artes e artesanatos, mitologia e narrativas, as línguas, a literatura oral-manifestações de natureza imaterial.

Desse modo, podemos compreender como bens de natureza imaterial relacionados com a cultural as expressões de ordem linguística, musical, danças como o Frevo, a Roda de Capoeira, o Samba de Roda, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré e o Ritual Yaokwa, no Mato Grosso. Essas expressões são representativas no que se refere ao conceito de patrimônio imaterial cultural do Brasil. Obras da Literatura brasileira, comidas típicas, saberes, mitos e lendas são abarcadas por este conceito também. São ditos como imaterial, pois representam expressões e manifestações desta natureza. Atualmente existem no Brasil 48 bens imateriais catalogados e registrados pelo IPHAN.

A seguir, temos um exemplo de patrimônio imaterial, a dança do frevo, típica de Pernambuco, que possui na cidade de Recife, inclusive, um museu, denominado de Paço do Frevo. No caso desta expressão cultural, ela não consta apenas das reconhecidas como patrimônio pelo IPHAN, mas também ganhou o *status* de patrimônio cultural imaterial da humanidade pela UNESCO desde o ano de 2012, quando foi incluído na lista representativa desta entidade.

Figura 23 - Passistas de frevo dançam em Olinda com suas sombrinhas



Fonte: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Frevo\\_dancers\\_-\\_Olinda,\\_Pernambuco,\\_Brazil.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Frevo_dancers_-_Olinda,_Pernambuco,_Brazil.jpg)

Já adentrando no campo conceitual da disciplina aqui em questão, procuro apresentar, de forma resumida, o significado do conceito **HISTÓRIA** com o propósito de destacar e levar até o público estudantil um entendimento sobre essa palavra, quando o professor/professora/professor@s resolve incluir em sua prática de ensino as atividades com museus.

Muitas vezes, esse termo não é bem compreendido no processo de ensino e aprendizagem, pois não é um termo fechado com uma única definição, abrangendo mais do que uma simples palavra, contemplando vários tempos, fatos, problemas e noções da realidade vivida e da disciplina a ser ensinada, debatida e repassada para a comunidade escolar.

História acaba sendo uma palavra que sofre mudanças no processo de escrita e desenvolvimento desde os tempos antigos. Pensar historicamente não é uma tarefa simples, mas é necessário refletir sobre a história, seus usos, sua função social, seu papel de disciplina que deve ser entendida dentro das relações sociais de poder, de compreensão humana, de diversidade e socioeconômico.

Como lembram Silva e Silva (2009, p. 182).

Na verdade, os significados da História estão em constante mutação e é preciso que o professor leve a reflexão em torno dessa constante mudança para a sala de aula, fornecendo instrumentos para que seus estudantes possam compreender a complexidade da História e a dificuldade de se responder à pergunta “o que é História?” Essa pergunta não é nova, e cada corrente de pensamento procura dar sua própria resposta. Por isso, não é possível oferecer uma definição fechada para esse conceito. O mais importante é estabelecer as linhas gerais do debate em torno da natureza da História.

Por esse entendimento é notório afirmar que, por mais que se busque encontrar um conceito fechado para a palavra História, sabemos que não vamos encontrá-lo de maneira definida e exata. Os debates são profundos e remontam aos iluministas, passando pelo século XIX, o positivismo, que buscava definir a história como a ciência do fato, da comprovação exata dos acontecimentos, ou tradução da verdade absoluta dos fatos e a nova História que amplificou em muito a possibilidade desse entendimento, que continua se ampliando no tempo presente. Essa definição não é fácil, pois envolve várias etapas da história como matéria debatida na formação da humanidade.

Outra vez recorreremos aos autores Silva e Silva (2009, p. 182):

Desde os iluministas, com sua visão da História como progresso da humanidade passando pelos “positivistas”, ou historiadores da escola metódica, que viam a História como tradução objetiva da verdade, do fato, até a nova História, que prefere não oferecer uma explicação única para a questão, todo historiador se defronta com o problema inicial de definir seu próprio ofício. Essa questão passa muitas vezes pela definição ou não da História como ciência, o que oferece dificuldades, pois desde o século XIX até hoje, a própria definição de ciência está em constante mutação.

De toda forma, é necessário tentar encontrar um conceito que procure esclarecer o que vem a ser entendido como **HISTÓRIA**. Em seu conceito mais utilizado no dia a dia de alunos e professores, seja na escola, na universidade ou na prática de se produzir um texto cientificamente, podemos afirmar que a História é uma área de conhecimento que procura explicar a trajetória do homem na construção da

sociedade. Podemos lembrar que Marc Bloch definiu a História como a ciência dos homens no tempo.

Outra vez no dicionário de conceitos históricos, no verbete da definição de História, temos o seguinte, segundo Silva e Silva (2009, p. 184):

Peguemos também a visão daquele que é considerado hoje um dos maiores historiadores vivos, Eric Hobsbawm, Materialismo histórico em um momento em que as tendências da História parecem se voltar cada vez mais para a linguística e a Teoria literária, a importância de Hobsbawm no cenário historiográfico mundial desmonta o alcance de sua visão, por meio da qual a História tem sentido e função políticas. Para ele, o passado e a História podem e são usados para legitimar ações do presente, ações políticas de diferentes cunhos, nacionalistas, étnicos, etc., e nesse caso o historiador não pode se furtar a criticar seus maus usos. Para isso, é fundamental a percepção da diferença entre fato e ficção é fundamental.

Desse modo, podemos concluir que a História é uma “ciência” que procura explicar os acontecimentos humanos no que se refere a fatores econômicos, políticos, sociais, materiais, culturais, patrimoniais, de expressividade narrativa e com método de pesquisa controlado. Com o poder de problematizar e criticar os fatos e acontecimentos históricos, a História nos permite realizar uma profunda interpretação do homem e seus feitos no espaço e no tempo.

E é por isso que ela é “a ciência do homem no tempo”, também é tida como a ciência que estuda o passado. Assim, podemos pensar a História como tendo esse sentido, seja da ciência do homem no tempo, seja como ciência que estuda o passado humano, ou ainda cabendo outras interpretações de cunho social, político e econômico.

Vale ressaltar que a discussão e o aprofundamento da própria concepção da disciplina História está profundamente vinculada a um outro termo, que dialoga com a mesma, principalmente em um processo de educação patrimonial, pois em situações não educativas pode se dar uma sobreposição das compreensões, ou falta delas, dos termos História e Memória.

Esta sobreposição gera certa confusão no imaginário de alunos e comunidade escolar, já que o conceito de **MEMÓRIA**, para muitos, é pouco diferenciado da História. No entanto, é sabido que no campo acadêmico estes são termos diferentes, embora haja relação entre os dois.

Quando era estudante do ensino básico, muitas vezes confundia História e Memória como entendimentos muito próximos. Depois, já no curso de História, compreendi que são termos diferentes, possuem certa relação, mas não são iguais.

A questão é que a maioria das pessoas não passará por este processo de formação de nível superior, muito menos de realizar uma graduação de História.

Podemos dizer que a memória faz parte da História, em seu entendimento pedagógico. Na produção escolar, no dia a dia dos alunos e professores, estamos sempre lidando com a ideia de memória. Conforme Silva e Silva (2009, p. 275):

Segundo Jacques Le Goff a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões passadas, ou reinterpretadas como passadas. O estudo da memória passa da psicologia à neurofisiologia, com cada aspecto seu interessando a uma ciência diferente, sendo a memória social um dos meios fundamentais para se abordar os problemas do tempo e da História.

Desse modo, é possível compreender porque a Memória tem uma relação muito próxima da História, havendo um entendimento pedagógico do ensino da História passando pela memorização de fatos históricos, datas, acontecimentos, eventos marcantes que levam, inevitavelmente, ao encontro da História, mas não devemos esquecer que esse pensamento em relação ao ensino da História, por meio do mecanismo de recorrer a memorização, era mais comum na prática tradicional de ensino e aprendizagem. Hoje, procura-se compreender a História sem lidar diretamente com a prática de memorizar fatos e datas, havendo uma larga defesa de ensinar História por meio de objetos, fatos, tradições, eventos festivos, interdisciplinaridades e compreensão da História como problematizada no pensamento crítico.

No entanto, é necessário compreender a memória como parte do ser humano, pois ela faz parte do nosso ser, compondo nossa estrutura biológica, estando entranhada no nosso organismo, de maneira viva. Sem memória não somos capacitados para desenvolver nenhuma atividade intelectual. Como nos falam Neufeld e Stein (2001, p 51):

Sem memória estaríamos incapacitados para o mercado de trabalho, desabilitados para as mais simples situações do dia-a-dia e até mesmo incapazes de comunicar-nos corretamente com as pessoas que nos rodeiam. Segundo essa linha de raciocínio, podemos imaginar que sem memória nossa vida social deixaria de existir, já que não nos lembraríamos de nossos amigos, nem dos conhecidos e não teríamos como recordar de uma pessoa ou das suas ações. A ausência de memória teria semelhante efeito devastador em relação a nós mesmos, já que encontraríamos todas as manhãs ao espelho um ilustre desconhecido, uma vez que não teríamos armazenados informações sobre nossa identidade ou história de vida.

Desse modo, podemos perceber como a memória está presente em nossas vidas de maneira biológica e faz parte do nosso ser de forma necessária e intrínseca à nossa existência. Assim, temos a **MEMÓRIA BIOLÓGICA**, uma parte do nosso ser, da nossa vivência, do nosso organismo biológico, psicológica, mental ao mesmo tempo nos remete ao ser social, assim sendo, temos uma memória viva que compõe o ser vivo.

Outra forma de encontrar a **MEMÓRIA CIBERNÉTICA** é referente à memória processada, encontrada no modelo de armazenamento e processamento de computadores. Nesse tipo de memória há uma programação realizada por máquinas, calculadoras, computadores, celulares, aparelhos de som, chips de computadores, aparelhos eletrônicos domésticos e máquinas pesadas da indústria, seja na automação, na automobilística, na indústria agrícola, mineradora ou de serviços de próteses humanas que auxiliam as pessoas que possuem algum tipo de deficiência ou sofreu amputação de membros. No cotidiano do homem contemporâneo vive-se, constantemente, o advento da memória não viva, ou seja, a memória cibernética ou memória programada nos computadores.

Como nos lembra Masaro (2010, p. 20):

De origem diretamente cibernética são os objetos técnicos conhecidos como próteses inteligentes. Trata-se de ferramentas capazes de se comunicar com os sensores naturais de movimento do corpo humano, como a mão mioelétrica, prótese que se move ao captar eletricidade muscular e decifrar a informação nela codificada; próteses de joelho, que podem doar a força do movimento executado; pés protéticos com sensores capazes de identificar, por diferenças de pressão, grau de inclinação da superfície pisada, evitando tropeções e pisadas em falso, braços biônicos que, conectados aos nervos do ombro por reinevação funcionam como os naturais.

Dessa maneira, vamos presenciando a utilização da memória cibernética no dia-a-dia das pessoas como algo natural e descomplicado, mas quando paramos para analisar esse tipo de vivência, conseguimos imaginar o quanto esse processo é complexo. Esse tipo de memória serve para auxiliar no processo de locomoção, comunicação, lazer, produção industrial e um número enorme de outras atividades sociais.

Outra maneira de encontrar a definição do termo memória é a **MEMÓRIA COLETIVA**, tratada por alguns como a memória que acontece no cotidiano das sociedades, na convivência humana, nos acontecimentos históricos e nas ações do homem como ser social. Como nos lembra Le Goff (1990), alguns cientistas foram levados a aproximar a memória de fenômenos diretamente ligados à esfera das

ciências humanas e sociais. Assim, é possível nos remeter à memória no contexto histórico social.

Desse modo, Le Goff (1990) nos remete a pensar a memória na produção da história a partir da ideia da psicanálise, da sociedade e da biologia e da cibernética.

Numa época muito recente, os desenvolvimentos da cibernética e da biologia enriqueceram consideravelmente, sobretudo metaforicamente e em relação com a memória humana consciente, a noção de memória. Fala-se da memória central dos computadores e do código genético é apresentado como uma memória da hereditariedade [cf. Jacob, 1970]. Mas esta extensão da memória à máquina e à vida e, paradoxalmente, a uma outra conjuntamente, teve repercussões diretas sobre as pesquisas dos psicólogos sobre a memória, passando-se de um estágio fundamentalmente empírico a um estágio mais técnico. (LE GOFF, 1990).

Podemos compreender a memória nesse contexto como sendo uma memória social, coletiva e histórica, resultado das ações humanas no decorrer da história, e dos processos histórico cultural, social e antropológico. Assim, encontramos a memória inserida no processo mental, psicológico e biológico.

Como a memória não se faz apenas no processo de lembranças, mas também no esquecimento, isso ocorre porque somos humanos e passamos por traumas que podem levar as lembranças como podem remeter ao processo do esquecimento. Nesse caso, temos a **MEMÓRIA INDIVIDUAL**, que faz parte da concepção humana em relação ao indivíduo de maneira particular, são as lembranças, as recordações, o inconsciente e o subconsciente do ser.

Outra vez nos remetemos a Le Goff (1990, p. 368), discutindo que:

Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (nomeadamente no seguimento de Ebbinghaus), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

É interessante perceber a capacidade da memória coletiva e individual em relação as manipulações históricas. Por exemplo, uma manipulação frequente que encontramos na história, faz referência aos acontecimentos sobre o período da ditadura civil militar no Brasil, entre 1964 a 1985. As narrativas de negação desse período histórico por parte dos militares, que ocultaram muitos crimes, e cometeram

desrespeito aos direitos humanos, processos forjados, discursos de valorização dos personagens militares e descréditos aos opositores que, pejorativamente, eram chamados de subversivos, terroristas, bandidos e comunistas.

Em Halbwachs (1990) há um debate sobre a questão relacionada à Memória e a História. Há uma ideia dada pelo autor sobre uma memória interior ou interna, e outra memória exterior.

Seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos, se o quisermos, a um interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. (HALBWACHS, 1990, p. 37).

Partindo dessa reflexão, é possível perceber que há uma relação entre a Memória e a História. Logo, podemos entender a memória dos indivíduos no processo histórico tendo uma relação direta sobre como essa memória entra no debate e pode ser entendida na sala de aula. É pertinente compreender esse conceito de memória dentro do pensamento museológico como sendo um conceito definido, ocupando seu espaço na formação da instituição museu e seu acervo. Então, podemos diferenciar e entender sua importância no espaço e na constituição da estrutura da museologia.

No debate sobre o conceito de **MEMÓRIA**, no dicionário de ensino de História, Gil (2019, p. 155) descreve:

Ao consultar um dicionário, encontramos o significado da palavra “memória” associada ao ato de preservar experiências do passado, conjunto de funções psíquicas que permite lembrar, reter ideias, impressões ou ato de guardar. Parece que dificilmente vamos encontrar a palavra “esquecimento” como parte da resposta ao que é memória.

Assim, podemos perceber que o conceito de Memória fica bem definido em relação ao que se debate em sala de aula, e fica bem compreensivo para os alunos e comunidade escolar, além de trazer uma ótima compreensão para as pessoas que, necessariamente, não estão na escola.

Qualquer pessoa pode entender o conceito sem muita complexidade. Esse é o objetivo dessa definição conceitual de memória, mas devemos lembrar que essa definição não é única, podendo ter outro entendimento dependendo do país, continente ou da nação, como nos lembra Gil (2019, p. 155).

Do que falamos quando falamos de memória? As respostas dependerão da disciplina, da época ou do pensador que dela se ocupa, seja ele um teórico francês, latino-americano, africano ou asiático. Não há, portanto, uma resposta unívoca. O conceito de memória tem seus fundamentos na universidade ocidental moderna, e hoje é importante reconhecer outras formas de pensamento que ampliem a perspectiva apontada para sua compreensão.

Desse modo, podemos perceber que há mais de um entendimento para esse conceito e isso nos leva a compreender que é possível pensar além da nossa realidade. Poderemos pensar no conceito moderno, no entanto, poderemos pensar esse conceito em outras culturas, países, grupos étnicos e contextos diferentes.

A memória é uma necessidade dos povos, pois é necessária para se compreender as relações sociais de um grupo, de uma etnia, da política, da educação e dos acontecimentos históricos, como nos fala Gonçalves (2008, p. 7):

A memória é fundamental para a construção de identidades sociais, pois cada grupo, a partir de suas tradições, constrói a sua memória, permitindo uma contínua re-eleaboração e transformação do conhecimento histórico. A identidade cultural de um país, estado, cidade ou comunidade se faz com a memória individual ou coletiva. É a memória que faz com que os indivíduos percebam o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que os acompanha.

Assim, podemos perceber a memória fazendo parte da construção histórica de um povo, um grupo étnico, um evento cultural, um processo de ensino e aprendizagem e uma produção legítima da história em um contexto socioeconômico. Assim, finalizo o texto sobre alguns conceitos que teremos que acessar quando realizamos ou pretendemos realizar práticas educativas no espaço do museu, ou a partir dos mesmos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando a instituição Museu da Imagem e do Som iguatense, podemos perceber como esse equipamento possui uma relevância social, política, museológica e histórica para a cidade de Iguatu e sua comunidade. Esse trabalho teve um propósito de compreender o Museu da Imagem e do Som de Iguatu com suas relações sociais, seus espaços, seu acervo, sua história e sua relação com a sociedade e com o público, seja este composto por estudantes, profissionais da educação ou população geral da cidade ou região vizinha.

A partir dos dados gerados com a aplicação do questionário junto a professores de História de Iguatu, foram respondidas questões sobre o museu, sua estrutura física, seu espaço, sua localização na cidade e as atividades desenvolvidas no mesmo. Assim, foi possível compreender o equipamento com um ponto de vista de outros colegas, analisando visitas feitas por eles ao espaço do museu enquanto professores de História.

Dessa forma, concluímos que o MIS é importante para a cidade, para a população e toda a comunidade escolar, da educação pública e privada, sendo fonte de inspiração, de manutenção da memória coletiva, preservação da cultura material e imaterial, mantendo viva a história da cidade e de seus vários personagens que compõem o museu.

Como produto final, elaborei um material contendo conceitos e significados de palavras de uso comum nos museus e em museologia, sobre história e memória, cultura material e imaterial e categoria de museus, tendo como objetivos deixar aos educadores, educandos um produto que sirva de orientação, pesquisa e que traga reflexões aos visitantes do museu, ou a quem procure pesquisar sobre o assunto. O propósito maior é deixar uma escrita sobre esse equipamento, que tenha uma utilidade e possa ajudar aos pesquisadores que busquem a produção do conhecimento científico, histórico, social, museal e patrimonial.

Dessa maneira, finalizo procurando deixar claro que, apesar das dificuldades e do momento que passamos com a pandemia, esse tema me trouxe muito aprendizado, muitas reflexões, havendo um ganho enorme em pesquisar um assunto tão importante e que possui valor histórico extraordinário.

Para finalizar, destaco aqui que apesar de todas as dificuldades encontradas na pesquisa, pudemos ter um olhar sobre o Museu da Imagem e do Som de Iguatu, tendo como fonte o questionário, e o olhar dos colegas professores que responderam ao mesmo. As respostas dadas sobre o Museu, foram bem positivas, pois mostraram como o equipamento possui uma importância na formação educativa, sua memória para a cidade, sua importância material e patrimonial e seu espaço servindo de inspiração para a juventude e para a sociedade iguatense.

É óbvio que esse trabalho não é apenas sobre as coisas positivas do museu. A partir desse trabalho, é possível notar as melhoras que o espaço precisa passar, sua estrutura, seu acervo precisa de melhores cuidados, a administração da instituição precisa ser feita por quem entende de museologia ou alguém que ao menos tenha formações na área de humanas. Não que um leigo não possa assumir a administração de um museu, mas se um profissional formado em museologia, ou com formação na área, assume tais cuidados, as chances de o museu ser melhor administrado é maior, e os prejuízos para a memória, para a história e para o equipamento museológico são menores.

Com a aplicação do questionário, foi perceptível perceber os problemas do museu, como a falta de espaço para realizar-se uma visita com um público de alunos em um número maior, a organização do acervo e o cuidado com as peças, a ausência de profissionais da área, o rodízio de funcionários, de acordo com a mudança na administração do prefeito, pois lá o funcionário é cargo comissionado, e dessa forma não se mantém uma política de valorização da instituição por parte do gestor público.

É interessante pensar aquele equipamento em um outro espaço da cidade que fosse capaz de garantir uma melhor comodidade aos visitantes, aos professores e alunos, bem como ao próprio acervo do museu, pois em um espaço adequado, com maior amplitude, maior espaço para o acervo e uma melhor visibilidade na área urbana, o museu ganharia maior visibilidade, e poderia receber com mais frequência, pessoas, grupos de estudantes, professores, comunidade e projetos educacionais.

No questionário aplicado, inclusive, se foi perguntado, se haveria um lugar na cidade em que o museu ficaria mais apropriado. Alguns indicaram locais como a antiga estação ferroviária, o complexo CSU, onde fica a escola de música de Iguatu e outros falaram que no lugar que está já está bom.

Dessa maneira, finalizamos o raciocínio sobre o trabalho dessa dissertação, acreditando que foi possível entender o museu e seu espaço, seus

problemas e suas virtudes, seu valor patrimonial, sua memória e história na cidade. Sabendo que não foi possível abordar tudo da maneira eficiente e elucidativa, mas podemos dizer que foi agradável e satisfatório escrever sobre o Museu da Imagem e do Som de Iguatu (MIS-IGUATU), pois o mesmo é importante, possui valor histórico e patrimonial da cidade de Iguatu.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de et al (org.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-batista-vieira>. Acesso em: 27 mar. 2021.
- ARAÚJO, Naiara Leonardo. **Iguatu e a experiência do cinema entre os anos de 1970 e 1980**. 2014. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação, formas e transformação da memória cultural**. Campinas: Unicamp, 2011.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 15 set. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm). Acesso em: 16 ago. 2021.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Kits didáticos do Museu da Imagem e do Som do Ceará. *In*: ACTAS DO CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA “SENTIDOS TRANSIBÉRICOS”, 1., 2008, Beja (Portugal). **Anais [...]**. Beja (Portugal): Escola Superior de Educação de Beja, 2008. p. 1-11.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Orientações para gestão e planejamento de museus**. Florianópolis: FCC, 2014.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Sobre os sentidos, os tempos e os destinos das coisas. *In*: CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte; WICHERS, Camila Azevedo de Moraes; COLLAÇO, Janine Helfst Leitch (org.). **Patrimônios culturais: entre memórias, processos e expressões museais**. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2017. p. 40-52.
- CARDOSO, Renata Padilha. **O museu como espaço de pesquisa: proposta para descrição do acervo fotográfico histórico**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- DESVALÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos chaves da museologia**. São Paulo: Armand Colin, 2013.
- GIL, Carmem Zeli de Vargas. Memória. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

GONÇALVES, Elzi. **Memória e ensino de História**: reflexões e práticas possíveis, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HEYMANN, Luciana Quillet. **De arquivo pessoal a patrimônio nacional**: reflexões acerca da produção de legados. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

IBRAM. **Guia dos museus brasileiros**. Brasília/DF: IBRAM, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LENZI, Isabella. **O Museu da Imagem e do Som de São Paulo**: o processo de criação e as diretrizes iniciais (1970-1980). 2018. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

LIMA, Eliomar de. Museu da Imagem e do Som do Ceará ganhará sede. **Blog do Eliomar**, Fortaleza, 5 jun. 2018. Disponível em: <http://blogdoeliomar.com.br/2018/06/05/museu-da-imagem-e-do-som-do-ceara-ganhara-sede/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

LOPES, Chico. **Projeto de Lei s/n, de 2015**. Institui o ano de 2015 como “Ano Nacional Humberto Teixeira: O Doutor do Baião”. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=32CA8678F8E7580CDA992197B6B5D6F7.proposicoesWebExterno2?codteor=1298909&filename=PL+245/2015](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=32CA8678F8E7580CDA992197B6B5D6F7.proposicoesWebExterno2?codteor=1298909&filename=PL+245/2015). Acesso em: 10 abr. 2021.

MARTINS, Luciana Conrado. **A relação museu/escola**: teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MASARO, Leonardo. **Cibernética**: ciência e técnica. Campinas: 2010.

MENDONÇA, Tânia Mara Quinta de Aguiar. **Museu da Imagem e do Som**: o desafio do processo de musealização dos acervos audiovisuais no Brasil. 2012. Tese (Doutorado em Museologia) – Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012.

MONTEIRO, Fernanda. Reflexões Epistemológicas dos arquivos e do fazer arquivístico enquanto instrumento de poder. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 313-322, 2014.

NEUFELD, Carmen Beatriz; STEIN, Lilian Milnistky. A compreensão da memória segundo diferentes perspectivas teóricas. **Rev. Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 50-63, 2001.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. São Paulo: PUC-SP, 1993.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

RUOSO, Carolina. **Museu Histórico e Antropológico do Ceará (1971-1990):** uma história do trabalho com a linguagem poética das coisas, objetos, diálogos e sonhos nos jogos de uma arena política. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SANTOS, Suzy da Silva. **Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil:** estudo exploratório de possibilidades museológicas. 2017. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SECULT. **Museu do Ceará.** 3 jan. 2013. Disponível em: <https://www.secult.ce.gov.br/2013/01/03/museu-do-ceara/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SILVA, João; GONZAGA, Luiz. Doutor do Baião. *In:* GONZAGA, Luiz. **O Doutor do Baião – Humberto Teixeira.** Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2003. Faixa 5.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos.** São Paulo: Contexto, 2009.

VIANNA, Letícia Rodrigues. Patrimônio Imaterial. *In:* GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural.** 2. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016.

## ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA DA URCA

UNIVERSIDADE REGIONAL DO  
CARIRI - URCA



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** O MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE IGUATU-MIS: MUSEU E MEMÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

**Pesquisador:** JOSUE MAGALHAES FERREIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 38736620.3.0000.5055

**Instituição Proponente:** Universidade Regional do Cariri - URCA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.435.110

**Apresentação do Projeto:**

A pesquisa sobre o Museu da Imagem e do Som de Igatu busca compreender esse equipamento junto à comunidade escolar e seus usos no âmbito do ensino e aprendizagem relacionando alguns termos como história, memória e educação. Apoiado em uma bibliografia voltada para o tema, procuro analisar essa ferramenta de uso coletivo numa ideia de ensino e aprendizagem voltada para o benefício dos alunos e professores da rede municipal, estadual, federal e privada. A proposta é entender o Museu da Imagem e do Som, MIS, conhecendo seu acervo, sua localização no espaço da cidade, o projeto de lei nº 009/89 que criou o Museu Francisco Alcântara Nogueira, buscando relacionar com o ensino médio, a história e a memória. O projeto será desenvolvido levantando uma proposta de redirecionar um outro espaço mais adequado ao museu e produzir uma cartilha

com palavras e termos utilizados na museologia, e que muitos alunos e professores desconhecem por falta de oportunidades, ou por não estarem inseridos em atividades voltadas para tal equipamento. Palavras-chave: Ensino de História. Memória. Museu da Imagem e do Som de Igatu.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Compreender como o Museu da Imagem e do Som Francisco Alcântara Nogueira, da cidade

Endereço: Rua Cel. Antônio Luiz, nº 1151  
 Bairro: Pimenta CEP: 63.105-000  
 UF: CE Município: CRATO  
 Telefone: (88)3102-1212 Fax: (88)3102-1291 E-mail: cep@urca.br

UNIVERSIDADE REGIONAL DO  
CARIRI - URCA



Continuação do Parecer: 4.435.110

de Iguatu/CE, é apropriado pela sociedade local em suas diversas experiências sociais, em especial por professores e alunos de escolas de ensino médio.  
**Objetivo Secundário:**

Compreender o museu como um espaço para a produção do conhecimento histórico, principalmente como recurso para a Educação Básica;  
investigar o seu uso na educação básica, problematizando conceitos como História e Memória. Mapear o espaço do museu e seus personagens (principais figuras ilustres da cidade, quem mantém estrutura do museu, seus principais colaboradores em relação aos objetos do acervo). Produzir uma cartilha para professores, alunos e comunidade em geral que possa contribuir com verbetes ligados à questão museal e da produção historiográfica deste campo. Elaborar uma proposta de organização do acervo do museu, de acordo com pressupostos da museologia, procurando, junto ao legislativo municipal, um projeto de mudança do atual local para um outro prédio no centro da cidade.

**avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo que será reduzido mediante apoio psicológico, se assim for necessário, por parte de um profissional da área.

**Benefícios:**

Os benefícios esperados com o estudo são no sentido de dar visibilidade ao uso do Museu da Imagem e do Som de Iguatu à sociedade local;  
resgatar a memória do referido museu na cidade; e promover um maior uso do museu por professores e alunos da educação básica do município

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Ética e relevante.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide campo de conclusões.

**Recomendações:**

Vide campo de conclusões.

Endereço: Rua Cel. Antônio Luiz, nº 1161 CEP: 63.105-000  
Bairro: Pimenta  
UF: CE Município: CRATO  
Telefone: (88)3102-1212 Fax: (88)3102-1291 E-mail: cep@urca.br

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO  
CARIRI - URCA**



Continuação do Parecer: 4.435.110

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Enviar o relatório parcial e final conforme Art. 28, Resolução 510/2016 e Resolução 466/12, junto sistema CEP/CONEP.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1632303.pdf	25/11/2020 16:10:34		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODOCUMENTOCORRIGIDO.doc	25/11/2020 16:06:33	JOSUE MAGALHAES FERREIRA	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	25/11/2020 15:28:19	JOSUE MAGALHAES	Aceito
Outros	OUTROS.docx	27/10/2020 18:55:25	JOSUE MAGALHAES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	DOCUMENTO.docx	27/10/2020 18:50:25	JOSUE MAGALHAES FERREIRA	Aceito
Folha de Rosto	documento.pdf	23/09/2020 15:19:52	JOSUE MAGALHAES	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CRATO, 03 de Dezembro de 2020

Assinado por:  
oleide correia de Oliveira  
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cel. Antônio Luz, nº 1151  
Bairro: Pimenta CEP: 63.105-000  
UF: CE Município: CRATO  
Telefone: (88)3102-1212 Fax: (88)3102-1291 E-mail: cep@urca.br

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI-URCA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA**

**Questões para entrevista com professores (as)**

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Município de residência: \_\_\_\_\_

Tempo de experiência de trabalho: \_\_\_\_\_

Local de formação: \_\_\_\_\_

Licenciado em: \_\_\_\_\_

Disciplinas atualmente ministradas: \_\_\_\_\_

**Questões para geração de dados da pesquisa****01)** Sobre o Museu da Imagem e do Som de Iguatu, indique:

a) Qual a importância do mesmo para a cidade?

b) Qual a importância do equipamento para o ensino de História?

c) Qual a importância do mesmo para o ensino em geral?

**02)** Em relação à produção de conhecimento histórico em espaços não escolares, como você vê o papel de museus e do Museu da Imagem e do Som de Iguatu, mais especificamente?

- 03)** Como professor (a), você já fez uso do museu para atividades com seus alunos?
- 04)** Se a resposta anterior (questão 3) for positiva, relate a(s) experiência(s) que teve.
- 05)** Em sequência e articulado com a mesma questão 4, avalie o resultado da (s) atividade(s) desenvolvida(s).
- 06)** Você costuma visitar museus? Se a resposta for positiva, indique quais foram e em que situações.
- 07)** Para você, qual é a função social de um museu? E, especificamente, do Museu da Imagem e do Som de Iguatu?
- 08)** Em relação ao Museu da Imagem e do Som de Iguatu, a condição física de seu espaço e Acervo do mesmo, como você avalia.?
- 09)** O espaço em que está localizado o museu é adequado para o mesmo? E para atividades pedagógicas?
- 10)** Você indicaria na cidade de Iguatu um outro espaço onde o museu pudesse ser instalado? Se sim, qual seria?
- 11)** Em relação ao acervo do museu em questão, o que lhe chamou mais a atenção? Por quê?

**12)** Descreva a coleção de peças/objetos que você viu no museu.

**13)** Entre estas três ideias abaixo, escolha uma ou mais e justifiquem sua resposta:

a) o museu é um espaço para guardar objetos antigos;

c) o museu é um espaço de reflexão.

Justificativa:

**14)** Sobre os conceitos de memória e história, você considera que são iguais ou diferentes? Justifique a sua resposta.

**15)** Para você um museu ideal, que pudesse contribuir com a aprendizagem dos alunos do ensino básico, que pré-requisito deveria atender?

**16)** Registro de observações livres sobre a entrevista do entrevistado.